A minha casa não *é melhor que a da vizinha.*

Um projecto para o terreno dos Coelhos, Almeida.



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentado à
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto por:

João Santos Monteiro Leite da Cunha

Orientador

Professor Doutor Pedro Alarcão

Ao professor Pedro Alarcão por todo o acompanhamento, pela motivação e pela dedicação.
Aos primos e aos tios que ajudaram a fazer de Almeida e dos Coelhos o que eles são para nós hoje.
Ao Miguel e ao Pedro, pelas discussões, confusões, bulhas e brincadeiras.
À Maria.

Aos meus pais, José e Teresa, por tudo. Este trabalho é principalmente vosso.

E a todos os que estiveram ao meu lado ao longo destes anos, amigos.
Obrigado.

01. Paisagem no terreno dos Coelhos.
José Eduardo Cunha

Resumo

O projecto começou há pelo menos uma década. Começou com a jovem promessa de José e de Teresa de que iríamos construir uma casa para a família em Almeida, para nos podermos mudar do Porto. Essa promessa nunca se chegou a realizar, de certa maneira as prioridades foram flutuando para outros assuntos. Agora, com o curso em fase de conclusão, encontramos na dissertação o motivo para a recuperar. Organizamos, assim, a investigação e argumentação, teórica, em torno de um projecto, prático - o de realizar a residência de uma livreira e de um fotógrafo que vivem no Porto, mas que há muito que idealizam passar as suas rotinas para calma da vila de Almeida, agora focando-se no último terço das suas vidas.

Motivados por este princípio *'pivotante'*, propomos ordenar a dissertação em três capítulos: *"1. Condição prévia"*, *"2. Crise"* e *"3. Da ética para estética [sobre o papel das referências no discurso]"*; apoiados respectivamente por três anexos: *"A: registos do levantamento"*, *"B: o projecto do fotógrafo e o da livreira"* e *"C: elementos da proposta"*. A estrutura proposta corresponde, no nosso entender, ao que consideramos ser os momentos chave da experiência prática do exercício de arquitectura enunciado.

Esperamos sinceramente que um dia este documento possa ser consultado, e possa introduzir algum aluno curioso a algum dos problemas evocados. Encontramos igual sucesso tanto numa futura corroboração como refutação deste estudo, desde que ele se revele uma ferramenta para densificar algum discurso, de natureza teórica ou prática.

Abstract

This project started at least a decade ago. It started with the young promise of José and Teresa that we would build a house for the family in Almeida, as a way to move out of Porto. That promise never became truth, in a certain way the priorities kept drifting to other subjects. Now, with the studies in a conclusive stage, we find in this dissertation the motive to recuperate such promise. Thus we organized this investigation and argumentation, theoretical, around a project, practical - the one to design the residence of the bookseller and the photographer that live in Porto, but that idealize for a long time a way to spend their routines in the serene and quiet town of Almeida, now focusing on the last third of their lives.

Motivated by this '*pivotal*' motif, we propose to structure the dissertation in three chapters: *"1. Precondition"*, *"2. Crisis"* and *"3. From ethics to aesthetics [about the role of references in the discourse]"*; upholded respectively by three annexes: *"A: records of the survey"*, *"B: the project of the photographer and the one of the bookseller"* and *"C: elements of the proposal"*. The proposed structure matches, in our understanding, what we consider to be the key points of the practical experience of the stated architectural exercise.

We sincerely hope that one day this document can be consulted, and can introduce some curious student to any of the evoked themes. We find equal success in both a future corroboration as in the rebuttal of this study, as long as it reveals a tool to densify any discourse of theoretical or practical nature.

Agradecimentos [3]

Resumo [5]

Abstract [7]

Nota Introdutória [11]

1. Condição prévia [15]

1.1 *Cristalização estática da vila de Almeida.*

1.2 *Mais um êxodo rural.*

1.3 *O culto da saudade.*

1.4 *Os novos campesinos: os urbanos, os suburbanos, e os de fora.*

apêndice A - Registos do levantamento [41]

apêndice B - O Projecto do fotógrafo e o da livreira [59]

2. Crise [65]

2.1 *O futuro do retrocesso.*

2.2 *A resposta (doméstica) à Superabundância*.*

2.3 *A resposta (urbana) à Superabundância*.*

2.4 *O tempo como programa.*

2.5 *Constante reprogramação, o papel da obra aberta.*

3. Da ética para a estética [sobre o papel das referências no discurso] [101]

3.1 *Alguns apontamentos sobre o papel do passado na produção arquitectónica.*

3.2 *A contradição do património genérico.*

3.3 *Forma: projecto analógico.*

3.4 *Tempo: sobre o metabolismo orgânico da proposta.*

3.5 *Atmosfera: a celebração do acto doméstico.*

apêndice C - Elementos da proposta [133]

Considerações Finais [170]

Referências bibliográficas : Índice de imagens [177]

Nota editorial:

A presente dissertação está escrita em português, não concordante com o novo acordo ortográfico.

As traduções presentes no documento são livres, fiéis ao original, em português correcto.



02. Noite de Verão em Almeida.
José Eduardo Cunha

O projecto começou há pelo menos uma década. Começou com a jovem promessa de José e de Teresa de que iríamos construir uma casa para a família em Almeida, para nos podermos mudar do Porto. Essa promessa nunca se chegou a realizar, de certa maneira as prioridades foram flutuando para outros assuntos. Agora, com o curso em fase de conclusão, encontramos na dissertação o motivo para a recuperar. Organizamos, desta maneira, a investigação e a argumentação, teóricas, em torno de um projecto, prático: o de realizar a residência de uma livreira e de um fotógrafo que vivem no Porto, mas que há muito que idealizam passar as suas rotinas para calma da vila de Almeida, focando-se agora no último terço da vida.

Motivados por este princípio *'pivotante'*, propomos ordenar a dissertação em três capítulos: *"1. Condição prévia"*, *"2. Crise"* e *"3. Da ética para estética [sobre o papel das referências no discurso]"*; apoiados respectivamente por três anexos: *"A: registos do levantamento"*, *"B: o projecto do fotógrafo e o da livreira"* e *"C: elementos da proposta"*. A estrutura proposta corresponde, no nosso entender, ao que consideramos ser os momentos chave da experiência prática do exercício de arquitectura enunciado.

Nesse sentido, dedicamos a primeira parte da investigação - *"1. Condição prévia"* - da presente dissertação à análise do lugar e das intenções que promovem a intervenção proposta. Procura-se, através da conjuntura de registos históricos, populares e pessoais (íntimos), traçar uma interpretação da condição contemporânea do território do interior português, profundamente debruçada sobre o caso concreto em estudo: a vila de Almeida. Como referido anteriormente, o primeiro capítulo culmina no exercício prático de levantamento e o reconhecimento do terreno dos Coelhos, exposta no primeiro anexo - *"A: registos do levantamento"* - onde se propõe a intervenção, naturalmente informado pela agitação teórica da investigação que o procede.

O segundo capítulo – *"2. Crise"* – é enquadrado, num primeiro momento, pela exposição concreta, registada, dos princípios enunciados por Teresa e José com os quais pretendem informar a projecção das estruturas de ocupação da sua propriedade, expostos no segundo anexo - *"B: o projecto do fotógrafo e o da livreira"*. À semelhança da investigação do primeiro capítulo, e no seguimento da mesma, revisitam-se registos históricos e teóricos, próprios do estudo da disciplina da Arquitectura, fundacionais de uma posição crítica em relação ao estado da habitação contemporânea e das tipologias emergentes, alternativas à massificação dos modelos especulativos, incidindo especialmente no estudo aprofundado da filosofia própria ao *"Cohousing"*. Nesta altura, a investigação teórica e, acima de tudo, a posição tomada tanto por José e por Teresa, como por nós, permite-nos construir uma estratégia de ocupação do terreno concreto dos Coelhos, em profunda concordância com o raciocínio que provém do estudo levado a cabo até à altura.

O remate da dissertação – *"3. Da ética para estética [sobre o papel das referências no discurso]"* - dá-se através transposição da investigação teórica explorada até ao momento, de natureza ética e social, para um discurso incidente na prática arquitectónica de projecto, e dos princípios adoptados na projecção da expressão estética da construção. Neste momento, propõe-se uma reflexão sobre o papel autoral no exercício da Arquitectura, através da visita a vários autores canónicos, tanto na dimensão prática e material do corpo de obras que constituem o universo referencial dos autores da dissertação, como na posição e investigação teóricas de arquitectos canónicos sobre a prática concreta, domesticada naturalmente às posições éticas tomadas nos capítulos anteriores. Culminamos, desse modo, o presente capítulo, e a dissertação, por sinal, com a exposição gráfica, munida das ferramentas exploradas no decorrer do curso de Arquitectura, do projecto concreto originário da dissertação e de toda a investigação - *"C: elementos da proposta"*.

Por opção do autor, a dissertação redige-se em concordância com o antigo acordo ortográfico. Consideramos também pertinente a tradução das citações, livre e em português correcto, de modo a potenciar uma leitura fluida e coerente do corpo de texto da dissertação.

As opções bibliográficas são temáticas e íntimas, no sentido em que se regem pelos temas levantadas nos diferentes momentos da investigação e, em simultâneo, pelo estímulo pessoal dos autores, procurando sempre garantir a coerência do raciocínio levado a cabo.

Graficamente, a dissertação organiza-se num único volume, estruturado segundo o discurso da investigação. Os princípio editoriais regem-se pela divisão clara do que é o discurso teórico, escrito, e o seu apoio gráfico.

Achamos, ainda, pertinente referir que em momento algum assumimos a proposta como uma resposta normalizável, ou transportável, de maneira gratuita, para outros contextos, como uma solução una às problemáticas evocadas. Para além de se tratar de um exercício profundamente emocional, fruto das relações íntimas nutridas pelo lugar e pelos clientes, o contributo ambicionado para a dissertação é o de participar, alimentar e alimentar-se, em simultâneo, de uma argumentação profundamente complexa, direccionada para uma prática arquitectónica, domesticada às condicionantes do território físico da vila de Almeida, do terreno dos Coelhos, e às vontades expressas de José e de Teresa.

Esperamos sinceramente que um dia este documento possa ser consultado, e possa introduzir algum aluno curioso a algum dos problemas evocados. Encontramos igual sucesso tanto numa futura corroboração como refutação deste estudo, desde que ele se revele uma ferramenta para densificar algum discurso, de natureza teórica ou prática.

Em último caso, compreendemos que a nossa postura, ao conduzir a investigação e a sua tradução em projecto, se pode traduzir numa *"… luta frenética com as coisas e ainda com o nosso próprio carácter, para conseguir de facto o que somos em projecto."*[1].

1 **Fernando Távora**, sublinhados parciais. In *"Goethe desde dentro. El punto de visita en las artes. El hombre interesante."*, Revista do Occidente, Madrid, 1993, pp.3-4. *Apud.*, ***Manuel Mendes***, *"II Da Síntese. 'O dilema da circunstância.'"*. In *"Fernando Távora: a minha casa : da organização do espaço : da harmonia do nosso espaço : da harmonia do espaço contemporâneo : uma porta pode ser um romance."*, Porto: FIAMJS, 2013.



03. Vale do Côa.
José Eduardo Cunha

1 *Condição Prévia*

"Da minha Aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha Aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste Outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a única riqueza é ver."[1]

1 **Alberto Caeiro**, *"O Guardador de Rebanhos"*. In "*Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa"*, Lisboa: Ática, 1946, 10ª ed, 1993, p.32. *Apud.*, ***Álvaro Domingues****, "Destruição: Registos do trauma da perda do Portugal Rural."* Punkto nº2, *'Destruição'*, Porto, Maio de 2011, p.17.



04. Os acampamentos da família no terreno dos Coelhos
José Eduardo Cunha

Não foi surpresa nem novidade, quando José e Teresa Cunha anunciaram a vontade de viver em Almeida; a vontade de habitar o terreno d'Os Coelhos, herança de António dos Santos Monteiro. Não foi a primeira vez que o fizeram.

Importada dos antepassados nascidos na vila, ou nas terras que lhe são periféricas, reconhecemos, num primeiro momento, uma carga emocional inerente ao território físico do lugar onde se propõe a intervenção. Convencemo-nos da importância de considerar, na nossa postura em relação ao enunciado, o *'culto'* de uma relação íntima, fruto de uma herança familiar.

Na infância, o ócio concretiza o primeiro contacto com a terra. O clima deleitoso do Verão e as pausas escolares são o pretexto para o refúgio no campo, durante as longas temporadas dos meses das interrupções entre anos lectivos. No resto do ano, para além de ocasionais visitas, permitidas pelo atenuar do afã das rotinas, temos as histórias de outros Verões passados, dos vulgares costumes antigos, romantizados pelo discurso do tempo. Teresa encontrou no pai e na avó, almeidenses, esses testemunhos. Acrescentou-lhes, através das experiências próprias, os seus, à semelhança dos seus irmãos. Hoje transmitem-nos aos filhos. O ritual repete-se, perpetua-se, desta maneira, a intimidade com Almeida, herdada e programada, simultaneamente, transportada pelas relações e experiências familiares. José, portuense de nascimento, perfilhou essa proximidade com o caso concreto em estudo, através do casamento, não sendo por isso menos genuína, ou mais débil.

Já não nos lembramos dos primeiros familiares que para aí foram viver. As memórias mais antigas datam do momento transitivo para o século XX. Tanto a avó de Teresa, Laurinda, como o seu pai, António, relataram aos netos ou filhos, a realidade da antiga ruralidade, narrada na primeira pessoa. Tempos em que ainda dependiam da terra e dos animais. Tempos em que saíam da escola, sem saber ler ou escrever, para trabalhar. Romantiza-se à mesa, ou à braseira, essa realidade, aparentemente longínqua. Contam-se as histórias dos trabalhos precoces e dos truques para enganar os lobos. As dificuldades aportadas pela vida no campo são atenuadas, até admiradas, pelo romance. Teresa lembra-se brevemente das suas experiências num mundo já muito degradado. Sabe que não gostava de ir para a casa da avó, não tinha banheira nem duche para se lavar. Para a jovem contrariada, essa terra chamava-se *'Almerda'*. Hoje escolhe esquecer-se desses embaraços. As ideias de humildade e autenticidade confundem-se, num conceito híbrido.

1.1 *Cristalização estática da vila de Almeida.*

Equilibrando a visão íntima e popular dos relatos familiares e, até certo ponto, complementando-os, temos a história, impessoal e factual. Sabemos que a fundação da vila se dá antes do Reino de Portugal. O nome sugere um assentamento



05. Encenações da terceira Invasão Francesa na Vila de Almeida, 2012.

mouro[1] , apesar de serem conhecidos estabelecimentos castrejos na região[2]. A sua localização, *"… a cerca de três quilómetros da margem direita do rio Côa, a 736 metros de altitude no vasto planalto das Mesas …"*[3] , na fronteira volátil de reinos feudais, justifica a sua natureza operativa militar, erguida sob a tipologia de cidade amuralhada. Esse papel persistiu durante a grande parte da sua história, estando ao serviço das mais variadas administrações. Inato à sua natureza defensiva, e de se ter revelado palco de vários conflitos, as muralhas sofreram várias agressões. A violência das *"… lutas constantes por leoneses, mouros e portugueses …"*[4] conformou-a, transfigurou-a ao longo do tempo. A evolução das maneiras de guerrear tiveram, também, correspondências directas no desenho e na volumetria das fortificações.

Do período medieval, conhecem-se os desenhos de Duarte D'Armas que, enviado da corte de D. Manuel II, levou consigo a missão de registar o estado das fortificações do território fronteiriço do reino Lusitano. A muralha registada nesse momento, erguida no planalto, já não é reconhecível. Na história narrada pelas vozes populares, é relatada a traição de um português, um infiel à pátria, que revelou às facções francesas a localização do paiol onde guardavam as provisões necessárias para proteger a fronteira, sob a persistente ameaça de conflito. Durante o cerco, os militares lusos trataram de arrecadar as munições numa torre, um dos últimos vestígios da muralha medieval. A sorte e a vista apontada do canhão francês, conduziram o disparo para a torre. Ainda hoje, nas encenações do episódio que se realizam todos os Verões, se celebra essa agressão ao castelo medieval, culminando numa, de várias, ocasiões de conquista da vila[5].

Ao contrário de outros exemplares na proximidade, com os seus castelos graníticos relativamente intactos, transfigurados pelos inevitáveis castigos da chuva e da erosão, a fortaleza de Almeida não contrariou as *"inovações ocorridas na artilharia"*[6] . Ainda assim, persiste a generalidade da malha urbana medieval, irregular, corrompida pontualmente pelo rigor dos engenheiros do exército, ilustrando *"… até que ponto a arquitectura militar permanecia vinculada à geometria…"*[7] , mais precisamente no desenho do espaço público, moldado pela necessária adaptação aos novos instrumentos de guerra. Os muros volumosos transfiguraram-se, perderam altura, tornam-se rasos. Desenrolam-se por várias camadas, escavando

1 *"Terra de mouros, que lhe terão dado o nome…"*; **Maria Magalhães Ramalho**, **António Homem Cardoso**, *"Aldeias Históricas: Almeida, Belmonte, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da beira, Monsanto, Piódão, Sortelha, Trancoso."*, Lisboa: Edições Inapa, 2004, p.11.

2 Evocamos, para este efeito, os vestígios de pinturas rupestres no vale do Côa.

3 **Margarida Tavares da Conceição**, *"Da Vila Cercada à Praça de Guerra: formação do espaço urbano em Almeida, século XVI-XVII."*, Lisboa: Livros Horizonte, 2002, p.27.

4 **Maria Magalhães Ramalho**, **António Homem Cardoso**, *"Aldeias Históricas: Almeida, Belmonte, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da beira, Monsanto, Piódão, Sortelha, Trancoso."*, *op. cit.*, p.11.

5 A veracidade histórica deste episódio fica por comprovar factualmente, sendo esta apenas a história narrada por familiares próximos ou por almeidenses.

6 **Margarida Tavares da Conceição**, *"Da Vila Cercada à Praça de Guerra: formação do espaço urbano em Almeida, século XVI-XVII."*, *op. cit.*, p.15.

7 *Idem*, p.19.



06. Vista aérea da vila de Almeida, 1995.

fossos, erguendo baluartes. A razão de ser da muralha mantém-se imutável: evitar o avanço dos invasores; adaptada posteriormente às novas técnicas de guerrear, aliadas à invenção das armas de fogo. A sobreposição das intervenções, correspondentes a períodos dispersos no tempo, de diferentes sistemas ofensivos e defensivos, tornam este exemplo português num caso particular, no panorama nacional. Apesar da aplicação d'"*os novos princípios da escola holandesa e da escola francesa…*"[8] , esta estrutura concreta contrasta com outros casos europeus, exemplares, como a francesa Neuf-Brisach (reticular) ou a italiana *Palmanova* (radial), por exemplo, desenhadas na íntegra segundo os padrões geométricos canonizados.

Sumariamente, no caso almeidense confundem-se os quelhos irregulares medievais com o rigor moderno. A estrutura urbana que preserverou até aos nossos dias revela um exercício de adaptação de traçados contrastantes, enfatizando os naturais constrangimentos gerados pela coabitação de dois princípios de desenho desavindos.

O natural desenrolar da nossa história, como está registada, trouxe novos avanços diplomáticos que culminaram no (bem-vindo) cessar das guerras que assolaram, em tempos, o território raiano. A fortaleza de Almeida, e as suas semelhantes, perderam assim a sua razão funcional. Abandonada, parcialmente arruinada, encontrou no estatuto de *'património cultural'* o travão à sua degradação, e o investimento para a sua recuperação, em simultâneo. Mantém-se assim rotulada até hoje, preservada como um testemunho da antiga necessidade de protecção da fronteira, cristalizada.

O que inicialmente salvou a vila da erosão, com o tempo introduziu uma crise identitária, patológica um fenómeno de *desumanização* do espaço antes habitado. Por outras palavras, o estado problemático da vila é, em parte, consequente da quebra de um vínculo operativo do espaço construído com a comunidade que aí reside[9]. Até certa maneira, o estatuto de património mantém a estrutura urbana como o registo de um passado sem atender ao presente. Para além dos funcionários dos núcleos museológicos, onde fragmentos dos muros, balas de canhões desenterradas na lavoura dos terrenos circundantes, ou qualquer outro vestígio desse passado, são expostos, não há muito mais que a muralha desactivada oferece aos Almeidenses[10].

Grande parte das habitações, e da globalidade das estruturas construídas, do núcleo urbano histórico encontram-se desabitadas, em elevado estado de degradação. Desconfortavelmente implantadas, prisioneiras do desenho do tecido urbano medieval e dos limites físicos da muralha, respeitando o discurso autoritário da

8 *Idem*, p.15.

9 Esta quebra não se manifesta integralmente nas consequências do estatuto de património, como vamos visitar mais adiante na dissertação.

10 Há algumas excepções, alguns edifícios considerados património ainda não se encontram em total estado de desuso, como o picadeiro D'El Rey e a Pousada da Juventude.



*"A melancolia suspende o final do luto e a consciência da perda, porque aquilo que era ao mesmo tempo amado e objecto de amor, permanece em pedra sólida e digna de presença."**

07. Da série 'Casa das Sete Senhoras'.
Tito Mouraz

* **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo."*, Porto: Dafne, 2011, p.211.

ditadura patrimonial, apresentam naturais constrangimentos com a constante evolução das novas dinâmicas contemporâneas. Encontramos nos obstáculos impostos à actualização das infra-estruturas e dos equipamentos da vila, sob a consideração de danificarem a genuinidade do que se procura preservar, consequências directas no afastamento da população, para os grandes centros urbanos nacionais ou internacionais. O fenómeno alastra-se ao território satélite da vila, que se alimenta da sede administrativa do concelho. O embaraço de requalificar e adaptar as estruturas antigas para uso contemporâneo, ou a falta de respostas a esse tema, sufocadas pelo seu estatuto patrimonial, tem o resultado expectado de participar na desertificação da vila e do território que lhe é circundante. A exposição deste sintoma, aplicado aqui ao caso concreto da vila de Almeida, é também transportável a muitos outros no território Português.

Em certo sentido, entendemos que o rótulo patrimonial, '*burocrático*'[11], num primeiro momento encarregado de proteger uma identidade em crise, termina por se revelar (pelo ingénuo abuso do estatuto) um travão à evolução orgânica das estruturas construídas. Um breve passeio pelas estreitas ruas da vila, evidencia à partida um vasto leque de edifícios, de vários períodos históricos e vários programas, desde o Quartel das Esquadras, a pequenas casas de uma única assoalhada, desactivados, mortos, maquilhados pela identidade nacional.

Da família de Teresa já ninguém aí vive. Apenas António, o seu irmão, ainda plantava nos terrenos herdados, principalmente pinheiros, quando subsidiado pelos programas governamentais que acompanharam a entrada optimista na União Europeia. Esses já acabaram há uma década, os pinheiros ainda lá estão, muitos doentes ou castigados pelas pragas da lagarta. Para além desses terrenos, esse irmão recuperou uma estrutura, também herdada, de uma pequena dependência em ruínas. Hoje é a casa-refúgio da família em Almeida. A antiga casa onde a sua avó vivia mantém-se em ruínas, do outro lado do ribeiro. Mas a estrutura de serviço não, essa está habitada, rodeada de pinheiros.

Infelizmente, este não nos parece que seja um caso isolado no panorama nacional. Já quando se alugava uma casa no Arrabalde de Santo António, antes do tio ter erguido o seu refúgio, um número considerável das casas que rodeavam a pequena rua alcatroada mantinham-se vazias durante grande parte do ano. No Verão enchiam-se de habitantes. Alguns são portugueses que gritam em francês, quando querem algo da cozinha. Não podemos dizer que vivem em Almeida, são flutuantes. Nós também somos assim. É normal quando não há razão para ficar.

Mas a vila mantém-se, e as muralhas também, minimamente. Essa é a vontade administrativa. O rápido retorno da actividade turística, ainda que bastante li-

11 *"Invólucros Burocráticos de preservação promovem, de facto, transformações radicais (...). Produzem uma inteiramente nova linguagem arquitectónica de consumismo disfarçado."*, **Office for Metropolitan Architecture**, *"Cronocaos"*, apresentação do escritório, enquadrada no contexto da Bienal de Veneza, 2010 (disponível em www.oma.eu/projects/venice-biennale-2010-cronocaos).



*"Vamos esquecer a terra? É nela que nos apoiamos, dela que nos alimentamos, ela que configura as nossas comunicações físicas. Nela que moraram os nossos antepassados. Marcados pelo território, transmitiram-nos as estruturas sociais com que nos organizamos, as técnicas agrícolas que em parte a dominam, e tudo o mais que foi moldando as nossas comunidades até hoje."**

08. Vestígios dos incêndios recentes terreno dos Coelhos, 2017.
José Eduardo Cunha

* **José Mattoso**, *"Portugal, o Sabor da Terra: Beira."*, Lisboa: Círculo de Leitores, Pavilhão de Portugal/Expo '98 p.11. *Apud.*, **Álvaro Domingues**, *"Volta a Portugal"*, Lisboa: Contraponto, 2017, p.52.

mitada, é demasiado aliciante. Grande parte do investimento é conduzido para a celebração duma "identidade portuguesa". Simulam-se, deste modo, as antigas portas da muralha medieval com o granito fresco extraído da pedreira do vale do Côa, em Pinhel, rasgado pelas retroescavadoras. É suportado por uma subestrutura metálica, tal qual um parque temático. Mas não conseguem maquilhar a crise na paisagem, essa mantém-se, sincera e em constante conflito.

A propriedade dos Coelhos faz parte dessa paisagem. A negligencia com que foi castigada durante anos é manifesta no estado arruinado das estruturas que lá encontramos, como vamos revelar num outro momento. A impossibilidade de Teresa e de José de a explorarem, por falta de conhecimentos específicos, revela-se na flora selvagem que domina todo o granito talhado e erguido pelos homens, nas eiras, nos muros, nas pocilgas, … Dois incêndios já queimaram o terreno, o último em 2017. Hoje, a única actividade que praticam aí é o ocasional pasto de gado, bovino e ovino, ou como refúgio de alguma égua prenha, por cedência dos proprietários. Parece-nos imperativo entender que, apesar do véu patrimonial que cobre a estrutura estrelada da Vila de Almeida, todo o território ainda lamenta o desfoque da atenção ao motivo operativo da região, ou à necessidade de evolução dessa mesma razão funcional.

1.2 *Mais um êxodo rural.*

Esta primeira leitura da vila raiana, compromete-se com a noção de património como um motivo que gera naturais reacções, que reflectem de certa maneira o panorama sócio-cultural, desordenado, de Almeida contemporânea. Enquanto que num primeiro momento reconhecemos o valor positivo da celebração histórica da vila, vemos na sua imposição autoritária consequências que impedem a evolução orgânica da estrutura urbana, natural a qualquer habitat artificial construído, humano. No entanto, consideramos que a interpretação desse fenómeno, e da sua agenda, pode enquadrá-lo como uma reacção à crise global da indefinição do que é considerado território *Urbano* e o que é *Rural*.

Comecemos por considerar que "*'Cidade' e 'Campo' são conceitos vagos por terem perdido o seu significado mutuamente exclusivo, tal como foram construídos no senso comum.*"[12]. Neste seguimento, sentenciamos a leitura binária do território construído, segundo os termos evocados anteriormente, por a entendermos como francamente desactualizada.

Reconhecemos um passado, em que a *Cidade* e o *Campo* se muniam de uma clareza operativa, comportamental. Nessa janela temporal, vaga, eram claros os seus papéis na construção sócio-cultural da comunidade portuguesa, espelhados directamente nas figuras do *cosmopolita* e do *campesino*. No entanto, a sua tra-

12 **Ivo Poças Martins**, *"A cidade é contínua, o campo continua! A água como recurso de projecto urbano."*. ArqA: Arquitectura e Arte, 101, *'Persistências Rurais'*, Lisboa, 2012, p.102.



09. A mais Excellente Orta que no Mundo se Posa Achar.
Álvaro Domingues

dução para a contemporaneidade revela-se difícil, provocada pelo esfumar desses papéis, que cada uma das esferas deveria desempenhar.

Focando a atenção no contexto almeidense, o que nos anos cinquenta do século XX nos aparece descrita como uma "*… pequena zona de planuras a norte de Vilar Formoso, onde se cultivam, principalmente, cereais de sequeiro…*"[13], num "*… meio em que as actividades agrícolas mobilizam os braços e as preocupações da maioria dos habitantes e lhes moldam a existência…*"[14], revela-se, hoje, profundamente desactualizado. Parece-nos incompatível com a realidade contemporânea. No nosso entender, a metamorfose dessas práticas agrícolas, contaminadas pela massificação dos processos industriais, instalou o colapso das dinâmicas económicas e sociais que um dia definiram a ruralidade em Portugal. A natural evolução da prática agrícola admite a '*desruralização*' - que o poder institucional tão afincadamente procura combater – entendendo que pode ser na verdade inevitável, até bem-vinda, dependendo da sua interpretação[15].

Propomos assim uma leitura, que expõe a desagregação do que contruía o nosso imaginário do *'Campo'* subvertida a dois motivos pivotantes: *"a transformação ou o desaparecimento da agricultura enquanto economia (produção, distribuição, consumo, sistemas e tecnologias de produção, produtos, preços, mercados, etc.); ..."*[16] e *"a transformação da cultura rural enquanto modo de vida, visão do mundo, sistema de hábitos, crenças, tradições ou comportamentos."*[17]. Consideramos que os fenómenos, explicados anteriormente, estabelecem uma ponte directa com a modernização dos hábitos de consumo[18]. Naturalmente, estes novos hábitos promovem um desvio gradual da prática agrícola arcaica, comprometida às faculdades de subsistência. Na nossa óptica, este revela-se o principal factor de mutação do panorama, dito *rural*, português. Sumariamente, estamos a falar da extinção da agricultura como "*…luta milenária para arrancar ao solo pouco generoso um sustento escasso… "*[19], o que tem reflexos claros na paisagem, onde proliferam as *"… realidades esfumadas onde cultura e agricultura se desencontram."*[20].

Testemunhamos, deste modo, a diluição dos "*… parâmetros anteriormente aplicados na caracterização do território, como posição jurídica, definição de morfologia, estrutura hierárquica de serviços, ou espaços funcionais, …"*[21] directamente

13 **Francisco Keil do Amaral**, **José Huertas Lobo**, **João José Malato**, *"Arquitectura Popular em Portugal: Volume II - Zona 3."*, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 1988, 3ª ed., p.32.

14 *Idem*, p.57.

15 *"… as contradições da modernidade são, como nos informam, inevitáveis e prazerosas."*, **Irénée Scalbert**, *"On the edge of the Ordinary; Two Houses by Caruso & St. John."*. Arquis, Roterdão, 1995, p.50-61.

16 **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo"*, *op. cit.*, p.69.

17 *Idem*, p.69.

18 *"Aquilo que (ainda) se chama um agricultor, é cada vez mais um empresário."*. In *idem*, p.79.

19 **Francisco Keil do Amaral**, **José Huertas Lobo**, **João José Malato**, *"Arquitectura Popular em Portugal: Volume II - Zona 3."*, *op. cit.*, p.32.

20 **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo"*, *op. cit.*, p.70.

21 **Gonçalo Furtado**, **Rosa Macedo**, *"Rural e Urbano: Da Urbanização do Rural à Ruralização do Campo."*. ArqA: Arquitectura e Arte, 101, *'Persistências Rurais'*, *op. cit.*, p.106.



10. Rural.
Álvaro Domingues

associados à "*… indefinição da delimitação dos territórios urbanos …*"[22]. Este ângulo considera que a adaptação das práticas agrícolas à lógica empresarial[23], participa na dissolução da antiga fronteira, física e conceptual, que marcou, em tempos, a ruptura do território *rural* e *urbano*. Parece-nos, hoje, que a ideia de *ruralidade* se mantém manifestamente confinada a uma memória colectiva identitária, assumindo uma presença virtual, perdendo gradualmente a sua expressão física no território. Uma viagem num automóvel pelas estradas nacionais portuguesas ilustra-nos esta noção, reflectida na rede difusa de povoamentos que vão surgindo ao longo dos quilómetros, e na diversidade da expressão das suas construções, descomprometidas da conduta *'rural'* que em dias moldou as rotinas daquelas gentes.

A assimetria demográfica nacional torna "*… evidente que a sociedade rural só se mantinha com vitalidade e sem grandes perdas demográficas nas regiões – sobretudo no Norte Litoral – em que a presença da indústria e serviços permitiram uma articulação, através do mercado de trabalho, entre a agricultura e estes sectores, ou seja, os membros das famílias agricultoras trabalham nas fábricas, armazéns e oficinas dispersos pelos campos ou localizados nas povoações próximas das suas casas. O Alentejo e o Norte Interior; afastados dessa dinâmica, acusaram uma contínua perda demográfica.*"[24]. Ou seja, podemos associar o fenómeno da desertificação, patológico do interior português, a uma certa inadaptabilidade às forças de *'rurbanização'*, ou o mesmo, à importação de dinâmicas rotuladas como *'urbanas'*.

Uma visita ao "*Diagnóstico Social do Concelho de Almeida*", datado em Novembro de 2016, corrobora este fenómeno, ilustrando-o com os dados demográficos da região. Segundo o documento, "*… o envelhecimento populacional encontra-se bastante relacionado com a desertificação populacional, dado que se verifica o fenómeno de duplo envelhecimento, isto é, aumento do número de idosos (em detrimento da diminuição do número de crianças e jovens, uma característica do interior)…*"[25], manifestado directamente no índice de envelhecimento do concelho, de 536,3%, comparado ao da região das Beiras e Serra da Estrela, de 251,8%, e da Região Centro de 177%[26]. Estes dados manifestam-se nas profundas assimetrias entre faixas etárias dos habitantes do concelho, sendo que a "*… população com idade superior a 65 anos representava em 2014, face a um total de 6465 habitantes, uma percentagem de 57,97%, enquanto que a população com idade menor ou igual a 14 anos representava apenas 6,7%.*"[27]. O estado avançado do envelhecimento

22 *Ibidem.*

23 *"…, a lógica empresarial é a do dinheiro que faz dinheiro e não o saudosismo e a ingenuidade de muitos que pensam que basta o empreendedorismo e a excepcionalidade – ou a autenticidade – desses produtos para que tudo esteja garantido."*, **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo"*, op. cit.; p.78.

24 **Fernando Baptista Oliveira**, *"A agricultura e a questão da terra, do Estado Novo à Comunidade Europeia."*. *Apud.*, **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo"*, op. cit., p.84.

25 *"Diagnóstico Social do Concelho de Almeida"*, Concelho Local de Acção Social do Município de Almeida, Novembro de 2016, p.44.

26 *Idem*, p.7.

27 *Idem*, p.41.



*"(...) é obrigação actual reconhecer que a violência da interpretação da vida popular, neutralizava a vontade de modificação da sua realidade."**

populacional é agravado, em simultâneo pelo isolamento dessa população vulnerável, sendo identificados *"... 272 pessoas com mais de 65 anos a residir sós..."*[28]. Pareceu-nos ainda importante referir, como remate da exposição da frágil situação do caso de estudo, que *"...no âmbito do Referencial da Coesão Social publicado pelo ISS, relativo ao ano de 2014, estabeleceu que o Concelho de Almeida, de acordo com a tipologia do território, a partir de variáveis nucleares, como: a estrutura etária da população residente; a estrutura do povoamento; o perfil das dinâmicas económicas e a variação do dinamismo demográfico se enquadra no Grupo I- Concelhos em exaustão, o qual se caracteriza por apresentar uma actividade económica muito incipiente, em que já nem o sector primário tem relevo e onde a administração pública e o apoio social têm um peso muito significativo. É um Concelho igualmente marcado por decréscimos fortes no comércio, nos serviços, e no ensino e na saúde na última década, assim como pela incidência do envelhecimento e grandes perdas de população."*[29].

1.3 O culto da saudade.

Enfatizando o discurso adoptado até agora, lemos estes dados demográficos à luz da interpretação que os enquadra como a natural consequência à inábil expressão das novas dinâmicas *urbanas* no contexto concreto da vila de Almeida. Assistimos à rejeição global da noção génese da *ruralidade*, na ocupação física do território e na das suas comunidades, pelo seu compromisso com a exploração agrícola na dimensão da subsistência da população[30]. Apesar da extinção da dimensão operativa do mundo *rural*, defendemos a sua presença num entender, generalizado, do que poderá ser a identidade do povo português. Não nos parece que o discurso da contaminação do território *'rural'* pelas dinâmicas apelidadas de *'urbanas'*, enquanto fenómeno unilinear da transformação e definição da paisagem nacional contemporânea, seja verdadeiro. Manifesta-se, em simultâneo, o processo inverso.

Propomos assim, em concordância com este último ponto, que os princípios para a evolução metropolitana, enquadrada no panorama nacional contemporâneo, *"... é construída sobre uma noção ambígua por promover a possibilidade de qualidades rurais no novo contexto urbano."*[31]. Por outras palavras, temos em consideração que os processos operativos que transfiguram um contexto, até a altura *'rural'*, munidos das dinâmicas pensadas ingenuamente como exclusivas de um enquadramento *'urbano'*, podem ser, em simultâneo, invertidos. O resulta-

11. Pisa das uvas na região do Douro, 1979.
Bruno Barbey

* **Nuno Portas**, *"A arquitectura para Hoje / Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal"*, Lisboa: Livros Horizonte, 2ª ed., 2008, p.90.

28 *Idem*, p.23.

29 *Idem*, p.38-39.

30 Evocamos novamente o estereótipo do *camponês* e a sua desactualização quando confrontado com o panorama social contemporâneo.

31 **Ivo Poças Martins**, *"A cidade é contínua, o campo continua! A água como recurso de projecto urbano."*. ArqA: Arquitectura e Arte, 101, *'Persistências Rurais'*, *op. cit.*, p.102.



*"Quase imperceptivelmente, o campo está a mudar tão rapidamente como as nossas cidades, mas é melhor a manter as aparências."**

12. Rural, industrial ou urbano - separado ou tudo junto?
Álvaro Domingues

* **Office of Metropolitan Architecture**, *"Cronocaos"*, *op. cit.*.

do deste fenómeno manifesta-se na progressiva *'ruralização'* do território metropolitano. A obsessão pela conjugação da natureza em espaços urbanos (jardins, parques, marginais ribeirinhas, …), e o seu impacto nas dinâmicas de ocupação, de consumo, entre outras, no território físico das nossas cidades ou subúrbios, são a ilustração desta ideia. Episódios pontuais, como o aparecimento (ou a resistência) de *'Hortas Urbanas'*, ou o aparecimento de conceitos como *SPIN-farming*[32], concretizam a noção de que a *"… tentativa de formalizar um qualquer sentimento nostálgico do meio rural, em ambientes urbanos edificados determina que actualmente se verifique a implementação de espaços agrícolas inseridos na nova construção …"*[33].

Podemos, talvez, justificar o fenómeno que inverte o discurso do avanço da esfera urbana sobre a rústica - no território - reconhecendo um *"fascínio pelo rural"*[34], generalizado, como *"… um tema sempre presente na construção das nossas urbanidades uma vez que estas expandiram os seus limites em resposta ao fenómeno do êxodo rural observado nacionalmente nos 'verdes anos' cinquenta do século XX."*[35]. É nesta janela temporal que se enquadra o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, sob o *"… mito da ruralidade de Salazar, que garantiria a 'segurança' e a 'modéstia' do País e do regime …"*[36], apelando à aproximação ao mundo campestre. Encomendado pela administração autoritária, o Inquérito é fundamentado pelo receio de que *"… os valores da identidade nacional, genuína, estavam a ser adulterados pela reconfiguração da autenticidade arquitectónica portuguesa, nos novos modelos da arquitectura moderna."*[37]. Deste modo, prosseguiu-se o extensivo levantamento, e catalogação, da expressão vernacular no território nacional. Por outras palavras, *"… a valorização da arquitectura portuguesa, estimulando-a na afirmação do seu vigor e da sua personalidade e apoiando-se no propósito de encontrar um rumo próprio para o seu engrandecimento."*[38].

Aproximando-nos concretamente da prática arquitectónica, reconhecemos a extrema relevância deste exercício, por ter informado o trabalho de múltiplos arquitectos portugueses, tanto nos projectos construídos na esfera nacional, como fora dela.

A confirmação da sua influência atinge várias dimensões. Entendemos que a

32 *"Em nome de todos na comunidade de SPIN-farming, convidamo-lo para se juntar nesta nova experiência didáctica interpessoal que está a tornar a agricultura acessível para todos, em qualquer lugar!"*, excerto da descrição do conceito SPIN-farming, disponível na página oficial do movimento (http://www.spinfarming.com, consultado a 4 de Julho de 2019).

33 **Gonçalo Furtado**, **Rosa Macedo**, *"Rural e Urbano: Da Urbanização do Rural à Ruralização do Campo."*. ArqA: Arquitectura e Arte, 101, *'Persistências Rurais'*, *op. cit.*, p.108.

34 *Idem*, p.106.

35 *Ibidem.*

36 **Álvaro Domingues**, *"Volta a Portugal."*, *op. cit.*, p.51.

37 **Gonçalo Furtado**, **Rosa Macedo**, *"Rural e Urbano: Da Urbanização do Rural à Ruralização do Campo."*. ArqA: Arquitectura e Arte, 101, *'Persistências Rurais'*, *op. cit.*, p.107.

38 **Alfredo da Mara Antunes**, *"Arquitectura popular em Portugal."*, 3ª ed., Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 1998. *Apud., ibidem.*



13. Porta medieval do século XXI, Almeida.
José Eduardo Cunha

tradução literal do Inquérito se manifesta tanto na reinterpretação "*… de gramáticas populares, como telhados e beirais, chaminés, portas, aberturas e varandas, assim como o recurso ao (re) explorar de materiais tradicionais, suas tecnologias e valores plásticos.*"[39], debruçando-se na dimensão física, tectónica, da construção. Em simultâneo, consideramos também a sua expressão no "*domínio metodológico*"[40], na canonização da "*… importância do lugar (para o correcto enraizamento da obra arquitectónica); …*"[41].

É neste sentido que interpretamos o testemunho do inquérito como comprovação da existência da *'mitologia da ruralidade'*. Ilustrando uma conceptualização - generalizada[42] por outros fenómenos - no que diz respeito às formas vernaculares da construção: a de que estas comportam, na sua essência, os paradigmas da identidade nacional. Corroborando ainda esta ideia, entendemos que a variada manifestação expressiva destas formas materializa o *"mosaico"* de situações que constroem a nossa paisagem. Esse *'culto'* fundamenta a ideia de que "*… por mais urbana que seja a população, a nostalgia, enquanto 'sensação de saudade de um tempo vivido, frequentemente idealizado' e melancolia, enquanto 'inquietação duradoura', estabelecida pela génese rural, estará sempre presente na forma como o território é (será) apropriado pela população.*"[43].

1.4 *Os novos campesinos: os urbanos, os suburbanos e os de fora.*

A crise instala-se aquando da transformação das formas vernaculares, fruto da perda d'"*… a funcionalidade do mundo rural e do que lá havia …*"[44]. A inevitabilidade do desaparecimento da razão operativa que ergueu, em tempos, as arcaicas construções populares na paisagem, aporta um momento de ruptura, revelado nas novas formas de materializar o espaço habitado, contaminado pela globalização das técnicas construtivas. O testemunho do inquérito ilustra, até certo sentido, uma postura simultaneamente erudita - no que diz respeito à prática concreta da arquitectura - e urbana - referenciando a população afastada da realidade rural, ainda que contaminada pela mesma. Consideramos que ambas as dimensões participam, de modo inocente, na invenção e imposição impulsiva de princípios operativos que "*… na sua essência determinam uma encenação de aspectos rurais apenas com a finalidade de promover o consumo, originando na*

39 *Idem*, p.108.
40 *Ibidem.*
41 *Ibidem.*
42 No nosso entender, o *Inquérito à Arquitectura Popular* não é um fenómeno uno na criação de um saudosismo permanente pelo mundo rural antigo. Muito pelo contrário, a pertinência da evocação desse exercício reside na relevância que teve (e que tem) na evolução da prática arquitectónica em Portugal, especificamente.
43 **Gonçalo Furtado**, **Rosa Macedo**, *"Rural e Urbano: Da Urbanização do Rural à Ruralização do Campo."*. ArqA: Arquitectura e Arte, 101, *'Persistências Rurais'*, *op. cit.*, p.106.
44 **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo"*, op. cit.; p.211.



*"(...) Uma casa parece-me um sonho legítimo, até talvez demasiado banal. Uma casa da qual eu goste também não me soa disparatado, até porque tenho razões para isso, foi essa uma das razões que me mantiveram 18 anos longe da minha terra. (...) Ao que parece a democracia actual não consegue sobreviver sem pequenos vícios ditatoriais, daí que me veja numa situação absurda; quero construir uma casa a meu gosto e a câmara da minha terra não deixa. Afirmam os responsáveis que tenho de obedecer aos padrões culturais de uma população. A única justificação em que consigo pensar, é que o país tem vergonha da sua taxa de emigração, e assim tenta varrer das vistas toda e qualquer manifestação dessa realidade. É natural que a casa de um emigrante seja diferente da de outro português, mas não admito é que seja falsa, que traia a cultura nacional. (...) Tal é a incompetência destas entidades que pretendem uniformizar o casario nacional, que nunca se deram ao trabalho de espreitar o interior de uma casa de emigrante. (...) Posso afirmar veementemente que poucas neste país são mais tradicionais no seu interior. Se a fachada exibe marcas de orgulho de um regresso compensador, o interior é o melhor exempl de uma infinita fidelidade ao modo de vida tradicional. (...) Só gostaria que isto não fosse tão difícil de compreender e (...) menos pretencioso no que se quer que seja o 'rosto' do País. Afinal querem aquilo que somos ou um cenário (...)?"**

14. Casa de emigrantes portugueses no arrabalde de Santo António, Almeida.
José Eduardo Cunha

***** Carta de **Franciso Gouveia**, *"Quero uma casa 'de emigrante'."*, publicada a 3 de Abril de 1989 no jornal "*O Século*", Lisboa. *Apud*., **Manuel Graça Dias**, *"Vida Moderna"*, Mirandela: João Azevedo, 1992, p.228-229.

sua maioria a musealização e sacralização dos espaços e actividades ..."[45] que, por sua vez, fomentam *"... conflitos espaciais entre os habitantes permanentes e os habitantes pendulares, uma vez que os primeiros encaram os recursos rurais segundo uma visão utilitária, enquanto que os segundos assumem posturas conservadoras perante esses mesmos recursos, 'na procura de um modelo de rural puro, encenado e esvaziado do seu conteúdo social."*[46].

A situação, heterogénea, descrita contribui desta maneira para a construção de uma paisagem como o *"... registo da simultaneidade"*[47]. A complexidade da condição híbrida que assola o território *'suburbano'*[48] português é espelhada nas novas construções que pontuam as paisagens nacionais, antes dominadas por pomares, campos, casas de pedra ou de adobe. Paisagens em tempos conformadas pelas gramáticas perpetuadas no inquérito. A noção latejante do *'rural ideal'* rejeita-as, como filhos indesejados. Apelida-as de destrutivas e feias. Vêm-se proibidos os caixilhos de alumínio no vale do Douro, e os portões de aço corten, nas casas caiadas sob o sol Alentejano. Mas porquê? Não é verdade afirmar que *"A globalização da tecnologia e da informação complexificou a condição de local."*[49]? As novas expressões, rejeitadas pela *"visão convencional da ruralidade"*[50], parecem-nos tão sinceras e genuínas como as que tanto se procura preservar incondicionalmente.

> *"Construções vernaculares não são arquitectura* [considerando arquitectura enquanto um exercício premeditado, munido de ferramentas e exercícios de abstracção concretos]. *Ao contrário da arquitectura não se traduzem numa acção consciente. Não existem através da abstracção formal independente da construção. O Vernacular não é sobre aparência, mas sim presença. É um artefacto físico que contém em si a contínua evolução social e tecnológica da situação em que foi contruído."*[51]

O que é mais sincero do que uma casa de emigrante? Enquadrada num panorama onde uma parte significativa da população nativa abandonou as suas terras, onde nasceram e foram criados, à procura de melhores condições de vida. Porque se demonizam estas estruturas de tijolo e de betão, sendo que espelham fielmente a realidade dos seus contextos socioeconómicos? As *"... casas maison com janela fenêtre ..."*[52], supostamente contaminadoras da pura paisagem *rural*, na verdade corroboram a noção de que *"O território é o elemento permanente da*

45 **Gonçalo Furtado**, **Rosa Macedo**, *"Rural e Urbano: Da Urbanização do Rural à Ruralização do Campo."*. ArqA: Arquitectura e Arte, 101, *'Persistências Rurais'*, *op. cit.*, p.107.

46 *Ibidem*;

47 **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo"*, op. cit.; p.99.

48 Termo proposto, à falta de melhor, para substituir a denominação de *"rural"*, por a considerarmos impertinente.

49 **Adam Caruso**, *"In Good Faith"*. In *"The Feeling of things"*, Barcelona: Polígrafo, 2008, p.53.

50 **Álvaro Domingues**, *"A Rua da Estrada."*, Porto: Dafne, 2011, p.211.

51 **Adam Caruso**, *"In Good Faith"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, p.53.

52 **José Saramago**, *"Viagem a Portugal."*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p.38. *Apud.*, **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo"*, op. cit.; p.130.



15. *"Casa Portuguesa, Casa Estrangeirada"*; segundo episódio da série *'O Sonho do Emigrante', 1998.*

identidade."[53]. Podem talvez expor o embaraço em que essa suposta identidade se encontra, fruto da sua radical metamorfose. De certa maneira, até as casas de *'brasileiros'*, talvez por se terem erguido num passado suficientemente distante, são já admitidas no mosaico do vernacular português. Instala-se a contradição.

A postura defensiva, de preservar as formas antigas, considerando que essas são as que tornaram os campos de Portugal portugueses, sintomática da '*idealização*' do seu passado, ilustra na verdade um afastamento da realidade em que o território se encontra. Ilustra a incompreensão da sua complexidade. Parece-nos que *"..., o conceito de idealização do rural, rege-se pela reconceptualização da génese rural orientada para o consumo, musealização ou simples sacralização dos espaços e actividades ..."*, sincronizado com uma *"... visão profundamente interligada com as sociedades industrializadas, com padrões de consumo elevados, onde a satisfação das necessidades básicas estão garantidas e asseguradas."*[54].

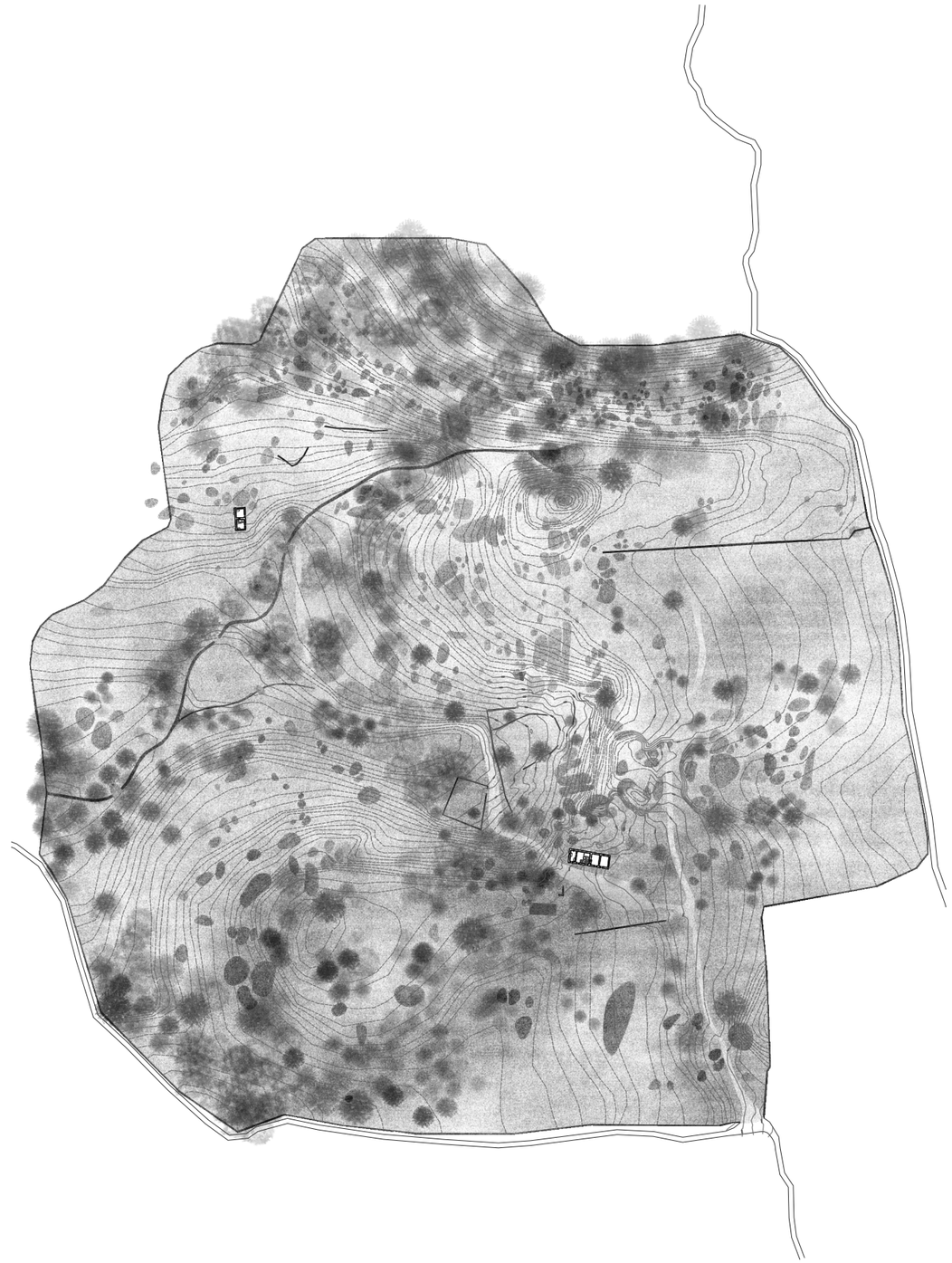
Num primeiro momento, José e Teresa aparecem enquadrados neste estereótipo: o de *habitantes pendulares* da vila de Almeida. Os testemunhos íntimos de ambos evidenciam uma afinidade à '*idealização do rural'*, nos termos expostos anteriormente. Ambos, nascidos e criados em contextos francamente urbanos, são constantemente informados por uma profunda relação íntima com o território, uma narrativa transportada pelos seus antepassados ou familiares próximos. As experiências pessoais do casal em Almeida, as memórias que criaram na sua esfera pessoal, são concretizadas pelo ócio, pelas quebras pontuais das suas rotinas. Idealizam um futuro juntos: o de quando cessarem as suas actividades profissionais vão encontrar no campo o seu refúgio, e o da sua família.

O que ambicionamos com este estudo, e a sua interpretação - da condição de *'rural'* na situação contemporânea - é que, de certa maneira, este pudesse ter uma expressão concreta na nossa postura em relação ao projecto enunciado. Não é da nossa vontade, em momento algum, a insurgência de juízos de valor na reflexão. O nosso objectivo mantém-se na busca de informar coerentemente o discurso do projecto de ocupação da propriedade d' Os Coelhos, aspirando que esta interagisse com a situação que o enquadra. Por outras palavras, procuramos integrar no projecto concreto proposto, a nossa reflexão dos parâmetros, das dinâmicas e dos fluxos genéticos do território concreto da vila de Almeida.

53 **José Mattoso**, *"Portugal, o Sabor da Terra: Beira."*, *op.cit.*, p.11. *Apud.*, **Álvaro Domingues**, *"Volta a Portugal"*, op. cit., p.52.

54 **Gonçalo Furtado**, **Rosa Macedo**, *"Rural e Urbano: Da Urbanização do Rural à Ruralização do Campo."*. ArqA: Arquitectura e Arte, 101, *'Persistências Rurais'*, *op. cit.*, p.106-107.

A Registos do levantamento



1:3000 | Planta de Implantação


.1


.2

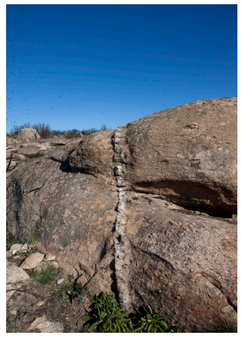

.3


.4


.5


.6


.7


.8

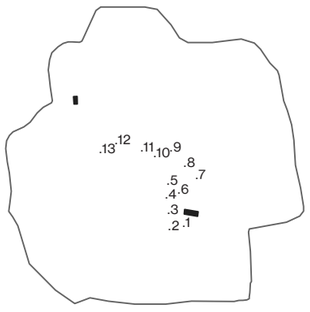

.9


.10


.11


.12

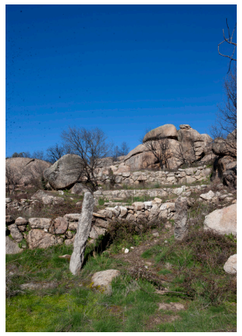

.13




.14

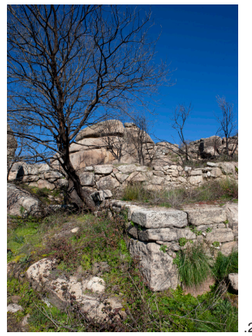

.15


.16


.17


.18


.19


.20


.21

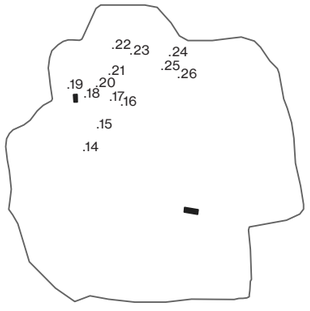

.22


.23


.24


.25


.26



.27



.28



.29



.30



.31



.32



.33



.34



.35

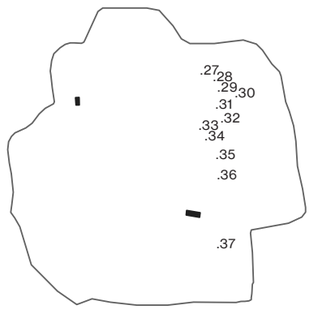


.36



.37



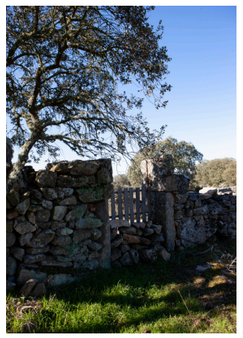



.38


.39


.40


.41

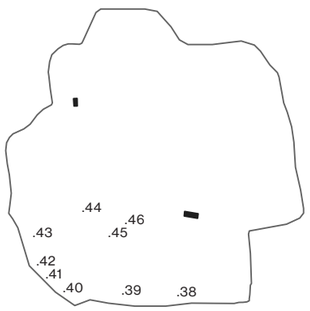

.42


.43


.44


.45


.46



A primeira abordagem ao enunciado, puramente conceptual, concretizou o exercício de tentar aliar a nossa interpretação da condição em que encontramos a vila de Almeida, informada pela reflexão do papel da ruralidade no território contemporâneo, às afinidades que os clientes nutrem pelo terreno herdado, e os impulsos que os levam a querer habitá-lo. Esta aproximação instrui o levantamento, informa que a intervenção deverá *"... compreender e reinterpretar os valores locais identitários, partindo da génese rural, para dessa forma conferir novas políticas de urbanização, in loco, com a passagem a uma interdependência local, à micro-escala, ao compreender o território como um todo, onde a periferia rural se torna parte integrante de um sistema urbano central, estabelecendo uma interdependência funcional mais do que uma hierarquia territorial."*[1]. Entendemos então que o sucesso da intervenção no Terreno dos Coelhos reside, em parte, na interacção com o contexto que lhe é inerente, compreendido como uma *"... grelha de fluxos, onde todos os seus pontos constituintes se interligam potencialmente em rede, e a beleza da paisagem ..."* será *"... resgatada como elemento de arquitectura ..."*[2].

O exercício de levantamento revelou-se, no seguimento desta lógica, como a primeira aproximação "*informada*"[3] à condição física do terreno dos Coelhos. Reconhecemos uma propriedade de, aproximadamente, 17 hectares - perto da dimensão da vila compreendida dentro das muralhas – afastada a cerca de três quilómetros do núcleo histórico. O acesso faz-se, num primeiro troço pela estrada nacional N332, sendo obrigatório o desvio pela estrada de acesso às termas da Fonte Santa e, novamente, a mudança de direcção pelos carreiros de terra batida, deformados pelos rebanhos e manadas por aí passam, à procura de pasto. O acesso difícil é compensado pela calma, afastado do trânsito da Nacional, e pela paisagem que contempla o vale do Côa, a sudoeste.

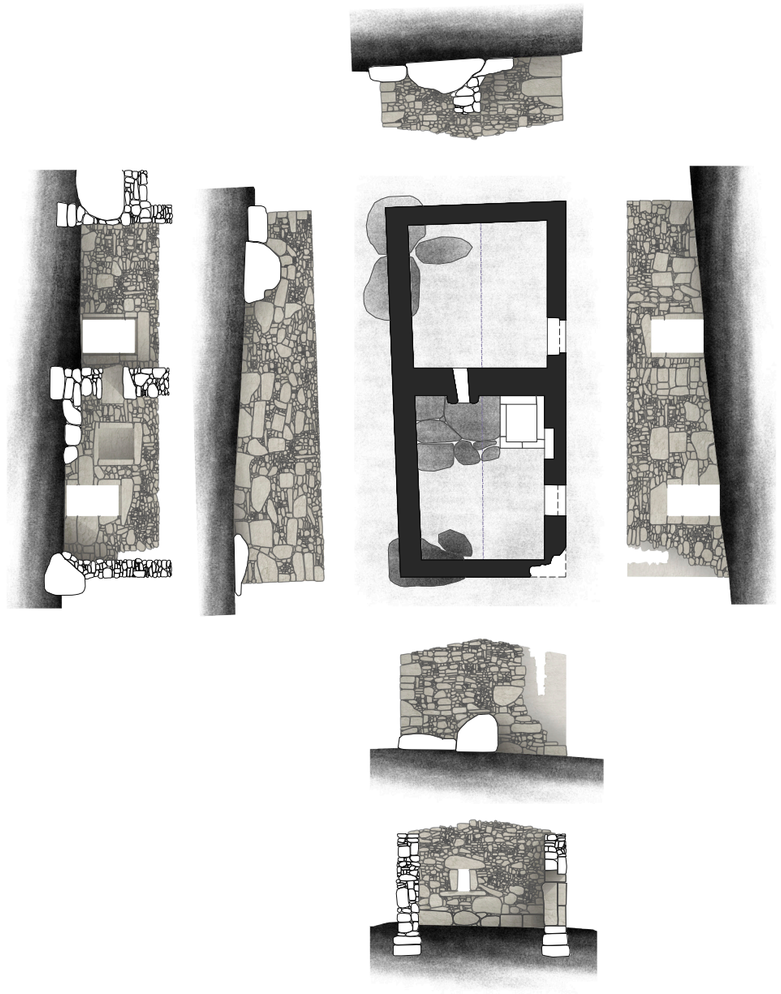
Num primeiro momento, identificamos duas estruturas, erguidas em paredes de perpianho, montadas com pedras de granito, semelhante às que se salpicam o solo do terreno. A primeira das construções ergue-se próxima da entrada da propriedade. A sua organização interior comparte-se em quatro espaços. A metade Este do edifício separa-se em dois compartimentos, idênticos, comunicantes através de um pequeno vão, onde apenas cabe um homem curvado. Ambos tiveram portas para o exterior, hoje apodrecidas, restam as ferragens oxidadas e algumas tábuas, em alto estado de degradação. O quarto do topo é ventilado por uma pequena fenda, que quase não permite a penetração da luz do sol. Esse é também o único espaço ainda coberto do edifício, visto que parte do telhado cedeu ao castigo do tempo, e o que havia resistido esfumou-se com um incêndio. Pelo testemunho de Teresa, narrando a voz do seu pai, sabemos que estes dois espaços serviram para abrigar os animais criados na propriedade. Na zona poente do edifício, erguem-se outros dois compartimentos, para os Homens. Entramos por uma porta, para o maior dos dois. As pedras, toscamente esculpidas, montam um lagar. A sua mó, também de pedra, encontra-se lá fora. Agora é mais um penedo no terreno. No interior, o limite poente desse espaço é permeável por um vão. Ao atravessá-lo entramos numa antiga cozinha, ou um espaço destinado à preparação das refeições de quem trabalhou na propriedade. A Noroeste daqui, ergue-se uma outra estrutura idêntica, mais pequena. Antes o acesso era mais fácil. Um portão no muro de limite da propriedade, era a maneira mais directa de aceder a esse edifício, mas a queda das pedras empilhadas obstruiu o vão. Encontramos então outra estrutura arruinada, em pior estado de degradação, talvez pelo exílio. O encontro da parede exposta a sul com a que se vira a nascente ruiu com a infiltração da água, dissolvendo a argamassa de terra e bosta que aglutinava as pedras. Está dividido em dois compartimentos, ligados por um vão intransponível. O acesso a ambos faz-se pelo exterior. No interior do espaço da metade Sul do edifício, encontramos pedras talhadas e empilhadas, que nos sugerem um outro lagar, mais pequeno. A mó desapareceu. O espaço na zona norte do edifício indica um outro compartimento para animais, sendo que tem alguns vestígios do que julgamos ser uma pocilga no exterior. Uma levada conduz um ribeiro aí perto. no Inverno é normal transbordar para fora do sulco. Os javalis gostam dessa lama, as árvores também. Se não fosse o fogo, a ruína ainda estava à sombra de grandes carvalhos e freixos, agora negros e sem folhas.

Sincronizado com o exercício de medição e de desenho dos dois edifícios arruinados, achamos pertinente fazer o reconhecimento fotográfico do terreno. Seguindo os carreiros, onde crescem poucas praganas, fotografamos continuamente o percurso. As eiras, os muros, as *"lanchas"* e as outras estruturas, que já não sabemos para que serviam, desmontadas no piso, reconquistadas pela natureza, informam-nos sobre o que consideramos ser as arcaicas *dinâmicas de apropriação* da propriedade, da sua topografia e dos seus recursos. Reconhecemos a sabedoria e a pertinência de quem soube, um dia, trabalhar aquele terreno, instruidos pelos seus antepassados, e esses pelos anteriores, e assim contínua, perpétua.

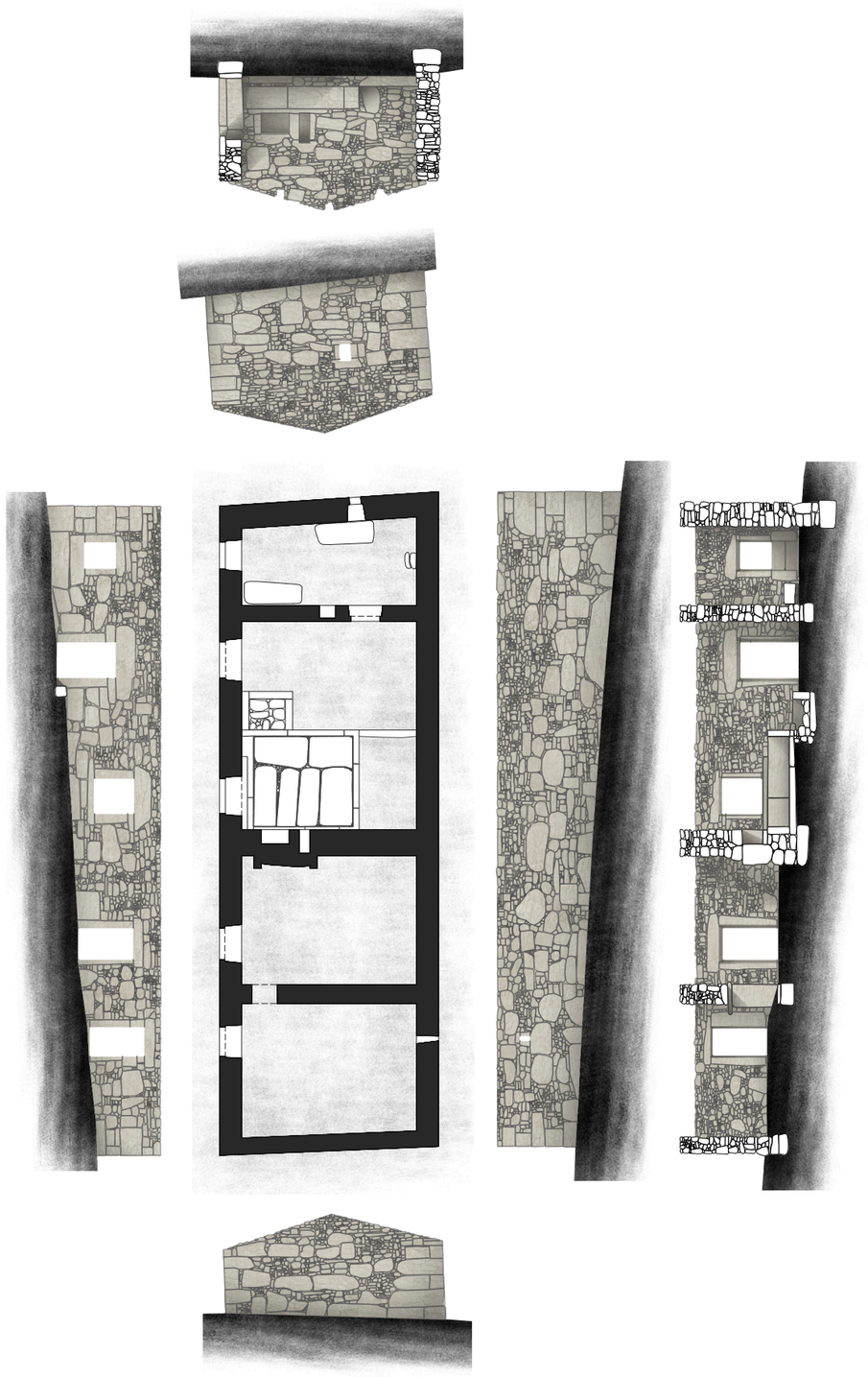
1 **Gonçalo Furtado**, **Rosa Macedo**, *"Rural e Urbano: Da Urbanização do Rural à Ruralização do Campo."*. ArqA: Arquitectura e Arte, 101, *'Persistências Rurais', op. cit.*, p.109.

2 *Idem*, p.108.

3 Consideramos esta como a primeira visita ***informada***, pois o terreno não nos era estanho no momento do lançamento do enunciado. No entanto, este exercício de levantamento, foi conduzido sengundo o objectivo concreto de compreender e sintetizar o território da propriedade, submetido à investigação da presente dissertação.



Ruina Noroeste | 1:200



1:200 | Ruina Sudeste













B o projecto do fotógrafo e o da livreira



Uma pequena comunidade sénior fortemente ligada à comunidade local; um contributo para um envelhecimento ativo

José Cunha

A recuperação das antigas estruturas agrícolas da propriedade dos Coelhos permitirá a criação de uma vivência alternativa à deprimente solução do lar de idosos. Cada pessoa ou grupo terá a sua casa própria, permitindo toda a sua independência e liberdade, podendo simultaneamente usufruir dos espaços e serviços comuns, para os quais deverá colaborar e participar ativamente; promove-se deste modo um apoio mútuo entre todos os residentes. Entre estas atividades contam-se por exemplo a existência de uma horta comunitária, a criação de animais, a limpeza e manutenção dos espaços comuns, a elaboração de refeições ou a organização de atividades conjuntas com a comunidade local.

A sustentabilidade económica e ambiental de todo o projeto é uma prioridade e deverá ser focada maioritariamente nos recursos turísticos presentes na região de Almeida, como o seu património arquitetónico único ou a existência das modernas instalações termais da Fonte Santa, numa forte relação com os esforços atualmente desenvolvidos pelo poder local. Isso obrigará, para além da recuperação do património existente, à construção de novas infraestruturas.

A dimensão do terreno envolvente - cerca de 16 hectares - permitirá a rentabilização do espaço agrícola com a cedência à sua exploração por jovens agricultores locais, assim como o desenvolvimento de atividades geradoras de recursos financeiros, como a produção e venda de mel e outros produtos endógenos, a venda de produtos hortícolas, a exploração de um espaço de campismo e de alojamento local ou a organização de oficinas temáticas associadas às artes tradicionais, à gastronomia, à fotografia, à pintura, à música ou ao teatro, procurando a captação de um público exterior à própria comunidade.

Neste âmbito, a ligação já existente neste momento com as diversas associações de desenvolvimento presentes no terreno será sempre uma prioridade a desenvolver, promovendo as relações e um intercâmbio de saberes com a comunidade local.

Está também em estudo a organização de atividades de caracter científico nas áreas da astronomia, biologia, agronomia e arqueologia, em parceria com várias instituições de ensino superior.

Questões que devem estar presentes:

- Sistemas de produção de energia renováveis;

- Sistemas de aproveitamento de águas pluviais;

- Projeto de uso racional de água e energia;

- Preservação de todos os principais exemplares de árvores existentes;

- Existência de um espaço para as oficinas artísticas e outras atividades;

Casa dos avós Zé e Teresa

Teresa Cunha

Daqui a uns anos seremos mais velhos e sem a capacidade de gerir as nossas vidas profissionais actuais contudo não podemos dispensar de continuar a trabalhar. Sim, trabalhar, trabalhar até morrer.

Sendo estes avós uns irresponsáveis sem grandes descontos para a SNS ficarão, se por milagre vier a acontecer, com uma reforma ridícula inferior a 500 euros que precisa de algum rendimento extra para garantir um fim de vida cómodo e digno.

Para mim, eu sou a avó Teresa, a casa dos Coelhos será, primeiro que tudo, aquela casa onde um dia poderei juntar toda a família: filhos, noras, netos, amigos em períodos de férias ou quando assim se proporcionar. Por isso eu ter falado em 4 quartos (mínimo 1 por filho e outro para os velhotes) contudo se houver 2 quartos extras, 2 pequenos dormitórios com 2 beliches cada (netas/netos) era ouro sobre azul.

Para garantir a sustentabilidade do espaço e, dos velhotes, o aluguer dos quartos (airbnb ou similar – familiar hostel – guest house) a turistas de passagem seria uma possibilidade agradável logo que o projecto garantisse uma zona independente e confortável aos donos da casa (quarto e casa de banho). A partilha de zonas comuns como cozinha/sala/biblioteca/lavandaria não teria qualquer problema.

A lavandaria é um espaço que só está na minha cabeça - estou farta de tratar das roupas na cozinha - é essencial estar dividida em dois espaços (independentes de qualquer outro espaço) o espaço roupa suja (máquina , tanque e secagem) roupa limpa quartinho para passar a roupa e guardar roupas de casa (lençóis , toalhas, ...), estás a ver Lamego... sim aquele quarto de passar a ferro é grande de mais mas teria de ter um grande roupeiro e tábua / máquina de passar a ferro e luz natural.

Depois fervilham na minha cabeça outras maneiras de termos um rendimento melhor do espaço contudo isto já além de se tornar muito dispendioso terá de ser melhor pensado com o pai e contigo.

IMPORTANTE não quero um espaço para multidões (máximo 30/40 pessoas, como mais ou menos os nossos acampamentos) para conseguir manter um ambiente familiar.

1º Férias em família com passeios, caminhadas, espaço para descobrir a natureza e tomar uma banhoca (piscina) nos dias quentes de Verão. Para esta oferta teríamos um espaço ao ar livre mas coberto de cozinha/refeitório que nos pode levar a um espaço de acampamento onde incluíamos sanitários.

2º Poderíamos com a nossa casa e o espaço exterior oferecer algo como uma "residência artística" mediante a contratação (fotógrafo, arquitecto, monge budista, escritor, humanista , teólogo, ...) ou o aluguer a outra organização desse género e oferecer uma espaço para formações de x dias mais ou menos prolongadas com estadia;

3º Ter 2 no máximo 3 pequenas casa para aluguer de longa duração (1 ano ou mais) assim teríamos vizinhos permanentes que, preferencialmente, seriam colaborantes no nosso projecto.



16. *"Erschossener 2"*, do ciclo *'October 18, 1977'*, 1988.
Gerhard Richter

2 *Crise*

"O carácter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas por isso mesmo vê caminhos por toda a parte, mesmo quando os outros esbarram com muros e montanhas. Como, porém, vê por toda a parte um caminho, tem de estar sempre a remover coisas do caminho. Nem sempre com brutalidade, às vezes fá-lo com requinte. Como vê caminhos por toda a parte, está sempre na encruzilhada. Nenhum momento pode saber o que o próximo trará. Converte em ruínas tudo o que existe, não pelas ruínas, mas pelo caminho que as atravessa."[1]

1 **Walter Benjamin**, *"O carácter destrutivo."*, publicado originalmente no Frankfurter Zeitung a 20 de Novembro de 1931, publicado em português pela Assírio & Alvim, em *'Imagens do pensamento'*. Punkto nº2, *'Destruição'*, op. cit., p.4.



17. Frame do projecto *'Workers leaving the factory'*.
Harun Farocki

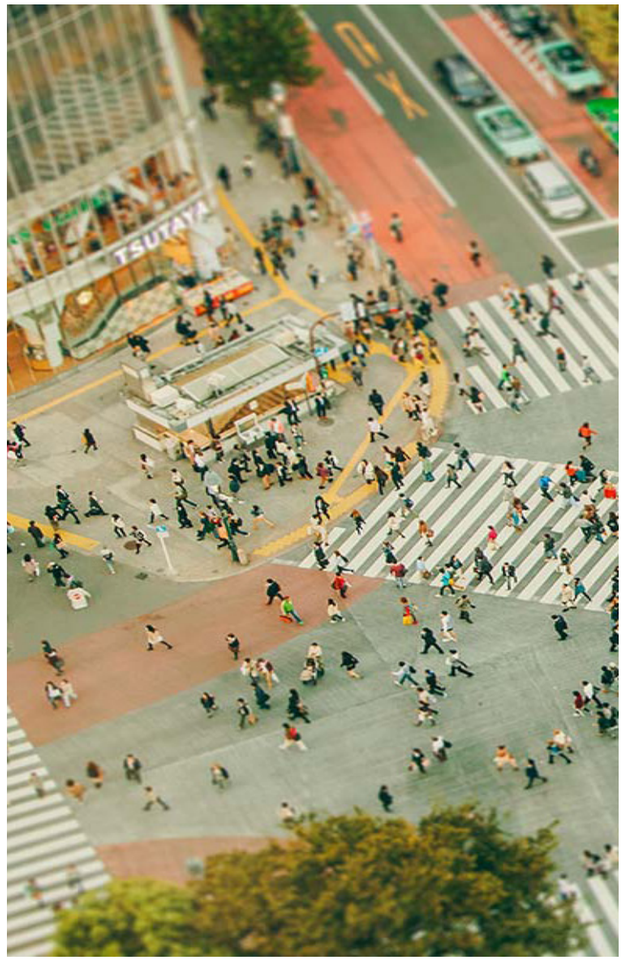
A extinção da genética rural no mundo contemporâneo, traduzida na subversão das práticas agrícolas às lógicas de produção industriais generalizadas, não esgota o estudo do caso concreto da vila de Almeida e do projecto enunciado por Teresa e José. A natureza própria do exercício vincula-se directamente com temáticas habitacionais. Neste sentido, interessa-nos desviar a atenção, por momentos, direccionando o estudo concretamente para a condição residencial inerente à proposta.

Interessa-nos, assim, introduzir a complexidade do problema com o tema que nos parece conjugar os dois assuntos. Desse modo, encontramos na globalização, na massificação de hábitos de consumo, e nas lógicas produtivas que os acompanham, as principais condicionantes políticas e sociais que informam, simultaneamente, a ambiguidade do binário *'rural'* e *'urbano'*, assim como a evolução e o que consideramos ser a crise da situação contemporânea da habitação.

Na nossa óptica, o aparecimento da indústria e a sua abundante proliferação estão na génese da crise própria dos programas residenciais contemporâneos. Fomentada pela dualidade hierárquica estabelecida pelas, em certa altura novas, dinâmicas industriais - manifestas na relação de *'patrão' e 'operário'* – sedimentou-se a profunda promoção, e adesão, à estrutura da *'família nuclear'*. Esta tipologia foi também acolhida intimamente pelos ideais capitalistas, genéticos dos hábitos de consumo, fomentados pelas novas condutas de produção industrial. O isolamento do indivíduo na sociedade, fruto da democratização dos sistemas políticos e sociais que acompanharam a era da industrialização, manifestou-se directamente na maneira como o espaço habitado era idealizado e construído, desde a sua dimensão mais pública, à intimidade doméstica. O mercado acompanhou proximamente essas flutuações de princípios, seguindo sempre a lógica empresarial sentenciada pelo sistema capitalista dominante. As ilustrações são várias e intemporais, como o exemplo portuense e o aparecimento das ilhas, enquanto reacção espontânea ao descontrolado fluxo populacional, causado pelo êxodo rural. Sincronizadas com essas ilustrações temos também as reacções ao fenómeno, como é o exemplo do Bairro Ignez, incumbido de, num primeiro momento, oferecer resposta às condições insalubres dessas ilhas. Estes são apenas dois exemplos, dentro de uma gama infinita de situações, presentes com mais intensidade no mundo ocidental.

No entanto parece-nos que, à luz da complexidade político-social dos temas habitacionais, podemos afirmar que a proclamada democratização do sistema não teve tradução directa na democratização do espaço construído e habitado. Contrariamente ao que se defendia, a crescente autorização do indivíduo no sistema, e a reflexão desse princípio na "*... preferência tradicional para casas individuais ...*"[1], resultou na contínua hierarquização do espaço contruído e apropriado, refém de um mercado especulativo. O contributo desse mercado vinca profunda-

1 **Peter Davey**, *"Housing benefits."*. The Architectural Review, nº 1204, *"Housing Reassessed."*, Londres, Junho de 1997, p.4.



18. Da série "Cityshrinker", 2007-14.
Ben Thomas

mente a segregação física nos territórios ocupados, por exemplo como reflexo das posses monetárias dos consumidores.

Consideramos que essa *economia de mercado* se apoia integralmente na ideia de satisfazer vontades individuais, o que contribui, de maneira constante, para a sua estandardização, rejeitando no seu cerne qualquer noção de comunidade, tradição ou qualquer dimensão social[2]. Enquanto que, num primeiro momento, a especulação flutua consoante as vontades expressas de uma massa genérica, composta por indivíduos, atinge, como podemos comprovar por experiência própria, uma escala autoritária onde esses papéis se vêem invertidos. A lógica, ditada pelo poder económico, justifica a prioridade dada à construção do que oferece rápido retorno. É nesse sentido que se generalizam os modelos residenciais, como produtos[3], *"… replicando frequentemente antigas tipologias que ignoram amplamente as necessidades contemporâneas."*[4]. É neste seguimento que se instala a crise. Quando a oferta de tipologias não se acomoda às necessidades concretas das populações, que se vêem obrigadas a adaptarem-se à vontade das massas, genérica e virtual. Este aspecto, manifesto na gama, cada vez mais reduzida, de tipologias residenciais, reflecte-se claramente na maneira como as comunidades apreendem e praticam os espaços, públicos e privados, respectivamente. Parece-nos que a lógica que acompanha esta relação de construção e investimento, de maneira geral, não compreende - nem o procura fazer - as dinâmicas orgânicas que essas várias estruturas socias aportam.

> *"Este modelo assume que a separação entre o público e o privado aumentou desde o começo da modernidade e que a sociabilidade está em declínio desde então. A modernidade causa o colapso do conceito original de sociabilidade, através do aumento da polarização entre um domínio público cada vez mais experienciado como impessoal, instrumental, individualista (Ge sellschaft, mercado, estado moderno, organização burocrática, e assim por diante) e o domínio privado da domesticidade, progressivamente moldado por relações íntimas e emocionais (noções modernas de amizade não instrumental baseada inteiramente em simpatia e afecto, o ideal casamento romântico, a posição da criança na família nuclear, e assim por diante)."*[5]

2 *"Face a contemporaneidade, observamos que todos os princípios determinados e impulsionados pelo inquérito, se apresentam nos nossos dias de forma dissipada, por questões do domínio da especulação imobiliária."*, **Gonçalo Furtado**, **Rosa Macedo**, *"Rural e Urbano: Da Urbanização do Rural à Ruralização do Campo."*. ArqA: Arquitectura e Arte, 101, *'Persistências Rurais'*, *op. cit.*, p.108.

3 *"Este aspecto é especialmente aparente em regimes neo-liberais onde a provisão envolve a produção em massa especulativa de habitação como uma comodidade para venda, como uma fonte de abundância para retirar sustento em tempos de necessidade em vez de como uma componente de afiliação cultural e ligação ao lugar."*, **Helen Jarvis**, *"The Social Architecture of the Self-Governance in Cohousing: Issues and Implications"*, transcrição da apresentação da autora na conferência *"Self-Managed Cohousing: Born out of Need, or New Ways of Life?"*, no âmbito das *Le Studium Conferences'*, Tours, Março de 2012, p.1, (consultado a 29 de Março de 2019 em www.academia.edu).

4 **Mathias Müller**, **Daniel Niggli**, **Andreas Ruby**, **Ilka Ruby**, *"Togethe! On the Renaissance of the Collective in Contemporary urban Architecture."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, catálogo de exposição, Berlim: Ruby Press, Vitra Design Museum, 2017, p.41.

5 **Kristian Borret**, *"On Domains: The Public, The Private and The Collective."*. OASE #75, *"25 years of Critical Reflection in Architecture"*, Roterdão, 2008, p.307.



19. Philip Johnson na capa da revista *"Time"*, em 1979.

Como é natural, o conflito aparece sincronizado com sucessivas reacções. A arquitectura do período pós-guerra, no mundo ocidental do século XX, testemunha uma insurgência contra este sistema político-social, talvez motivado pela vontade de redenção dos anos cruéis das décadas anteriores. Ainda que bem-intencionados, não consideramos que os modelos sejam transversalmente bem-sucedidos nos encargos a que se propuseram, antes pelo contrário. Parece-nos, aliás, que a derrota das experiências do modernismo reside na opressiva dominância da economia de mercado[6]. Na nossa consideração, *"A ascensão da economia de mercado sentenciou o fim do Arquitecto como figura pública."*[7]. As vanguardistas explorações técnicas, tipológicas e construtivas deste período ou se extinguiram, ou são hoje reféns de um sistema empresarial capitalista[8].

O que presenciamos nos tempos contemporâneos é a profunda transfiguração da prática arquitectónica, comparada com o período do pós-guerra. Talvez pelo falhanço das experiências polémicas, ou pelo discurso político global - que coloca a economia como a constante prioridade das administrações, escravas do mercado especulativo - (talvez até ambas), podemos afirmar que há hoje *"… um consenso que a arquitectura do pós-guerra - e o optimismo corporificado sobre a habilidade da arquitectura organizar o 'mundo social' – tratou-se de um debate estético e ideológico. A nossa resignação é expressa na arquitectura extravagante da economia de mercado, que tem a sua própria data de validade embutida."*[9]. A figura do *Starchitect* é a ilustração do sequestro da figura do arquitecto, como um ídolo, longe da responsabilidade social do seu trabalho, um símbolo cuidadosamente moldado para a cultura de consumo, à semelhança das marcas[10].

> *"Hoje, a ideia de erudição, do arquitecto como um 'perito' foi rejeitada. É curioso que num mundo de especialização, onde artistas e cientistas estão a realizar novo trabalho dinâmico por dentro das suas disciplinas, os arquitectos seguiram o rumo do consultor de gestão, o exemplo último do generalista vazio."*[11]

O propósito da evocação do período do pós-guerra reside na pertinência das suas experiências para o caso de estudo. Não das materializações concretamente, mas das ideologias que fundamentavam os projectos dessa era. Vivemos hoje uma altura em que os novos desenvolvimentos urbanos ou arquitectónicos *"… são acompanhados pelo sentimento vago de que o individualismo, egoísmo e especulação estão a conduzir-nos para um impasse – não apenas no sector imobiliário,*

6 *"…, a economia de mercado mutilou a ligação entre arquitectura e idealismo …"*, **Office of Metropolitan Architecture**, *"Cronocaos"*, *op. cit.*.

7 *Ibidem.*

8 *"… os enormes programas construtivos continuaram, acompanhados pelos construtores desses sistemas tornando-se cada vez mais poderosos e desviando as considerações humanas das equações."*, **Peter Davey**, *"Can Architects produce decent housing."*. The Architectural Review, nº 1233, *"Housing."*, Londres, Novembro de 1999, p.27.

9 **Office of Metropolitan Architecture**, *"Cronocaos"*, *op. cit.*.

10 *"Os 'Starchitects' aceitaram o negócio faustiano onde se tornaram mais proeminentes, mas o seu papel menos significante …"*, *ibidem.*

11 **Adam Caruso**, *"Traditions"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, p.24.



20. Da série *"Ray's a laugh"*, 1990-1996.
Richard Billingham

mas na sociedade como um todo."[12]. Uma altura em que o acesso à habitação está em crise[13], no íntimo do mundo desenvolvido, fruto do egoísmo especulativo. Aspecto agravado pela nossas sociedades cada vez mais envelhecidas e atomizadas, *"… o que significa que o número de pessoas por lar está em declínio."*[14]. Mais do que nunca, precisamos de rever o papel do domínio *público* e *privado* na construção das nossas culturas. Entendemos que estas noções são *"… termos relativos que apenas ganham sentido pelo contraste, impossíveis de se consolidarem espacialmente, e que cobrem uma enorme variedade de definições e ideologias."*[15]. Contrastando com o que apontamos anteriormente, como consequência do domínio do mercado imobiliário especulativo, que nos parece provocar a generalização de ambos os termos a uma condição homogénea, transversal às mais variadas culturas e tradições.

Parece-nos importante que esta interpretação binária do espaço vivido se subjugue à história e à cultura, flutuando de maneira orgânica, ao som das diferentes tradições musicais, regiões e os seus climas, culinárias, etc. Esta interpretação que, como nos aparece no parágrafo anterior, encontramos hoje predominantemente prisioneira da transversal globalização de normas e costumes sociais, complexificou-se, a certa altura, com a introdução de um novo domínio, no período do pós-guerra. A noção de *espaço social colectivo*. Este termo veio a informar as novas construções com a tão desejada materialização da democracia no território habitado.

Dessa maneira, começam a surgir em projectos arquitectónicos espaços intencionais com o objectivo de promover a negociação por parte dos seus intervenientes (membros de grupos ou não). Consideramos que, pela sua área física e raio de influência, não podem ser considerados públicos. Ou como o arquitecto Manuel de Solà-Morales o coloca: *"Espaço colectivo é muito mais e muito menos que espaço público, se nos limitarmos à propriedade pública. A opulência da cidade é a dos seus espaços colectivos, de todos os espaços onde a vida rotineira toma lugar, se apresenta, e está presente como memória. Talvez seja cada vez mais comum serem espaços que não são públicos nem privados mas ambos ao mesmo tempo: espaços públicos usados para actividades privadas ou espaços privados que admitem uso colectivo."*[16].

Adoptamos neste sentido a consideração de que hoje, mais do que nunca, é necessário o resgate do espaço colectivo, como elemento integrante da cultura

12 **Mateo Kries**, *"Together!"*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, op. cit., p.35.

13 *"Estamos a testemunhar uma crise profunda na provisão e acesso à habitação em toda a Europa."*, **Helen Jarvis**, *"The Social Architecture of the Self-Governance in Cohousing: Issues and Implications"*, op. cit., p.1.

14 **Mathias Müller**, **Daniel Niggli**, **Andreas Ruby**, **Ilka Ruby**, *"Together! On the Renaissance of the Collective in Contemporary urban Architecture."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, op. cit., p.37.

15 **Kristian Borret**, *"On Domains: The Public, The Private and The Collective."*. OASE #75, *"25 years of Critical Reflection in Architecture"*, op. cit., p.307.

16 **Manuel Solá-Morales**, *"Openbare en collectieve ruimte: de versetedelijking van het privédoamin als nieuwe uitdaging"*, OASE #33, *"Over de transformatie van de metropool"*, Roterdão, 1992. *Apud.*, *idem*, p.304.



21. Apartamentos com um pequeno restaurante, Tóquio, 2017.
Daniel Burchard

arquitectónica contemporânea. É imperativa a introdução das novas tipologias, que permitam uma maior oferta, passível de apropriação e adaptação pelas diferentes culturas onde se erguem. Compreendemos, na nossa postura, a vontade expressa de informar o projecto com a noção de *colectividade*, ao abrigo da ideia de que *"Ao invés de centrado na economia de mercado, a sociedade civil pode ser compreendida como um domínio de diferentes públicos, cada um com sua identidade claramente definida. Esta ideia inclui comités de vizinhança, organizações culturais, movimentos ambientais e outros inúmeros grupos de interesse baseados em etnicidade, linguagem, raça, etc.. Por outro lado, manifestam as características de uma comunidade: partilham os mesmos princípios e valores; sancionam os seus membros segundo esses mesmos princípios e valores; e tentam existir como um grupo, apesar de preferências e interesses individuais. Por outro lado, a sua autoridade não se alastra na sociedade como um todo. Por isso são, em certo sentido, não públicos …"*[17].

2.1 O futuro do retrocesso.

Este enquadramento, o das arquitecturas colectivas revela-nos que estas várias experiências históricas não representam uma *"… moda, mas sim um desvio sistemático em direcção a uma arquitectura socialmente responsável (que responde aos desafios sociais chave do século XXI)."*[18]. A situação contemporânea das nossas cidades, e não só[19], manifesta claramente a crise imposta pela adopção em massa da tipologia da casa da família nuclear, por se apresentar como oferta única no mercado imobiliário. No entanto, a vivência contemporânea do espaço construído desdobra-se numa *"… multitude de outras situações residenciais: lares de solteiros ou de casais, habitação em 'timeshare', constelações residenciais em habitação relacionada a noções de cuidado ou serviços como hotéis ou lares de idosos, alojamentos de férias, etecetera. Enquanto o mercado imobiliário continua a fornecer principalmente segundo o ideal da família pós-Fordista, cada vez mais pessoas vivem em circunstâncias muito diferentes."*[20].

Apesar de anteriormente se ter apontado o período do pós-guerra do século XX como o introdutor das dinâmicas colectivas, como complemento da dualidade do *público* e *privado*, esse não foi um tema adoptado transversalmente ao desenvolvimento urbano e arquitectónico desse período. Consideramos importante, aliás,

17 *Idem*, p.310.

18 **Mateo Kries**, *"Together!"*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, op. cit., p.36.

19 Estabelecemos assim o paralelismo com o território da vila de Almeida, considerado por nós, pelo afastamento da génese rural, suburbano.

20 *"Nesse sentido, estes projectos inspirados comunitariamente são o antídoto crítico aos estereotípicos complexos residenciais monofuncionais da era do pós-guerra, que tendiam para sufocar a vida urbana graças ao dogma modernista da separação funcional."*, **Mathias Müller**, **Daniel Niggli**, **Andreas Ruby**, **Ilka Ruby**, *"Together! On the Renaissance of the Collective in Contemporary urban Architecture."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, op. cit., p.37-38.



apontar o resultado destrutivo dos princípios modernistas da *separação funcional*[21], praticados simultaneamente com as, na altura inovadoras, noções de colectividade. Hoje observamos a tentativa de redenção dessas políticas nos agentes urbanísticos, desde projectistas a legisladores, que *"(...) procuram de modo crescente maneiras para reverter a danificadora separação espacial de lares, lojas, escolas e locais de emprego; (...)"*[22]. De maneira geral, nas últimas décadas, consideramos que as administrações dos espaços urbanos se mantiveram excessivamente passivas, permitindo a condução da evolução do território dependente do mercado. Partilhamos da opinião de que é imperativo *"(...) colocar o valor utilitário do espaço urbano para a sociedade como um todo no centro de todas as deliberações sobre futuros desenvolvimentos das nossas cidades, em vez de simplesmente tentar optimizar o valor desses espaços como uma comodidade de câmbio privado."*[23]. De alguma maneira, podemos traduzir a nossa postura de intervenção como um retrocesso conceptual na projecção das novas estruturas, até certo sentido, na tentativa de recuperar a razão genuína e utilitária do espaço público arcaico, na altura em que as nossas sociedades não se encontravam reféns da autoridade desse mercado. Esta vontade parte da consideração de que *"Durante a maior parte da história, a forma dominante de vida era comunitária, cooperativa e multigeracional."*[24].

2.2 A resposta (doméstica) à *Superabundância**.

É neste registo que entramos em contacto com a tipologia do Cohousing, ou com a sua filosofia: informados pela vontade expressa de Teresa e José, que procuram encontrar a validação para construir uma casa na vila raiana portuguesa, num país *"... gravemente atingido pelas políticas austeras governamentais na esteira da crise financeira ..."*[25]. Ambos manifestam um desejo concreto de se desviarem do rumo normativo, da casa familiar nuclear. Teresa considera que, no seu caso, a idade não vai justificar o abandono da actividade profissional[26] ou, pelo menos, a procura de algum rendimento para um *"... fim de vida cómodo e digno."*[27]. José procura evitar os equipamentos sociais, típicos do investimento especulativo governamental, acrítico, como reacção ao rápido envelhecimento populacional, por não considerar que estes lhe permitam o conforto que procura

22. *"Siedlungen, Agglomerationen"*, 1992-1993.
David Weiss & Peter Fischli

*O presente título é referenciado pela conferência apresentada por **Peter Smithson**, a 16 de Novembro de 2001, intitulada *"La respuesta a la Superabundancia"*. Apud., **Catherina Spellman**, **Karl Unglaub**, *"Peter Smithson, conversaciones con estudiantes: un espacio para nuestra generacion"*, trad. Moisés Puente, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p.52.

21 *Ibidem.*

22 **Helen Jarvis**, *"The Social Architecture of the Self-Governance in Cohousing: Issues and Implications"*, op. cit., p.2.

23 **Mathias Müller**, **Daniel Niggli**, **Andreas Ruby**, **Ilka Ruby**, *"Together! On the Renaissance of the Collective in Contemporary urban Architecture."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, op. cit., p.42.

24 *"Timeline: Collective Architecture 1800-2017."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, op. cit., p.45.

25 Na citação, a autora refere-se ao contexto social e político Espanhol. No entanto, consideramos que a exposição desse panorama económico partilha algumas semelhanças com a situação portuguesa. **Ethel Barona Pohl**, *"Cooperative Housing as a Means More than an End"*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, op. cit., p.346.

26 *"Daqui a uns anos seremos mais velhos e sem a capacidade de gerir as nossas vidas profissionais actuais, contudo não podemos dispensar de continuar a trabalhar. Sim trabalhar, trabalhar até morrer."*, **Teresa Cunha**, *"Casa dos avós Zé e Teresa"*, ver apêndice B, p.53-57.

27 *Ibidem.*



23. Apartamento em Yokohama, Yokohama, 2017.
Daniel Burchard

com o avançar da idade[28]. A sugestão do *Cohousing* surge assim, pelas vozes do casal, promovendo o estudo da tipologia e do seu enquadramento.

São vários os autores que apontam o artigo da jornalista dinamarquesa Bodil Graae, *'As crianças devem ter cem pais'*[29] publicado a 1967, no jornal *'Politiken'*, como a primeira evocação do termo. No artigo, a socióloga defende a criação de comunidades multigeracionais, focando-se principalmente na noção de partilha dos encargos domésticos, tomando em especial foco a educação das crianças do grupo. Esta abordagem é paralela ao discurso da libertação do cargo normativo feminino na sociedade, permitindo que as mães, e as mulheres em geral, pudessem aliviar a carga do trabalho doméstico através de uma estrutura de partilha dessas actividades e dos espaços onde tomam lugar. No nosso entender, apesar de acharmos pertinente a evocação do aparecimento do termo, não consideramos que este tenha sido o nascimento da tipologia, nem sabemos se é possível traçar a sua origem. Para nós, *Cohousing* é o nome dado a uma postura, que renuncia qualquer desenho ou apresentação estética, assim como qualquer modelo de financiamento concreto. É uma reacção directa à especulação imobiliária, e às consequências que esta importa para a transfiguração do território habitado. Trata-se de uma postura de construção comunitária assente rigorosamente na vontade e/ou apropriação dos residentes[30], adaptando-se dessa maneira às complexidades culturais, sociais e políticas inerentes a qualquer lugar. Talvez possamos traduzir a ambição universal destes projectos na doutrina que dita que *"Uma das provas chave de uma civilização é a sua habitação, e numa democracia moderna isto deve significar que toda a população deve ter a capacidade de ter uma residência decente e uma escolha na sua obtenção."*[31].

Consideramos pertinente posicionar, como princípio transversal a todos os projectos de *Cohousing*, os seus residentes no cerne do exercício de projecto. Mesmo que não assumam uma posição participativa na fase de desenvolvimento conceptual, fazem-no certamente na ocupação e na negociação dos vários espaços das propostas. Sendo assim, consideramos que o grande contraste destas ocupações, face aos desenvolvimentos especulativos, reside na intencionalidade das comuni-

28 *"A recuperação das antigas estruturas agrícolas da propriedade dos Coelhos permitirá a criação de uma vivência alternativa à deprimente solução do lar de idosos."*, **José Eduardo Cunha**, *"Projecto dos Coelhos - Uma pequena comunidade sénior fortemente ligada à comunidade local / Um contributo para um envelhecimento activo"*, ver apêndice B, p.53-57.

29 De título original *"Børn skal have hundrede forældre."*.

30 *"Cohousing é um conceito, não uma planta. Um consegue rapidamente adaptá-lo a assentamentos urbanos, rurais ou suburbanos e variar a forma dependendo das necessidades e desejos dos seus membros."*, **Kristian Anundsen**, **Carolyn Shaffer**, *"Creating Community Anywhere: Finding Support and Connection in a Fragmented World."*, Putnam Publishing Group, 1993, p.158. *Apud.* ***Maruja Torres-Antonini***, *"Our common house: Using the Built Environment to Develop Supportive Communities."*, Dissertação de Doutoramento em Filosofia, Graduate School, Florida University, 2001, (consultada em http://etd.fcla.edu/UF/UFE0000360/torres_m.pdf, a 24 de Fevereiro de 2019).

31 **Peter Davey**, *"Housing benefits."*. The Architectural Review, nº 1204, *"Housing Reassessed."*, *op. cit.*, p.5.







*"DIY (Do It Yourself) ou DIWO (Do It With Others)?"**

24. *"Segal Method".*
John Broome

* **Ethel Barona Pohl**, *"Arquitectura Emancipatória"*, publicado inicialmente em *"Subversive Opportunism"*, publicação do Architecture Fund, Vilnius, 2015, traduzido por **Ana Galvão**, publicado a 12 de Maio de 2015 em www.revistapunkto.com, (consultado a 24 de Agosto de 2019).

dades[32] que se instalam nestas estruturas, motivadas por uma cultura de partilha emergente que contesta a ideia de que *"… alguém tem de possuir algo a fim de o utilizar…"*[33], considerando-a de ultrapassada. Assumimos também que esta noção se manifesta como uma vantagem face aos grandes investimentos do mercado, apelativa a quem emprega os fundos para a construção (no caso de empréstimos bancários, por exemplo). No nosso entender os bancos, ou outros quaisquer investidores *"… não apoiam estes projectos apenas porque são sustentáveis, mas também porque são investimentos seguros: não especulativos, mas antes orientados para um uso e para os usuários."*[34]. Compreendemos, assim, que o sucesso do Cohousing, ou o seu falhanço, está, num primeiro momento, directamente relacionado com a integração dos indivíduos participantes.

Face a este assunto, achamos importante referir que, apesar de não serem a totalidade dos casos, um grande número destes projectos admite no seu desenvolvimento processos participativos. A aproximação a uma selecção de casos de estudo[35] revela várias escalas de participação nos diferentes processos de desenvolvimento das estruturas. Neste sentido, comprovamos que a participação tanto se pode manifestar essencial para o aparecimento e sedimentação das comunidades, como pode ser praticamente irrelevante[36] no desenvolvimento do projecto, dependendo unicamente das dinâmicas próprias aos grupos de residentes. Parece-nos, no entanto, ser consensual que a *"… participação enquanto soma inconsequente de interesses individuais é destrutiva."*[37]. Neste sentido, entendemos que o sucesso desses processos reside no acompanhamento próximo por técnicos e especialistas, assumindo uma postura didáctica[38] na relação com os residentes, ao invés de se tornar uma autoridade de controlo de *"interesses particulares"*[39]. O princípio passa por *"… maximizar as oportunidades para as pessoas se envolve-*

32 *"Termos e definições variam, o que é parte do desafio, mas neste ensaio, quero enfatizar que Cohousing é uma comunidade intencional. Isto porque aqueles que são atraídos pelo Cohousing fizeram a escolha consciente de colaborar numa comunidade partilhada 'por algum propósito comum para além da tradição, relação pessoal ou ligações familiares'.",* **Lucy Sargisson**, *"Friends have all things in Common: Utopian Property Relations"*, Nottingham University, 2010. *Apud.*, **Helen Jarvis**, *"The Social Architecture of the Self-Governance in Cohousing: Issues and Implications"*, *op. cit.*, p.5.

33 **Mathias Müller**, **Daniel Niggli**, **Andreas Ruby**, **Ilka Ruby**, *"Together! On the Renaissance of the Collective in Contemporary urban Architecture."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.37.

34 ***Yuma Shinohara***, *"Democratising Housing: A Conversation Between Yuma Shinohara and Michael Lafond – Spreefeld Berlin."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.339.

35 *"Lições instruídas por projectos individuais beneficiam o movimento na sua totalidade desse modo tornando-o num sistema de aprendizagem. Esta é uma nova dimensão da participação.",* **Andreas Hoffer**, *'A City for People'*. In *'Together! The New Architecture of the Collective'*, *op. cit.*, p.63.

36 *"As construções podem ser lideradas por residentes, por investidores, ou por empreendimentos conjuntos, mas todas tipicamente enfatizam o co-desenho participatório entre arquitectos, investidores e supostos residentes.",* **Helen Jarvis**, *"The Social Architecture of the Self-Governance in Cohousing: Issues and Implications"*, *op. cit.*, p.5.

37 **Andreas Hoffer**, *'A City for People'*. In *'Together! The New Architecture of the Collective'*, *op. cit.*, p.61.

38 *"Participação é o reconhecimento que nenhum especialista tem o monopólio sobre saber a resposta. O que não significa que os especialistas não merecem respeito; eles têm, apesar de tudo, conhecimento específico nos seus campos.", ibidem.*

39 *"Participação pode ser dificilmente retirada suficientemente longe de interesses particulares. Queremos falar colectivamente sobre a cidade e as novas formas residenciais, mas não sobre as nossas próprias casas de sonho.", ibidem.*



25. Casa para sete pessoas, Tóquio, 2017.
Daniel Burchard

rem e tomarem decisões, …"[40], procurando instruir os grupos de residentes com auto-estima e o domínio das suas vidas[41], buscando um profundo compromisso das comunidades com o espaço onde habitam, independentemente da escala dos projectos.

> *"A maioria das pessoas não se vai envolver em decisões que afectem três milhões e meio de pessoas; mas num bairro como este* [Spreefeld em Berlim], *se estamos a falar de vinte a cem pessoas – é um veículo para começar a aprender sobre processos sociais, democracia, tomar decisões, fazer compromissos, e por aí adiante."*[42]

Esta dimensão didáctica da participação, autónoma às várias escalas de presença no desenvolvimento dos projectos, admitindo até que possa não existir, é uma das ilustrações da *co-determinação* impregnada aos grupos de residentes. Como Robert Temel enuncia em relação ao complexo residencial Sargfabrik em Viena: *"… tudo foi sobre autodeterminação, responsabilidade e cada um poder criar a sua própria vida e moldar a sociedade onde vive."*[43]. Consideramos, ainda neste seguimento, ser importante que a presença da individualidade e da "auto-expressão"[44] - entendendo que esta varie de intensidade e de foco consoante o indivíduo - se domestique segundo algum *"… sentido declarado de ética ou valores nucleares."*[45].

Tanto Teresa como José revelam essa postura nos termos que ambos expuseram quando confrontados com o pedido de redigir o que ambicionam para a estratégia de ocupação da propriedade dos Coelhos. Assumindo, naturalmente, diferentes escalas de envolvimento, ambos parecem sincronizados no que esperam de algum grupo de residentes, que aspiram acompanhar na criação da comunidade. Teresa admite a presença de *"vizinhos permanentes"*[46], com os quais possa *"… manter um ambiente familiar…"*[47], por outro lado, José propõe uma comunidade em que *"Cada pessoa ou grupo terá a sua casa própria, permitindo toda a sua independência e liberdade, podendo simultaneamente usufruir dos espaços e serviços comuns, para os quais deverá colaborar e participar activamente …"*, acreditando

40 ***Yuma Shinohara***, *"Democratising Housing: A Conversation Between Yuma Shinohara and Michael Lafond – Spreefeld Berlin."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.339.

41 *"… famílias imbuídas com uma nova auto-estima e um novo sentido de controlo sobre as suas vidas."*, **John McKean**, *"Learning from Segal: Walter Segal's work and influence / Von Segal Lermen: Walter Segal Leben, Werk and Wirkeeng"*, Basileia: Birkäuser, 1989, p.172.

42 ***Yuma Shinohara***, *"Democratising Housing: A Conversation Between Yuma Shinohara and Michael Lafond – Spreefeld Berlin."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.339.

43 **Robert Temel**, *"Creation in Place of Codetermination: The Vienna Sargfabrik as a Showcase Project of Urban Living"*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.337.

44 *"E depois há também a dimensão cultural (…) que inclui a ideia de que numa democracia Ocidental, as pessoas devem ter o direito a um tipo de auto-expressão. Eu acho que as pessoas gostam destes projectos porque as munem das ferramentas para se exprimirem."*, ***Yuma Shinohara***, *"Democratising Housing: A Conversation Between Yuma Shinohara and Michael Lafond – Spreefeld Berlin."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.343.

45 **Helen Jarvis**, *"The Social Architecture of the Self-Governance in Cohousing: Issues and Implications"*, *op. cit.*, p.5.

46 **Teresa Cunha**, *"Casa dos avós Zé e Teresa"*, ver apêndice B, p.53-57.

47 *Ibidem.*



*"Não podemos negar que este tipo de projectos é muito politico em certo sentido: eles querem ir para além do sistema capitalista e do individualismo que lhe é inerente."***

26. *"Leben in der Sargfabrik"*, 2013. *Alexander Dworschak, Michael Rieper* e *Christine Schmauszer*

*O presente título é referenciado pela conferência apresentada por **Peter Smithson**, a 16 de Novembro de 2001, intitulada*"La respuesta a la Superabundancia"*. Apud., **Catherina Spellman**, **Karl Unglaub**, *"Peter Smithson, conversaciones con estudiantes: un espacio para nuestra generacion"*, op.cit.*, p.52.

** **Ethel Barona Pohl**, *"Cooperative Housing as a Means More than an End"*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, op. cit., p.347.

que, desse modo, pode promover "*… um apoio mútuo entre todos os residentes.*"[48]. Comprova-se assim o compromisso do casal com a proposta que lançaram, seriamente vinculado à dimensão colectiva do projecto onde ambicionam integrar a sua casa própria. Desta maneira, entendemos que a postura idêntica de José e de Teresa, sincronizada com o discurso exposto até agora, corrobora a noção de que a "*… profissão arquitectónica se começou a reinterpretar e a compreender que o futuro não consiste apenas em trabalhar ao serviço da sociedade, mas também integrada na mesma.*"[49].

2.3 A resposta (urbana) à *Superabundância**.

Servimo-nos desta noção para estabelecer a ponte entre as duas esferas de acção dos projectos de *Cohousing*. Até este momento, o discurso focou-se directamente no papel desempenhado pelos residentes, tanto na fase de projecto como na de apropriação, incidindo o estudo na dimensão doméstica e familiar destas estruturas. No entanto, admitimos também uma outra frente activa onde os próprios manifestam a "*… procura de maneiras alternativas de satisfazer a necessidade de 'pertença', …*"[50]. No nosso entender, é também inerente uma dimensão urbana, pública, a estes projectos. A genética comunitária deste conceito, importa os dois extremos do binário, conjugando-os, através de "*Vários agentes que experimentam formas colectivas de consumo e de trabalho …*"[51].

Neste sentido, evocamos o raciocínio de que "*A arquitectura de habitação partilhada inspira maneiras de realçar a qualidade da vida urbana das nossas cidades por recalibrar as relações entre espaço privado e público. Ela prevê uma cidade com um programa profundamente fundido combinando atmosferas de habitação, de trabalho e de lazer e promovendo uma estratificação social inclusiva, onde pessoas de diferentes grupos de rendimento vivem lado a lado em vez de se encontrarem espacialmente segregadas.*"[52]. Para atingir esse estado, consideramos que o projecto se deveria munir de estruturas e infra-estruturas que pudessem servir não apenas a comunidade de residentes, mas também integrar-se na rede de dinâmicas e fluxos da vila de Almeida, considerando que esta se encontra debilitada pela negligência das últimas décadas. Defendemos, deste modo, que a dimensão do projecto não se vincule apenas com o programa residencial[53].

48 **José Eduardo Cunha**, *"Projecto dos Coelhos - Uma pequena comunidade sénior fortemente ligada à comunidade local / Um contributo para um envelhecimento activo"*, ver apêndice B, p.53-57.

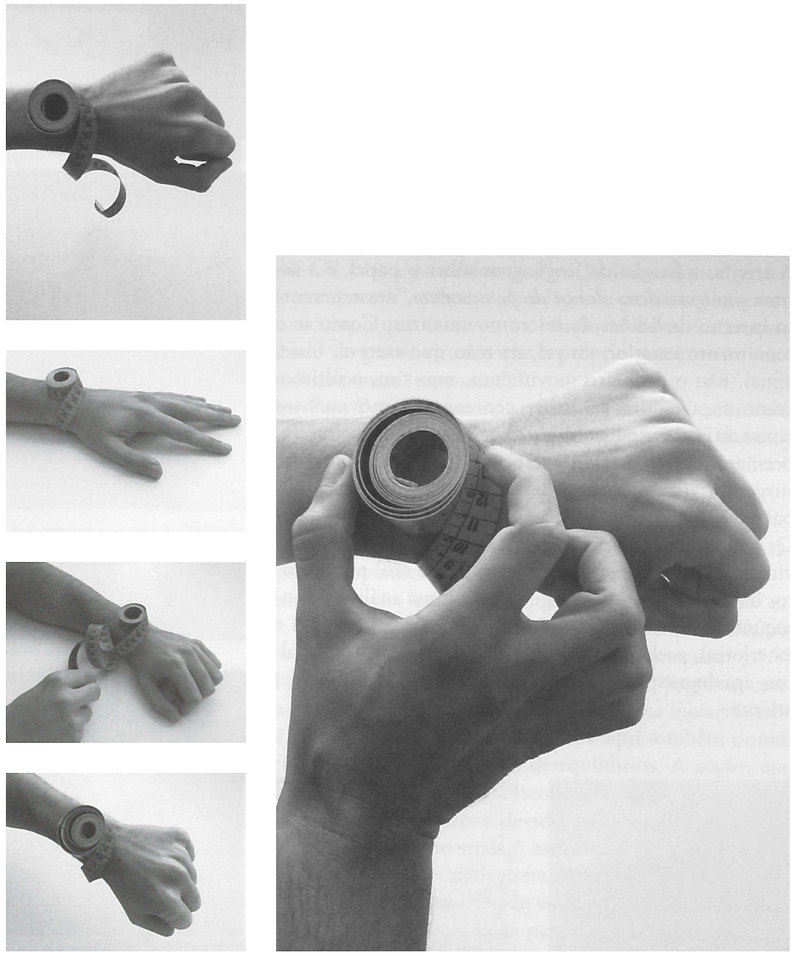
49 **Ethel Barona Pohl**, *"Cooperative Housing as a Means More than an End"*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, op. cit., p.346.

50 **Mathias Müller**, **Daniel Niggli**, **Andreas Ruby**, **Ilka Ruby**, *"Together! On the Renaissance of the Collective in Contemporary urban Architecture."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.37.

51 *Idem*, p.38.

52 *Idem*, p.39.

53 *"Nunca é apenas sobre residências. Os projectos devem atingir uma certa escala se querem alterar a cidade ou o distrito e alcançar uma complexidade interior que potencie várias formas de apropriação e desenvolvimento (como jardins, infra-estruturas distritais, espaços residenciais e laborais)."* **Andreas Hoffer**, *'A City for People'*. In *'Together! The New Architecture of the Collective'*, *op. cit.*, p.62.



27. Acertar o relógio. Quantos centímetros mede um minuto?
Os Espacialistas

À luz deste princípio, parece-nos pertinente voltar a evocar o complexo Sargfabrik, em Viena. Neste caso, ainda na fase de projecto, tanto arquitectos como residentes (em alguns casos ambos) procuraram que o edifício não se tornasse "*… num simples projecto residencial, mas que fosse concebido para abranger a diversidade da vida, munido da integração urbana como objectivo declarado.*"[54]. Este projecto comprova que a incorporação de equipamentos é possível e encorajada, desde que estes se revelem pertinentes no enquadramento urbano[55]. Hoje "*… o Sargfabrik é uma organização não lucrativa com uma equipa de vinte funcionários. Para além dos cento e doze apartamentos oferece instalações comunitárias abertas a toda a gente: o centro cultural, que nutre de uma reputação por toda a cidade apresenta um prestigioso programa que abrange jazz e música internacional; a piscina interior, que é operada como um clube de natação; um bar gerido como um fórum socioeconómico; e um centro de seminários, um jardim de infância, e uma creche assim como uma gama de comodidades para os próprios residentes. Estes incluem uma residência partilhada para jovens apoiados por trabalho social, outra para pessoas com incapacidades, assim como quatro apartamentos para aqueles que necessitem de residência por breves períodos, entre eles refugiados.*"[56].

2.4 Tempo como programa.

Novamente sincronizados com o discurso levantado nos temas anteriores, Teresa e José admitem, nos seus testemunhos, a integração de programas que complementem o tema residencial do projecto, ambicionando interagir com o contexto externo ao mesmo, que enquadra a comunidade de residentes. Nesse sentido, encontram na abundante área da propriedade justa causa para "*… a rentabilização do espaço agrícola com a cedência à sua exploração por jovens agricultores locais, assim como o desenvolvimento de actividades geradoras de recursos financeiros, (…), procurando a captação de um público exterior à própria comunidade.*"[57]. Em ambos os depoimentos, a necessária validação económica do projecto - a mesma que aproximou, num primeiro momento, o casal ao conceito de 'Cohousing' - numa altura mais avançada, justifica a integração de serviços que apoiem tanto a comunidade interna como a externa à propriedade[58].

54 **Robert Temel**, *"Creation in Place of Codetermination: The Vienna Sargfabrik as a Showcase Project of Urban Living"*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.337.

55 *"…, o Sargfabrik de Viena provou-nos que piscinas, coberturas ajardinadas, e saunas eram viáveis desde que integradas inteligentemente no contexto mais abrangente …"* **Andreas Hoffer**, *'A City for People'*. In *'Together! The New Architecture of the Collective'*, *op. cit.*, p.62.

56 **Robert Temel**, *"Creation in Place of Codetermination: The Vienna Sargfabrik as a Showcase Project of Urban Living"*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.337.

57 **José Eduardo Cunha**, *"Projecto dos Coelhos - Uma pequena comunidade sénior fortemente ligada à comunidade local / Um contributo para um envelhecimento activo"*, ver apêndice B, p.53-57.

58 *"… as cooperativas integram cada vez mais funções no espaço dos complexos residenciais que beneficiam não apenas os próprios residentes, mas também o público geral. Esta é também uma boa maneira de financiar instalações publicas como creches, piscinas, restaurantes ou centros comunitários."* **Mathias Müller**, **Daniel Niggli**, **Andreas Ruby**, **Ilka Ruby**, *"Together! On the Renaissance of the Collective in Contemporary urban Architecture."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.39.



28. Apartamentos com um pequeno restaurante, Tóquio, 2017.
Daniel Burchard

Com essa premissa em mente, começamos por identificar três domínios, que nos parecem essenciais para integrar o complexo na rede de dinâmicas da região, assim como para incorporar o grupo de residentes nessa estrutura pré-existente. Definimos assim, que o espaço construído deveria responder a programa habitacional, doméstico e íntimo; laboral, de produção; e de consumo e ócio, materializado na inclusão de serviços que gerassem receita para o sustento e manutenção do projecto. Desta maneira promovemos uma "*... estrutura de espaços ... de uso flexível, que podem ser reprogramados a qualquer altura para irem de encontro de diferentes necessidades.*"[59]. O passo que se seguiu a este primeiro contacto, tratou-se da concretização de uma estratégia de ocupação da propriedade dos Coelhos[60], visitada num momento anterior.

Até agora, definimos três esferas programáticas, consideradas imperativas no apoio ao grupo de residentes e na interacção com o público externo. Consideramos pertinente atribuir às dimensões em causa respectivos *intervalos temporais*, directamente relacionados com a estadia na propriedade por parte dos utilizadores. À primeira, correspondente ao programa recreativo e de consumo, sugerimos uma estadia de *curta duração*. Achamos a propósito enquadrar nesta janela temporal, inicialmente, o programa associado aos "*... recursos turísticos presentes na região de Almeida, ..., numa forte relação com os esforços desenvolvidos pelo poder local.*"[61]. Propomos assim um equipamento turístico, de campismo, pelo impacto reduzido que tem na paisagem[62]. Naturalmente, a área destinada à colocação de tendas é apoiada pelas infra-estruturas necessárias, no nosso entender, para o bom funcionamento programático. Propomos nesse sentido um espaço de recepção, de balneários, de confecção alimentar (informal), de lavagem de louça e de lavandaria. O funcionamento dos balneários, para além de estar vinculado directamente ao campismo, apoia também um tanque acessível a todos os intervenientes no complexo, residentes ou não. Aliado ao equipamento turístico, pareceu-nos igualmente pertinente a introdução de dois equipamentos de consumo. Admitimos que essas estruturas sirvam, de maneira transversal, todos os participantes do complexo, desde os campistas derivantes, aos residentes e trabalhadores ancorados ao território físico da propriedade, pelas casas ou pelo trabalho. Tomamos ainda em consideração a possibilidade deste programa se conduzir segundo algumas dinâmicas alternativas - sugeridas por alguns dos exemplos visitados - como por exemplo a prática de preços simbólicos, por parte dos negócios instalados na propriedade, a residentes, garantindo assim um fluxo de clientes

59 *Idem*, p.41.

60 Consideramos, no entanto, pertinente admitir que a falta de um maior grupo de residentes não permite a validação integral do ensaio da estratégia programática. Ainda assim apoiamo-nos veementemente nos testemunhos de Teresa e José, como os registos das vontades concretas dos residentes, compreendidas no estado hipotético deste exercício.

61 **José Eduardo Cunha**, *"Projecto dos Coelhos - Uma pequena comunidade sénior fortemente ligada à comunidade local / Um contributo para um envelhecimento activo"*, ver apêndice B, p.53-57.

62 Parece-nos interessante evocar também a memória íntima do casal, e dos vários acampamentos organizados em registo familiar, no terreno dos Coelhos.



29. Spreefeld, Berlim, 2016.
Daniel Burchard

regular, assegurando que o negócio não sofre consequências com a sazonalidade natural da flutuação turístico. Finalizando a definição do programa recreativo, achamos a propósito complementá-lo com um espaço polivalente, indicado à realização de reuniões, conferências, workshops, etc. Pareceu-nos coerente aliar este espaço ao programa recreativo, associado a estadias esporádicas na propriedade, procurando potenciar a versatilidade da sua utilização, fruto de uma constante reprogramação.

Progredindo na construção programática da proposta, vamos de encontro a um segundo *intervalo temporal*, vinculado ao programa de natureza laboral. Esta esfera programática bifurca-se em duas estruturas diferentes. Por um lado, procuramos evocar a natureza agrícola da propriedade, recuperando o programa das dependências e das estruturas que noutros tempos serviram esse fim. Os alimentos retirados do solo granítico poderão ser distribuídos entre residentes e trabalhadores, assim como poderão também apoiar as estruturas de consumo, evocadas no parágrafo acima. Divergindo deste primeiro assunto, propomos a construção de espaços de *"oficinas temáticas"*[63], submetidas a um regime de arrendamento, padecentes de apropriação por parte dos almeidenses ou dos residentes dos Coelhos. No nosso entender, estas duas actividades programáticas estão profundamente comprometidas com o estímulo produtivo da região. De maneira sumária, ambicionamos empenhar o projecto do terreno dos Coelhos à reactivação de faculdades extintas, adormecidas ou até mesmo à introdução de novos agentes, até agora alienígenas ao enquadramento socioeconómico almeidense[64].

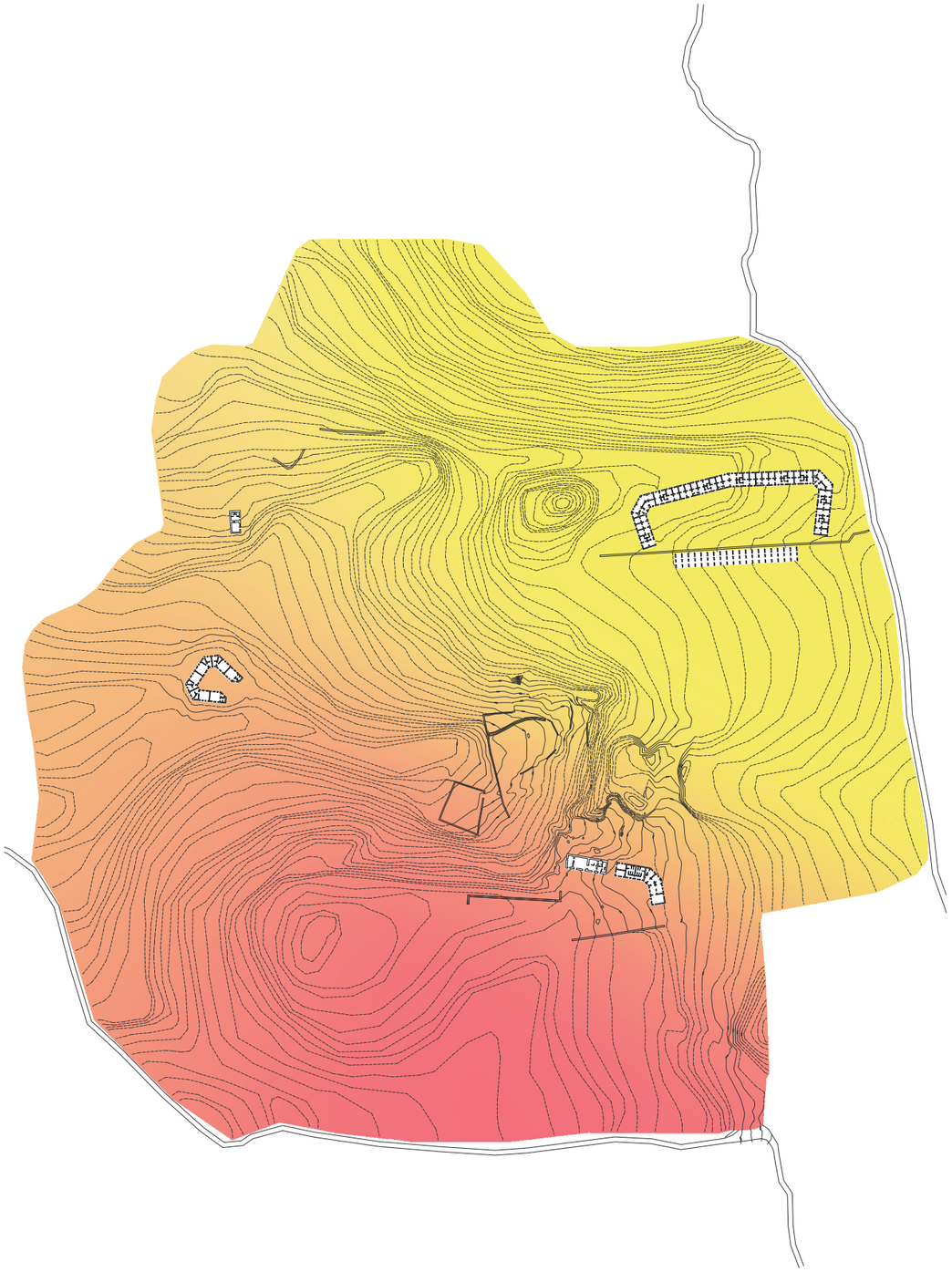
Culminamos a rede de dinâmicas de ocupação da propriedade dos Coelhos, evocando o programa associado às actividades residenciais, vinculado à noção de estadias de longo prazo no terreno. Neste domínio, admitimos aqueles que partilham da vontade mais íntima de José e de Teresa, a de querer erguer *"... a casa onde um dia..."* poderão *"... juntar a família."*[65]. A delicadeza do exercício reside em aliar essas vontades pessoais, a uma ética comunitária, partilhada transversalmente pelos residentes, como apontamos num momento anterior. Nesse sentido, encontramos na partilha de equipamentos, o veículo para a celebração dessa dimensão comunitária, acreditando que os residentes *"... querem conhecer os seus vizinhos e partilhar serviços com eles, ..."*[66]. Propomos, desta maneira, a criação de núcleos comuns que complementem os espaços domésticos íntimos, abasteci-

63 **José Eduardo Cunha**, *"Projecto dos Coelhos - Uma pequena comunidade sénior fortemente ligada à comunidade local / Um contributo para um envelhecimento activo"*, ver apêndice B, pp.53-57.

64 Compreendemos, neste momento, a nossa postura em relação à produção no terreno dos coelhos, muito próxima à definição de *'Behaviourology'*, do atelier Bow-Wow: *"Através da lente de trabalho etnográfico, cultivamos os recursos locais para redescobrir e relações inconscientes e invisíveis entre eles, para depois os reactivarmos propondo desenho arquitectónico."* - Excerto da apresentação do programa leccionado no estúdio dirigido por **Momoyo Kaijima**, fundador do atelier Bow-Wow em conjunto com **Yoshiharu Tsukamoto**, intitulado de *"Architectural Behaviourology"*, integrado na oferta académica do curso D-ARCH ETH, em Zurique, (consultado em https://kaijima.arch.ethz.ch/, consultado a 5 de Março de 2019).

65 **Teresa Cunha**, *"Casa dos avós Zé e Teresa"*, ver apêndice B, p.53-57.

66 **Mathias Müller**, **Daniel Niggli**, **Andreas Ruby**, **Ilka Ruby**, *"Together! On the Renaissance of the Collective in Contemporary urban Architecture."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op.cit.*, p.38.



30. Manifestação da estratégia programática de ocupação do terreno dos Coelhos

dos com espaços de lavandaria, de refeição, de confecção alimentar, e recreativos, de estar. Esses irão - variando consoante a personalidade dos residentes - talvez ser os espaços mais importantes para a construção da comunidade íntima, que o casal idealiza. Nesse lugar ambicionamos a construção das relações de familiaridade entre vizinhos, e o combate ao isolamento, patológico das metrópoles impessoais e do território rural desertificado, simultaneamente. No nosso entender, o tema programático dos núcleos de serviços é fundamentado pela ideia de que *"… para um projecto bem-sucedido, são precisos espaços onde as pessoas se podem encontrar – onde não o têm de fazer mas podem, tanto no interior como no exterior."*[67].

Procuramos, assim, com esta proposta programática, estabelecer uma rede de dinâmicas de ocupação, flexível, que permita flutuação de actividades consoante as vontades expressas dos residentes da vila e os dos Coelhos. À luz da investigação acerca da tipologia do *'Cohousing'*, entendemos que o sucesso deste projecto concreto reside no vínculo próximo entre a exploração da vontade íntima do casal que o quer habitar, a adopção das estruturas construídas e as actividade que lá tomam lugar, aliada a uma benéfica rede de investimento, polarizada, entre fundos privados - importados pelos participantes (gerados pela actividade na propriedade) - e por apoio público, administrativo. Quando nos deparamos com a complexidade da estrutura social, económica, política, etc., necessária para o bom funcionamento do projecto, rapidamente entendemos que grande parte desses aspectos são impossíveis de compreender num desenho. Entendemos, aliás, que tal desenho se pode facilmente vir a revelar uma ferramenta contrária ao que se pretende, como um promotor da cristalização estática da proposta.

2.5 Constante reprogramação, o papel da obra aberta.

É motivado por este receio, o de sentenciar o projecto a uma condição estática com o desenho, que achamos a propósito culminar a discussão programática da estratégia de ocupação da propriedade com o conceito de *'obra aberta'*. Num primeiro momento, entendemos como *'obras abertas'* os projectos cuja *"… abertura e dinamismo constituem um tornar-se disponível para várias integrações, para complementos funcionais concretos, canalizando-os de início no jogo de uma vitalidade orgânica que a obra possui, mesmo não sendo acabada, e que permanece válida até em face de diversas e múltiplas utilizações (…)."*[68]. Neste seguimento, consideramos imediata a coerência da evocação deste conceito com o discurso do *Cohousing*, paralelo em ambições e dificuldades[69].

67 ***Yuma Shinohara***, *"Democratising Housing: A Conversation Between Yuma Shinohara and Michael Lafond – Spreefeld Berlin."*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, *op. cit.*, p.339.

68 **Bruno Zevi**, *"La poética dello O. A."*, editorial de L'Architectura, nº 105. *Apud.*, **Nuno Portas**, *"A arquitectura para Hoje / Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal"*, *op. cit.*, p.80.

69 *"Esta perspectiva apresenta dificuldades evidentes; dificuldades de enraizamento lento, compreensivo, porventura exigente de abdicações nalgumas direcções de requinte que os profissionais mais hábeis se habituaram a exercitar nas suas obras 'acabadas'. "*, *idem*, p.83.



31. Mehr Als Wohnen, Zurique, 2017.
Daniel Burchard

Do ponto de vista operativo, propomos compreender a *'obra aberta'* partindo do princípio de que se trata de uma condição que informa o projecto em dois momentos distintos, mas lineares: inicialmente, na projecção e materialização da obra, e da sua dimensão estética; e no seu natural seguimento, manifestado no uso das estruturas construídas, promovendo a sua transfiguração às necessidades concretas de quem as habita. Em relação à primeira esfera de acção, a de propor uma materialização, pareceu-nos necessária a cristalização de um discurso transversal a todo o projecto. Como vamos ver mais adiante, as nossas opções estéticas adoptam um conjunto de normas concretas, aplicáveis a todas as situações na propriedade. No entanto, acreditamos e defendemos que este primeiro momento, o de projectar a arquitectura segundo uma rigidez normativa, tem na nossa postura a finalidade de criar peças arquitectónicas *"de segundo plano"*, descaracterizadas. Ou seja, procuramos que os edifícios se manifestem como um cenário genérico, que promova activamente a sua transfiguração, até certa medida, espontânea e - talvez possamos ter o optimismo de lhe chamar - vernacular[70].

Posta em evidência esta primeira noção, propomos agora convergir para a ideia da livre utilização das estruturas. Como vimos no momento anterior, a maioria das componentes programáticas estão susceptíveis à apropriação, sendo mesmo imperativa a sua presença. Este aspecto é, inicialmente, potenciado pela projecção de espaços descaracterizados, de dimensões sensatas, apoiados por pequenos núcleos de serviços básicos, convidativos à sua adaptação por uma vasta gama de actividades. Desta maneira, comprometemo-nos sinceramente à ideia de que *"Dentro desta matriz desobediente e orgânica, cada lugar é tratado como uma aglomeração solta de espaços que podem ser colonizados segundo necessidades individuais."*[71]. Esta postura é verdadeira na projecção dos espaços recreativos, de consumo, ou para os de trabalho. Por outro lado, pela natureza concreta do programa residencial, consideramos que esta postura dificilmente poderia ser transportada para a projecção dos lares. No nosso entender, a especificidade e intimidade das motivações que levam alguém a construir e habitar os seus espaços domésticos não deveriam ser contrariadas, ou saciadas ingenuamente com a oferta de espaços descaracterizados e anónimos. Consideramos que o processo de construção dessas estruturas se deveria subverter a uma lógica diferente. É nesse sentido que propomos um sistema modular para a construção das casas. Começamos por definir três tipos que satisfazem, no nosso entender, os compartimentos base da realidade doméstica contemporânea – o módulo de infra-estruturas, munido de uma pequena cozinha e sanitários, um de serviço e um completo; o módulo de sala, com área para a organização de um espaço de estar e de refeições; e o módulo íntimo, constituído por um quarto e um espaço que lhe é adjacente,

70 *"Aberta, primeiro, quanto ao processo estético que se quer completado na própria experiência do seu consumo pelo observador ou sujeito; …", idem*, p.80.

71 **Phoebe Chow**, *"Eclectic collective"*. The Architectural Review, nº 1204, *"Housing Reassessed."*, *op. cit.*, p.72-73.



*"(...) um ambiente monumental não é considerado estático a menos que seja retirado à vida quotidiana."**

32. Oficinas no Teatro de Marcello em Roma, 1914.

* **Nuno Portas**, *"A arquitectura para Hoje / Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal"*, *op. cit.*, p.94.

de escritório, de biblioteca, arrumos, etc. A junção destes três módulos satisfaz o que chamamos de *unidade mínima*. A partir desta base, a adição das tipologias é livre, considerando que *"Os próprios edifícios terão de ser flexíveis para oferecerem mais opções, para atender a mudanças nas vidas das pessoas e mudanças democráticas graduais."*[72]. Procuramos desta maneira promover a construção gradual do complexo e das relações de vizinhança entre residentes, aliada à natural evolução dos agregados familiares[73], condicionada naturalmente a uma capacidade máxima da propriedade, por entendermos ser importante a preservação de uma atmosfera familiar.

Consideramos ainda a necessidade de adaptar esta postura conceptual não apenas às novas construções, mas também ao desempenho da reabilitação das ruínas visitadas no exercício de levantamento. Importamos, assim, para o nosso discurso a convicção de que *"Este método não tem aplicação apenas a um organismo arquitectónico novo, antes se aproxima da 'renovação activa' ..."*[74]. Aqui, o raciocínio complexifica-se com a conceptualização do que pode ser considerado *'património'*, o que se deve ou não preservar. Mais à frente iremos revisitar esse tema, mas por agora adoptamos a postura de intervir no património alimentado pela vontade de o reactivar.

> *"Se o problema é posto como uma escolha dilemática entre a necessidade de conservar intacta as imagens do passado deixadas num conjunto urbano, respeitando a sua crosta, ou a de responder antes e exaustivamente às funções vitais dos utentes, só pode ter saída pela segunda hipótese, dada a impossibilidade evidente, por hipótese, de exprimir actualmente, e com autenticidade, conteúdos não vivíveis senão em meios por qualquer motivo atrasados – e isso porque desde o inicio deste trabalho consideramos arquitectura não como um acessório 'estético' mas como algo que influencia, caracteriza as actividades de uma comunidade."*[75]

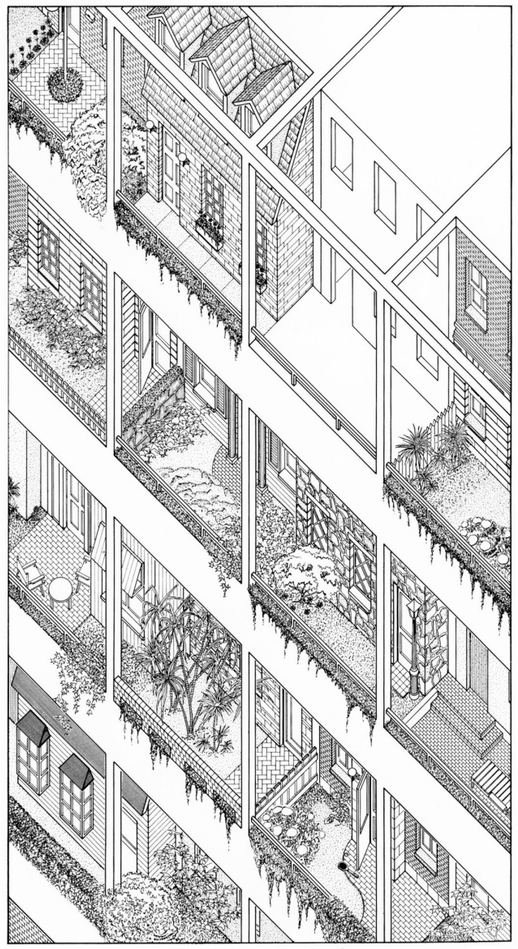
No entanto, o papel dos testemunhos do levantamento não se esgota no discurso da '*renovação activa*'. Entendemos que um dos aspectos fulcrais da '*obra aberta*' é o seu carácter eternamente incompleto. Esta noção estabelece um paralelismo directo com as dinâmicas de financiamento da obra. Entendemos que as construções das estruturas enumeradas na rede programáticas aparecem subvertidas a um financiamento gradual, justificado pelas vontades expressas dos seus intervenientes, podendo nunca existir, se assim entenderem. Achamos importante evitar a conduta de acção especulativa, de construir as estruturas na totalidade para depois esperar estaticamente a sua ocupação. Parece-nos que isso significa o abandono da intencionalidade da comunidade, tão querida das tipologias de

72 **Peter Davey**, *"Housing benefits."*. *Idem*, p.5.

73 *"... os habitantes poderão realmente ser capazes de manipular as suas residências, ..."*, **Peter Davey**, *"Can Architects produce decent housing."*. The Architectural Review, nº 1233, *"Housing."*, *op. cit.*, p.27.

74 **Nuno Portas**, *"A arquitectura para Hoje / Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal"*, *op. cit.*, p.80.

75 *Idem*, p.94.



Cohousing. É nesse sentido que nos parece prioritário que cada unidade do complexo tenha sentido, tanto isolada como integrada na rede de artifícios. Para além dessa necessidade, torna-se importante que, encontrando-se o projecto numa condição incompleta, a evolução pretendida se encontre sugerida na paisagem. É nesse sentido que evocamos os vários elementos que constituem as dinâmicas arcaicas da propriedade. O projecto ergue-se subvertido a um vínculo íntimo, com os caminhos, os muros, as eiras e as construções arruinadas. Procuramos substituir a preservação acrítica desses elementos pela sua integração na evolução activa do complexo e da comunidade, assumindo-os como os objectos estruturantes do enraizamento dos diferentes núcleos programáticos.

Parece-nos, assim, que o esforço empregado na definição programática da intervenção, e na sua complexidade, respeita os três princípios fundamentais da *obra aberta – "a* disponibilidade *para diversas fruições a partir de um princípio inicialmente marcado na estrutura da obra; o* carácter incompleto*, que indica mas não vincula ampliações ou alterações possíveis; a* atitude activa *pedida aos utilizadores: não apenas na sua compreensão e exploração cultural, mas para a complementarem, a transformação segundo uma pedagogia logo contida na apreensão da obra."*[76].

33. "*High Rise of Homes*", 1981.
James Twine / SITE

76 *Idem*, p.82.

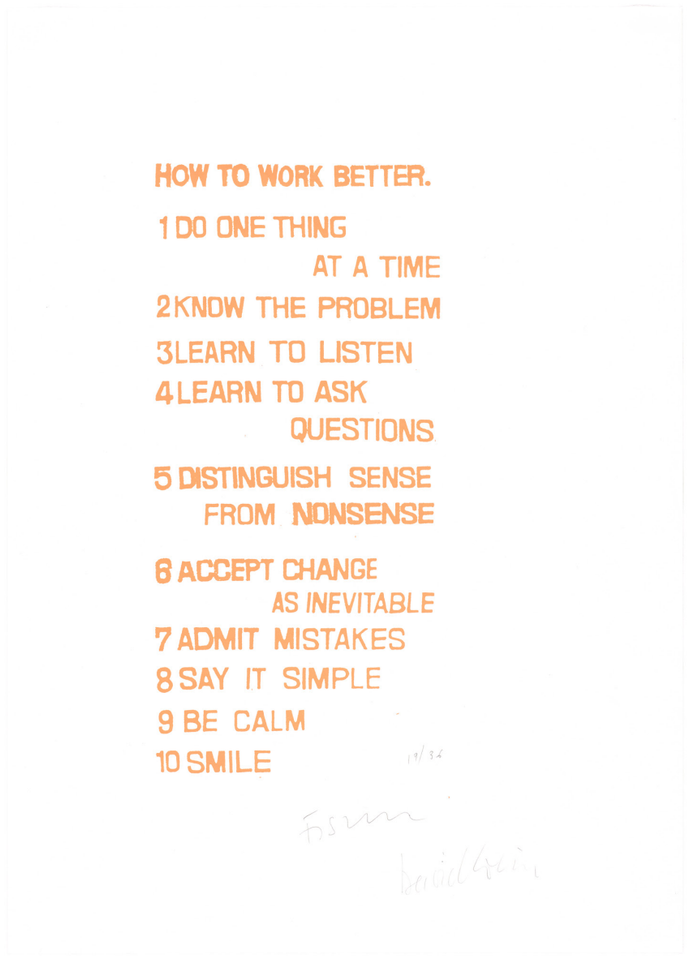


3 *Da ética para a estética*
[sobre o papel das referências no discurso do projecto]

"Arquitectura é por definição sobre 'stasis'. É sobre fazer invenções materiais de dimensões finitas em situações específicas. Nos melhores casos uma intervenção arquitectónica cultiva uma relação crítica com a sua situação e a sua construção é de alguma maneira comunicativa com o contexto existente físico e social. Até nos edifícios mais banais, porém, o lugar físico proporciona um cenário no qual a habitação é promulgada. Numa casa é o espaço da cultura do doméstico. Inserida na dimensão pública, é o território físico da acção colectiva. Por causa do projecto arquitectónico ser necessariamente localizado, inevitavelmente, quer intencionalmente ou não, envolve-se com padrões existentes de habitação. Nalguns pontos arte e literatura, de um modo menos 'ignorável', a arquitectura contribui para a nossa memória colectiva. Por causa da impossibilidade de uma condição de tabula rasa, a construção mantém-nos honestos. Relembra-nos de coisas que nós não nos queremos lembrar necessariamente."[1]

34. Igreja de S.Pedro, Klippan, 1963-66.
Sigurd Lewerentz

1 **Adam Caruso**, *"The Tyranny of the New"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, pp.34-35.



35. *"How to Work Better"*, 1991.
David Weiss & Peter Fischli

Este último capítulo da dissertação surge nutrido pela intenção de culminar o discurso levado a cabo até agora, fruto de uma análise crítica de eventos históricos e das reacções que naturalmente despoletaram. Um estudo da dimensão sócio-cultural desses fenómenos que, no nosso parecer, procura fundamentar a nossa interpretação da condição contemporânea da situação concreta da vila de Almeida, assim como da proposta de Teresa e de José.

Recuando à origem deste trabalho, assumimos, a par do lançamento do enunciado da proposta - sobre o qual se desenrolou o discurso até agora - a vontade primária de propor as estruturas físicas, concretas, onde os mais variados episódios programáticos tomam lugar, exercitados pela comunidade. Pareceu-nos imperativa a projecção desses espaços, da sua expressão e da sua atmosfera. Na nossa óptica, o projecto do Coelhos não estaria completo apenas com a exposição de uma estratégia de ocupação programática. Entendemos que a sua validação reside, em parte, na proposta de um *Habitat físico*.

Procuramos assim, neste momento, fazer uma reflexão incidente em exclusivo na prática arquitectónica, intencionalmente direccionada ao projecto explorado nesta dissertação. Comecemos por referir a dimensão íntima, até certo ponto solitária, intrínseca a um exercício desta natureza. Pode, até certo momento, ser compreendido como paradoxal, quando confrontado com a ideia das *comunidades intencionais*, que evocamos num momento anterior, acerca da filosofia do *Cohousing*, e da herança participativa que lhes é intrínseca. Em relação a este assunto refutamos de duas maneiras. Num primeiro momento, entendemos que a dimensão participativa é sempre relativa às dinâmicas próprias aos grupos de residentes, compreendendo que esta pode até nem ter expressão na fase de desenvolvimento de uma hipotética proposta arquitectónica. O segundo ponto é o registo em que enquadramos este trabalho: o de uma dissertação. Nesse sentido, não nos parece essencial, nem pertinente, ensaiar o processo de desenvolvimento desta proposta na íntegra, por a considerarmos, neste momento, como um exercício de investigação e de argumentação teórico-prática.

Antecedendo ainda qualquer episódio gerado pelo discurso da proposta arquitectónica no projecto dos Coelhos, parece-nos a propósito evocar o papel determinante que as referências assumiram no seu progresso - como corroboração da dimensão íntima do exercício, evocado anteriormente. Admitimos, desta maneira, que a ebulição discursiva, tanto teórica como formal, e os critérios que daí foram surgindo, celebram um vínculo com uma selecção de referências visuais, experienciais e teóricas, do *arquitecto encarregado*[1]. Sem compreender essa ligação, o sentido do projecto desvanece-se, perde a sua leitura. Incorporamos assim, na nossa postura, a noção de que *"O acto de seleccionar, de um espectro de pos-*

1 No caso concreto desta dissertação, a entidade evocada do 'arquitecto' é composta tanto pelo aluno como pelo orientador. Entendemos que o projecto é o resultado do esforço e da introdução de ideias e princípios por ambos.



36. *"7000 Eichen"*, Kassel, 1982.
Joseph Beuys

sibilidades formais e históricas, sempre foi importante para a produção de arte."[2]. O processo encorpora assim, à luz desta ideia, uma dimensão profundamente íntima, que o torna, até certa medida, irrefutável e indefensável. Munimo-nos do discurso de Adam Caruso, acerca de Joseph Beuys e do projecto em que trabalhou nos anos 80, *"7000 Eichen"* (7000 Carvalhos) - enquadrado no programa do *Documenta 7*[3] - compreendido nos esforços políticos de reflorestação da área urbana industrial alemã, no período do pós-guerra. Segundo o arquitecto, o artista alemão "*... recorreu a forças emocionais e intuitivas no seu cerne, a fim de articular essa condição de começar de novo e para se relacionar o mais directamente possível com o espectador."*[4]. Queremos instruir a nossa proposta com esta consciência.

Entendemos assim, como complemento desta ideia, que a validação da nossa proposta é alimentada por um leque de autores canónicos, estimulantes para o *autor*, assim como pelas suas experiências pessoais, presentes na sua memória íntima. Memória essa manifesta tanto na relação com os agentes seleccionados, como com a que nutre pela situação concreta do exercício – desde o território da propriedade, e o seu enquadramento, aos clientes que enunciaram o exercício. Encontramos nesta combinação a excepcionalidade desta proposta. Este princípio obriga ao compromisso com a impossibilidade de compreender ou de exercitar a intervenção recorrendo a uma postura normalizável, passível de repetição noutros enunciados[5].

À luz da compreensão desta dimensão íntima, associada ao processo arquitectónico inerente a este exercício concreto, exposta nos parágrafos anteriores, propomos a transição de um discurso, até agora de carácter *ético-político*, para um *formal-compositivo*, importando a noção de que "*... perante a exposição das contradições de uma sociedade desamparada, procura-se na arte o modelo de conduta com o qual entender, de agora adiante, a relação do visual e do social."*[6]. Por outras palavras, procuramos estabelecer a relação directa entre o comportamento social das comunidades com o habitat construído onde residem e com os princípios que definem a sua expressão. Neste sentido, entendemos que a componente estética própria da peça arquitectónica não tem repercussões apenas na esfera íntima do sujeito, sendo ele o arquitecto, o participante, ou apenas um espectador. Adoptamos na íntegra a compreensão da arquitectura como "*... um fenómeno social, que*

2 **Adam Caruso**, *"Cover Versions"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, p.13.

3 *"Em 1982, para documenta 7, Beuys propôs o plano de plantar 7000 carvalhos pela cidade de Kassel, cada um emparelhado com um bloco de basalto. As 7000 pedras foram empilhadas no relvado à frente do Museu Fridericianum idealizando que o monte se iria reduzir progressivamente à medida que cada árvore seria plantada. O projecto, entendido localmente como um gesto em direcção à regeneração urbana, demorou cinco anos a ser completado e foi já importado para outras cidades por todo o mundo."*, (consultado em www.tate.org.uk a 26 de Junho de 2019).

4 **Adam Caruso**, *"In Good Faith"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, p.52.

5 *"O artístico em arquitectura é o resultado de uma prática que se pode explicar, mas que nunca se pode normalizar previamente."* **Ignasi de Solá-Morales**, *"John Ruskin: Siete palabras sobre la arquitectura."*. In *"Inscripciones."*, Barcelona: Gustavo Gili, 2003, p.93.

6 *Idem*, pp.94-95.



*"Desde muito novo comecei a andar de barco no oceano. É uma experiência que nos obriga a saber pegar em referências, orientar-se ... Quando não há referências, as referências são o sol e as estrelas e mais nada."**

37. Upper Lawn, Wiltshire, 1959-62.
Allison Smithson e Peter Smithson

* **Alfredo Durão de Matos Ferreira**, *apud.*, **Manuel Mendes**, *"Alfredo Matos Ferreira, artista de 'sexto sentido'."*, publicado a 20 de Julho de 2015 em www.revistapunkto.com, (consultado a 24 de Agosto de 2019).

diz respeito a todos os que a vejam, a usem e a sofram."[7].

Consideramos, neste seguimento, que o encargo de projectar uma estrutura física e tectónica se complexifica. Entendemos que o exercício de desenho das formas arquitectónicas tem de considerar e coordenar uma rede complexa de referências (sociais, culturais, formais, estéticas, tectónicas, etc.) processadas e hierarquizadas pela imaginação própria do indivíduo criador. Trata-se da refutação integral da noção moderna de *tabula rasa*. Partilhamos sinceramente da ideia que *"A condição de novidade intrínseca ao vácuo da tabula rasa, como uma tela vazia com a promessa de redes de simultâneas realidades virtuais, debilita a continuidade cultural e nega a posição de acção colectiva."*[8].

Propomos, assim, a consideração transversal das condições sociais e culturais – que exploramos na dissertação até este momento - da situação local que inscreve a intervenção concreta, e a sua profunda manifestação na expressão arquitectónica das estruturas. Adoptamos, desta maneira, uma postura que *"... considera e representa o existente e o conhecido. Desse modo a produção artística pode comprometer-se criticamente com uma situação existente e contribuir para um contínuo discurso cultural."*[9]. Conjugando esta ideia com o tema levantado no início do capítulo, entendemos que a interpretação de um enquadramento complexo é processada a partir da *"Pluralidade de referências e livre jogo de associações entre a arquitectura a construir e os diferentes protótipos..."* sendo que, para nós, estas se revelam *"... as noções básicas da concepção do conteúdo estético da linguagem arquitectónica."*[10].

Sumariamente, procuramos rematar o discurso adoptado nos capítulos anteriores - que incide, de modo alargado, na generalidade da população contemporânea, sincronizando a atenção entre a globalidade do mundo ocidental, a situação concreta da vila de Almeida, e as vontades expressas de Teresa e José - como ferramenta de validação da proposta, complementando-o agora com uma posição francamente intimista, adoptada na proposta da expressão arquitectónica do projecto. Por outras palavras, evocamos a noção conjuntural de que *"Aquilo que a arquitectura leva a cabo é, em todo o caso, reproduzir valores gerais, princípios abstractos, sentimentos, sejam subjectivos ou claramente objectivos."*[11].

3.1 *Apontamentos sobre o papel do passado na produção arquitectónica.*

Face a este primeiro confronto com a complexidade da prática arquitectónica –

7 *Idem*, p.87.
8 **Adam Caruso**, *"The Tyranny of the New"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, p.35.
9 *Idem*, p.25.
10 **Ignasi de Solá-Morales**, *"John Ruskin: Siete palabras sobre la arquitectura."*. In *"Inscripciones."*, *op. cit.*, p.93.
11 *Idem*, p.37.



38. Hotel Imperador Megaro, Tóquio, 1973.

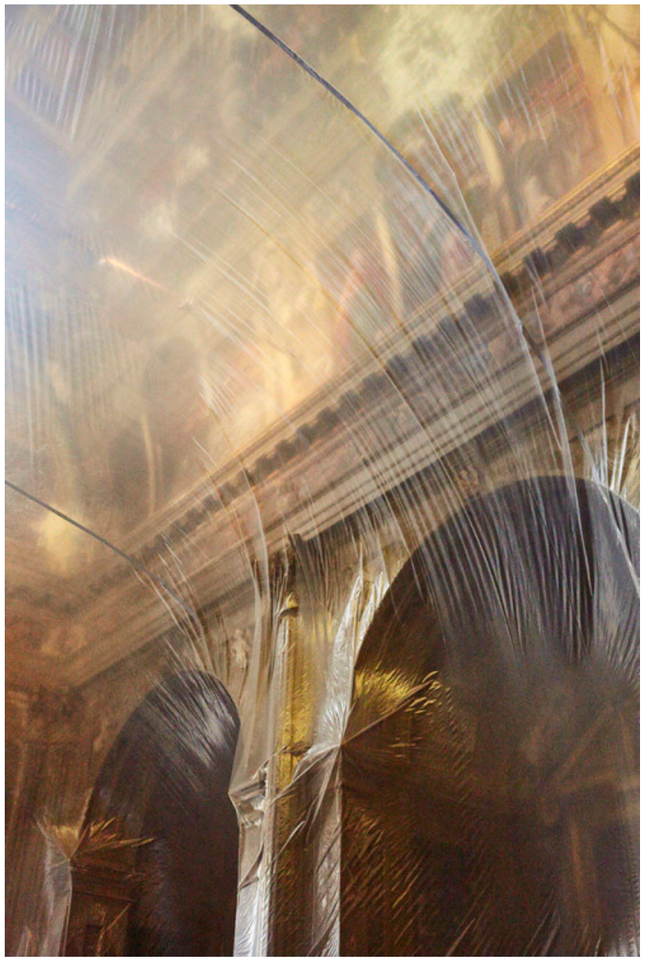
no caso concreto do projecto dos Coelhos -, propomos a recuperação de uma das temáticas levantadas neste último capítulo, para iniciar a investigação sobre uma possível expressão arquitectónica para este projecto. Na nossa óptica, entendemos a impossibilidade de uma condição, virtual, de *tabula rasa* como a primeira condicionante a uma hipotética intervenção. Neste seguimento, densificamos o princípio em causa com a consideração de que essa condicionante se manifesta, na verdade, numa complexa rede de legados, dispersos pelas mais variadas disciplinas sócio-culturais que definem um certo contexto, neste caso o almeidense.

É neste seguimento que nos parece pertinente voltar a evocar o nosso primeiro contacto com a propriedade dos Coelhos, após o enunciado lançado por José e por Teresa – o exercício de levantamento. A importância desse momento não reside apenas no reconhecimento das estruturas, da sua expressão ou da carga emocional que lhes era inata. As formas e os caminhos não nos eram estranhos, muito pelo contrário, já faziam parte da nossa memória da propriedade. A pertinência do levantamento manifesta-se, em parte, na natureza do próprio exercício, que se revelou um primeiro esforço de sintaxe das formas e das dinâmicas arquitectónicas presentes na propriedade, atribuindo-lhes uma nova dimensão operativa, face à vontade expressa de intervenção.

Surge, assim, uma primeira questão inerente à proposta. Em que medida as novas gramáticas propostas deverão respeitar e absorver os elementos reconhecidos na propriedade? Esta indagação é consequente do reconhecimento geral de que *"A geografia e a história dão a mão no lugar, o que deste modo determina precisamente a ideia geral de espaço e tempo. A noção de lugar corresponde a uma concepção contínua do processo da arquitectura. A sua vocação é a de servir ao descobrimento do que já existe, previamente, como um plano de fundo permanente no qual a arquitectura ilumina raízes, traçados, invariantes."*[12]. Intuitivamente, surgem os assuntos que evocamos já em torno deste tema no decorrer do discurso. Num primeiro momento, reconhecemos a natureza destrutiva de uma posição de preservação integral, ilustrada no estatuto patrimonial reconhecido à vila de Almeida na primeira metade do século XX.

Apesar da primeira abordagem ao tema, maioritariamente negativa, em relação ao seu manifesto na vila raiana, procuramos agora densificar o debate, reconhecendo os princípios e as intenções válidos da postura patrimonial. Ainda assim, parece-nos que a dimensão que este conceito tomou, fruto de processos de globalização, politicamente e socialmente, é, no nosso entender, maioritariamente destrutiva. Alguns dados do panorama contemporâneo revelam que *"Uma enorme secção do nosso mundo (certa de 12%) encontra-se agora numa zona proibida, submetida a regimes que nós não sabemos, não pensamos profundamente, não*

12 **Ignasi de Solá-Morales**, *"Anywhere – Lugar: permanencia o producción"*. In *"Los artículos de 'Any'."*, *Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2009*, p.42.



*"(...) o passado, tornado presente em núcleos históricos, é uma componente activa da cultura actual desde que obtida em diálogo crítico, e não por processos de aceitação passiva."**

39. *"Suction".*
Franco Mazzucchelli

* **Nuno Portas**, *"A arquitectura para Hoje / Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal"*, *op. cit.*, p.94.

podemos influenciar."[13]. A generalização política de uma postura normalizada de preservação do espaço construído, parece-nos que hoje não reconhece os valores locais, culturais, sociais, etc., da condição dos lugares e da complexidade dos panoramas heterogéneos que lhes são inerentes. No nosso entender, este estatuto manifesta, por um lado, uma reacção radical aos processos de globalização, também eles destrutivos da condição de local, sendo que hoje se encontra, paradoxalmente, refém desses mesmos processos. Por outras palavras, as políticas patrimoniais e a sua normalização são o resultado da *"... violenta simultaneidade de preservação e destruição que está a destruir qualquer sentido de uma leitura linear do tempo."*[14]. A vila de Almeida é um registo dessa ambiguidade ideológica[15], entre muitos outros exemplares. A condição de património é imutável face às mais variadas escalas, desde um tecido urbano a um edifício monumental. Para além dessa indiferença na categorização, independente da sua escala, do papel sócio-cultural, da noção de permanência das diferentes culturas onde tais estruturas se erguem, encontramos também uma profunda indefinição na janela temporal da construção dos artifícios à atribuição do estatuto. *"Através das ambições cada vez maiores de Preservação, o atraso temporal entre nova construção e o imperativo a preservar colapsou de dois mil anos a quase nada."*[16]. Há já casos de reconhecimento do valor patrimonial em edifícios com menos de uma década de existência, semelhante a construções centenárias, como se partilhassem o mesmo papel cultural, independentemente da sedimentação, do uso, da sua expressão.

Entendemos, no entanto, que a compreensão da relação da prática arquitectónica com a história, vista apenas através da lente do estatuto patrimonial e da sua ambiguidade nos nossos dias, é, no mínimo, redutora. Este não é um tema exclusivo à arquitectura contemporânea, muito pelo contrário, a discussão da presença da história na prática arquitectónica é centenária, sendo explorada segundo as mais contrastantes convicções ao longo do tempo. Durante um largo intervalo temporal, a densidade histórica das novas construções era praticada ou explorada pela mímica das gramáticas estéticas da arquitectura considerada *antiga*. Os exemplos são vários - sendo que não encontramos nenhuma razão operativa para os enumerar rigorosamente - desde a interpretação romana das formas antigas da cultura grega, transformadas posteriormente no românico e no gótico, para voltarem a ser recuperadas no período do renascimento moderno, por mestres como Palladio ou Alberti, por exemplo.

No entanto, a procura de uma coerência com o discurso global da dissertação, enquadra-nos novamente no período da revolução industrial, pela radical transformação técnica da construção e pela sua disseminação global, indiferente a

13 **Office of Metropolitan Architecture**, *"Cronocaos"*, *op. cit.*.
14 *Ibidem.*
15 *"O momento corrente não faz qualquer ideia de como negociar a coexistência da mudança radical e da estática radical que é o nosso futuro."*, *ibidem.*
16 *Ibidem.*



40. *Nelson Loft*, Nova Iorque, *1977. Peter Nelson e Richard Haas*

qualquer valor local, material ou social. Os arquitectos encontraram na imitação, o respeito pela continuidade temporal linear, pela história, num período em que a construção se transfigurava radicalmente; ou seja, *"… toda a relação dialéctica do presente com o passado encerrava-se e a ideia da imitação, se se mantinha, era basicamente o cumprimento das leis gerais da ordem compositiva e das leis particulares do carácter."*[17].

> *"Houve uma trivialização dos estilos históricos, e esta é a parte mais banal da cultura posterior à crise existencialista, mas houve na Europa e na América um retorno sincero às linguagens já dadas e às linguagens já determinadas pelo tempo e pela história que produziu uma cultura conservadora da cidade, mimética com o passado e comprometida, sobretudo, com qualquer ideia de recuperação, permanência, custódia e rememoração do génio do lugar."*[18]

Nesse sentido, o tema da recuperação assume uma posição central na preservação da identidade dos lugares. É praticada segundo a maior fidelidade com o passado, com a consideração da beleza antiga, rejeitando qualquer noção de contemporaneidade, e de um novo quotidiano. Encontram na história *"… um material que se oferece simultaneamente, e que permite comprovar certas hipóteses formais sobre a proporção, a ordem e o carácter."*[19]. O decorrer do tempo abalou a Europa com as grandes guerras do século XX. O trauma transfigurou profundamente a prática arquitectónica e a sua relação com a história. Instalaram-se princípios que rejeitavam a representação de um passado longínquo, que rejeitavam uma conduta atávica em relação à história, também ela acrítica. Hoje reconhecemos a semelhança destrutiva entre os dois extremos do espectro. Reconhecemos que *"… revolução e recuperação são processos de um mesmo mal. A destruição causada por uma ou por outra são males sociais da mesma índole: ruptura do tempo histórico, perda da continuidade orgânica que a sociedade deve ter no tempo …"*[20].

> *"O carácter destrutivo está na linha da frente dos tradicionalistas. Alguns transmitem as coisas tornando-as intocáveis e conservando-as, outros as situações, tornando-as manejáveis e liquidando-as. Estes são os chamados destrutivos."*[21]

Comprometemo-nos assim com a moderação, à semelhança de muitos arquitectos do século XX e XXI. Reconhecemos um caminho destrutivo em ambas as posições radicais, tanto nas de preservação como nas de subversão, da expressão histórica e das suas gramáticas, nas novas formas arquitectónicas. Entendemos,

17 **Ignasi de Solá-Morales**, *"De la memoria a la abstracción: la imitación arquitectónica en la tradición beaux arts."*. In *"Inscripciones."*, *op. cit.*, p.43.

18 **Ignasi de Solá-Morales**, *"Anywhere – Lugar: permanencia o producción"*. In *"Los artículos de 'Any'."*, *op. cit.*, p.42.

19 **Ignasi de Solá-Morales**, *"De la memoria a la abstracción: la imitación arquitectónica en la tradición beaux arts."*. In *"Inscripciones."*, *op. cit.*, p.42.

20 **Ignasi de Solá-Morales**, *"John Ruskin. Siete palabras sobre la arquitectura."*. In *"Inscripciones."*, *op. cit.*, p.92.

21 **Walter Benjamin**, *"O carácter destrutivo."*, *op. cit.*. Punkto nº2, *'Destruição'*, op. cit., p.4.



41. Casa Roudakis, Mesagros, 1880.
Alexandros Roudakis

assim, que *"O único acto que se qualifica como histórico é o que de alguma maneira introduz algo adicional, um novo elemento, no mundo, do qual uma nova história se pode gerar, e o fio condutor retomado."*[22]. Nesse sentido, com o objectivo de informar a prática com *"… a importância fundamental de continuidade cultural na produção de novo trabalho …"*[23], é imperativa uma sincera atenção à condição do lugar, da sua cultura, e do seu passado.

3.2 *A contradição do património genérico, medíocre.*

Ainda assim, entendemos que a exploração teórica, visitada até agora, sobre o papel da história na prática arquitectónica, se foca essencialmente em edifícios geneticamente monumentais, cultos, eruditos. As estruturas que encontramos no exercício de levantamento no terreno dos Coelhos são por nós interpretadas como o exacto contrário, mas não por isso menos portadoras, ou manifestas, da dimensão sócio-cultural do lugar. Não são monumentos, nem estruturas erguidas pela erudição académica, muito pelo contrário, a intuição popular, esporádica, impulsiva, foi o único motor para a materialização daqueles edifícios. A sua expressão é a herança da geografia, e as suas formas são o legado de um quotidiano arcaico, de uma ruralidade antiga, portuguesa. Confrontamos, assim, a noção anterior do estatuto patrimonial. Qual é o papel destas estruturas para a construção de um lugar, ou de uma cultura? É menor que a dos monumentos da vila? Em que medida devem elas ser preservadas?

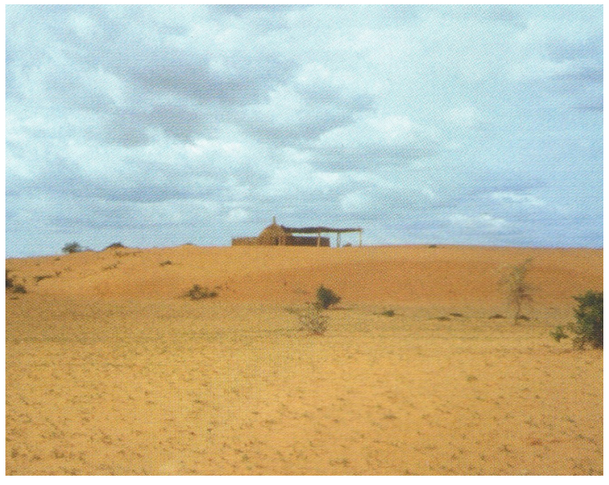
> *"O ênfase contínuo da preservação no excepcional – o que merece preservação – cria a sua própria distorção. O excepcional torna-se a norma. Não há ideias para preservar o medíocre, o genérico."*[24]

Já discutimos, num momento anterior, sobre qual o papel da ruralidade antiga e das suas formas na construção de uma imaginária identidade portuguesa, assim como da sua incoerência. A nossa posição mantém-se: não encontramos sentido na preservação castradora, acrítica, de uma paisagem antiga rural, se ela não se manifesta genuinamente num quotidiano contemporâneo. No entanto não nos parece responsável, nem coerente com a intenção da nossa proposta, negligenciar a carga emocional que estas estruturas suportam. Por outras palavras, encontramos na "*… maneira 'ad hoc' em que as formas são construídas no vernacular, através de processos de aglomeração e adição, o modo lento e estável em que as tecnologias são adoptadas numa tradição, que há coisas ainda dignas de estudo – ninguém está interessado num* novo vernacular *mas em dar uma maior prioridade à experiência emocional dos edifícios e desenvolver e compreender como a fabricação pode suportar intenção emocional."*[25].

22 **Barry Bergdoll**, *"Karl Friedrich Schinkel: An Architecture for Prussia."*, Nova Iorque: Rizzoli, 1994. *Apud.*, **Adam Caruso**, *"Traditions"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, p.25.
23 **Adam Caruso**, *"Cover Versions"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, p.11.
24 **Office of Metropolitan Architecture**, *"Cronocaos"*, *op. cit.*.
25 **Adam Caruso**, *"In Good Faith"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, p.53.







42. Cabana de palha, Niamey, 1984.
Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal

Nutrida por esta premissa, propomos uma interpretação das formas vernaculares, tanto das encontradas no território físico da propriedade, como das que fazem parte do nosso imaginário íntimo. A síntese dos princípios responsáveis pela génese dessas formas não nos parece complexa. Despidas das reflexões próprias dos círculos académicos, de estudos de expressão e composição, encontramos na extrema racionalização e numa insaciável procura pela economia[26], os motivos fundacionais da expressão das construções populares. Nesse sentido, evocamos a figura descrita por Claude Lévi-Strauss, que identifica, quem nós consideramos ser o construtor dessas estruturas - o *bricoleur*. O seu trabalho contraria o "*... projecto onde tudo está previamente codificado: ao contrário, tudo pode servir para tudo.*"[27]. As estruturas dos Coelhos erguem-se coerentemente com estes princípios. Curiosamente, a sua ruína também se fundamenta pela mesma conduta, ou pela sua extinção.

Face a esta nova análise, as conclusões a que chegamos com o exercício de levantamento não são extensas, o que não lhes retira relevância. As estruturas erguem-se com o granito retirado do chão, picado pelas mãos dos antepassados, que para esse efeito recorriam a picaretas ou a espigões de metal. Os volumes que conformam são aparentemente rectangulares, regulares, mas o rigor das ferramentas de desenho revela a inexactidão das tecnologias arcaicas. Os interiores, os ainda cobertos, são escuros, pouco ventilados, impróprios para uso contemporâneo. Os outros, onde já caiu o telhado, pressionado pela chuva ou pelo fogo dos incêndios, têm boa luz. Algumas padieiras são um obstáculo, quando não o deveriam ser, talvez pelas passagens se destinarem aos animais quadrúpedes. Os muros que delimitam as propriedades e as eiras, que apontam os caminhos e os recintos, são a simples organização das pedras do chão, empilhadas, sem argamassas. No entanto, as estruturas ainda se erguem na paisagem, resistem a décadas de desuso, e, por isso, são por nós admiradas. Revelam uma aptidão tectónica invejável, manifestada pelo uso de "*... materiais que constituem o natural prolongamento do território de suporte.*"[28]. São sinceras e sinceramente tradicionais. Nós também o queremos ser. Queremos que as novas estruturas do terreno dos coelhos tenham uma presença semelhante.

No entanto, a genuinidade destas construções rejeita qualquer processo de sintaxe, ou de "*abstracção formal independente da construção.*"[29]. Erguem-se recorrendo a uma longa e contínua tradição construtiva, de lenta compreensão e evolução,

26 *"O desconforto dos interiores é completo; comodidade e higiene sacrificam-se às necessidades de exploração e ao desejo de economia."*, **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo"*, op. cit.; p.199.

27 *Idem*, p.209.

28 **Sergio Fernandez**, *"Criatividade, Identidade e Dimensão Ètica na Obra de Alfredo Durão de Matos Ferreira."*. In *"Alfredo Durão de Matos Ferreira: Memória."*, coord. ***Manuel Mendes***, Porto: Fundação Marques da Silva, 2017, p.43.

29 **Adam Caruso**, *"In Good Faith"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, p.53.



43. Casa Dr. Fernando Ribeiro da Silva, Ofir, 1957-58.
Fernando Távora

comprometida à partilha de conhecimentos, por parte dos antepassados[30]. O ensaio desse processo, para além de impossível, seria para nós arrogante, e adúltero - como já dissemos anteriormente, não nos interessa erguer um suposto *novo vernacular.* O processo para tornar as novas estruturas tradicionais tem de ser intencional, estudado, cuidado. Aspiramos, profundamente, manter a coerência da composição, das novas formas e das antigas, evitando estabelecer qualquer relação hierárquica entre elas.

> *"Tradição não pode ser herdada, e se um a quer tem de a obter por enorme esmero. Ela envolve, num primeiro momento, o sentido histórico que podemos considerar quase indispensável a qualquer um que queira continuar a ser poeta para além do seu vigésimo quinto aniversário; e o sentido histórico envolve uma percepção, não apenas da 'passadez' do passado, mas da sua presença; o sentido histórico compele um homem a escrever não meramente com a sua geração nos seus ossos, mas com a impressão que toda a literatura Europeia de Homero e dentro dele toda a literatura do seu próprio país tem uma existência simultânea e compõe uma ordem simultânea. Este sentido histórico, que é um sentido do eterno assim como do efémero e do eterno e do efémero juntos, é o que faz um escritor tradicional. E é ao mesmo tempo o que faz um escritor mais agudamente consciente do seu lugar no tempo, da sua contemporaneidade."*[31]

3.3 *Forma: o desenho análogo.*

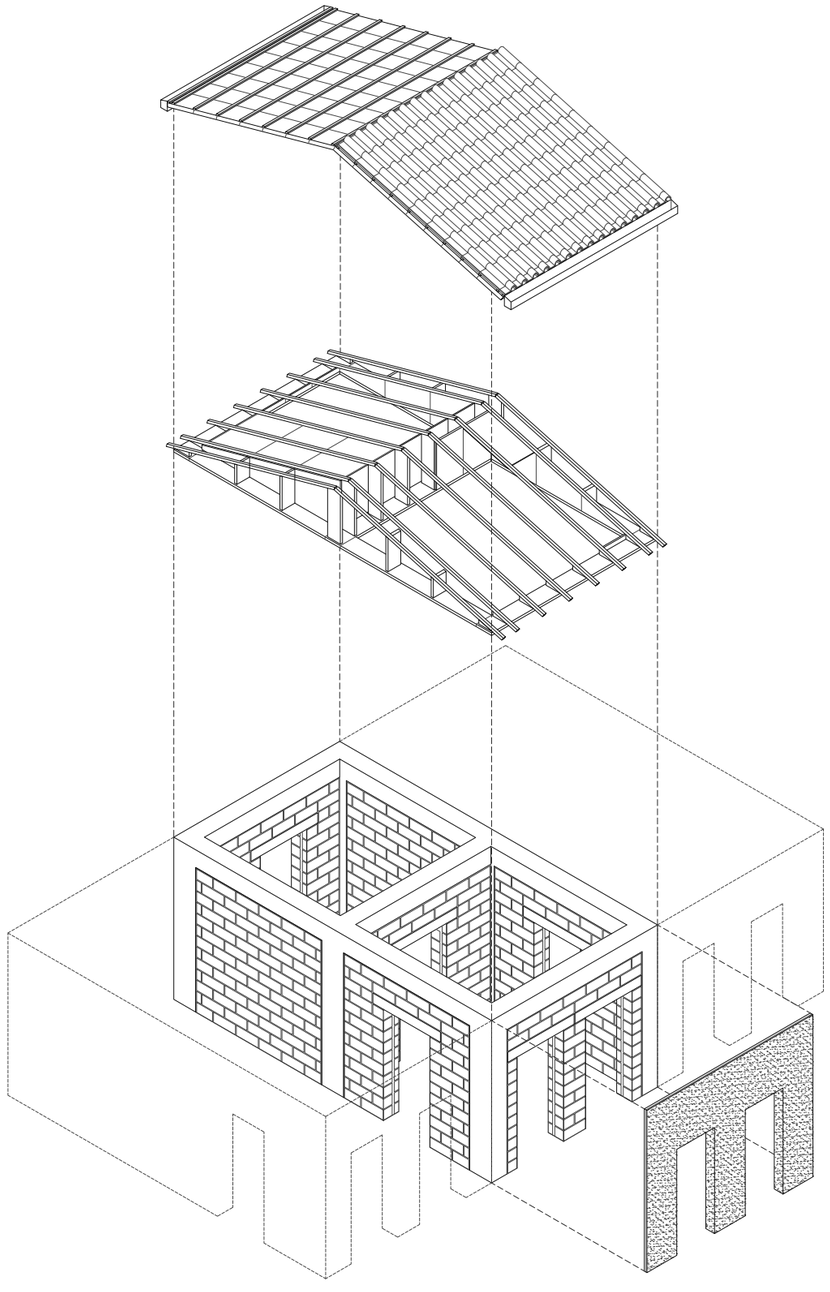
A contínua busca pela coerência, da intervenção com o discurso praticado, é o que nos conduz à assunção de que a recuperação das estruturas arruinadas das dependências agrícolas, que encontrámos na propriedade, apenas faz sentido se nutridas por uma razão operativa, uma função programática real. Nesse sentido, recuperamos o princípio da "*… conservação activa, que se traduz na revitalização funcional desses ambientes 'se podermos projectar neles a nossas estruturas sociais' e pela inclusão de novas estruturas que os não desconhecem mas que também não se deixam absorver.*"[32]. Por outras palavras, a nossa postura empenha-se com a reapropriação das formas, das gramáticas estéticas e da sua dimensão emocional, admitindo a profunda transformação do seu uso[33], submetida totalmente à comunidade de residentes, na recusa de "*… vincular o novo habitat a atavismos e*

30 *"As regiões e os seus padrões de paisagem eram considerados o resultado de uma sedimentação longa entre as condições naturais e as marcas sucessivas da sociedade, da sua historicidade, cultura e evolução tecnológica: o 'meio geográfico' e os 'modos de vida' fixariam o quadro estável do mosaico das paisagens-tipo de cada região e os seus elementos mais permanentes."*, **Álvaro Domingues**, *"A paisagem revisitada"*, Finisterra, Lisboa, vol.XXXVI, nº7, 2011; pp.55-66. *Apud.*, **Álvaro Domingues**, *"Volta a Portugal"*, op. cit.; p.51.

31 **Thomas Stearns Eliot**, *"Tradition as the individual talent"*, inicialmente publicado no *The Egoist*, Londres, 1919. *Apud.*, **Adam Caruso**, *"Cover Versions"*. In *"The Feeling of things"*, *op. cit.*, p.11.

32 **Nuno Portas**, *"A arquitectura para Hoje / Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal"*, *op. cit.*, p.95.

33 *"… de que maneira o preservado se pode manter vivo, e ainda assim evoluir …"*, **Office of Metropolitan Architecture**, *"Cronocaos"*, *op. cit.*.



"(...) [o edifício] *não é o resultado directo e elementar de um processo quase analítico, mas um acto de criação, fundamentado, embora, na realidade que se pretende transformar."**

44. Princípio construtivo da nova intervenção.

* **Alfredo Durão de Matos Ferreira**, *apud.*, **Sergio Fernandez**, *"Criatividade, Identidade e Dimensão Ética na Obra de Alfredo Durão de Matos Ferreira."*. In *"Alfredo Durão de Matos Ferreira: Memória."*, *op. cit.*, p.49.

formas mortas."[34]. Com esse fim, compreendemos que se a nossa postura *"… não recusa uma continuidade, também não pode deixar de se distanciar formalmente da data sociocultural do ambiente preexistente, ao nível da* modulação do espaço, *da* relação interior-exterior *e, naturalmente, das* técnicas construtivas."[35].

Compreendemos, assim, que a proposta da nossa intervenção, tanto na recuperação dos edifícios arruinados como no desenho das novas estruturas, se deve conduzir segundo a intenção de *"… confrontar a cultura erudita com uma realidade social indigente e encontrar na cultura popular sinais de síntese e possibilidades de convergência."*[36]. É nesse sentido que encontramos, tanto no levantamento métrico dos espaços e das volumetrias, como na cadência estrutural dos edifícios, os motivos com os quais informamos a nova intervenção, concordante ao nível da *"modulação do espaço"* com as formas do passado. Para além desse primeiro momento, empregamos um estudo métrico das fenestrações das ruínas e da relação compositiva entre superfície opaca e a sua perfuração. O resultado foi a projecção de um vão *tipo*, a ser aplicado nas novas estruturas, de maneira a estabelecer a coerência linear das peças edificadas no que entendemos ser os princípios da sua *"relação interior-exterior"*. O terceiro aspecto revelou-se mais complexo.

Consideramos que este primeiro momento, manifesto na tradução dos elementos formais, compositivos, através de raciocínios de codificação e de síntese, se revelou quase imediato, informado pelo levantamento. O mesmo não se pode afirmar em relação às decisões construtivas. No nosso entender, a tradução directa das técnicas construtivas que ergueram as estruturas antigas, não nos pareceu um discurso lógico ou autêntico. Compreendemos que o manifesto mimético da construção arcaica, aplicada às novas formas, rejeita inevitavelmente as *"… cada vez mais rígidas condições contemporâneas construtivas e económicas."*[37]. Perseguindo esse raciocínio, entendemos que *"… o regionalismo não é apenas uma questão referente ao uso dos materiais locais mais disponíveis, ou de copiar qualquer forma simples de construção usada, por falta de melhor, pelos nossos antepassados de um século ou dois. As formas regionais são aquelas que melhor se ajustam às reais condições de vida e que se revelam melhor sucedidas para que alguém se sinta em casa e no seu ambiente: não se limitando meramente ao uso dos recursos do solo, reflectem sobretudo, as condições culturais correntes de uma região."*[38]. Vincamos, desta maneira, o nosso compromisso com a condição contemporânea da construção, rejeitando qualquer juízo de valor face à origem técnica dos pro-

34 **Nuno Portas**, *"A arquitectura para Hoje / Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal."*, *op. cit.*, p.95.

35 *Idem*, p.94.

36 **Pedro Bandeira**, **André Tavares**, *"Só nós e Santa Tecla."*. In *"Só nós e Santa Tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez."*, Porto: Dafne, 2008, p.8.

37 *"A sua arquitectura paira vagamente por um lado nas exigências do decoro urbano, impostas pela cultura e pela história, e pelo outro nas cada vez mais rígidas condições contemporâneas construtivas e económicas."*, **Irina Davidovici**, *"Tectonic Presence."*. In *"Sergison Bates: Buildings."*, Lucerne: Hein Wirz, 2012, p.12.

38 **Lewis Mumford**, *"The South in Architecture."*, Nova Iorque: Harcourt, Brace & Company, 1941, p.32. *Apud.*, **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo."*, *op. cit.*, p.201.







*"(...) existe um sistema infindável de destroços que se podem reciclar para ofício do re-encantamento da realidade do presente, entalado que este está entre referências genéricas avassaladoras da cultura das massas - que ameaçam tudo dissolver - e a necessidade de cada um ser diferente ou possuir um lado distinto da sua identidade. Na massa, por definição não existe identidade; não existindo identidade tudo se precipita aos chutos e pontapés na chuva dissolvente do genérico e do anonimato."**

45. Projectos OTO, 2011 - . *Assemble Studio*

* **Álvaro Domingues**, *"Vida no Campo."*, *op cit.*, p.211.

cessos construtivos. Encontramos na gestão de princípios de natureza económica, de fácil acesso e utilização, os motivos fundamentais para alcançar uma desejada sinceridade construtiva, sejam *"... eles o legado do moderno internacional ou as condicionantes locais da sua releitura."*[39].

À luz destas condicionantes, propomos erguer os novos edifícios, recorrendo a uma estrutura corrente de pórticos de betão armado. Os vãos, deixados pela estrutura, são completos com blocos de betão, de maneira a materializar as superfícies de parede, entendidas na mesma dimensão que se apresentam nas formas antigas, como elementos expressivos, ordenadores da compartimentação. A cobertura, manifesta o gesto primitivo de conduzir as águas para a fachada, impermeabilizada por telhas. Assenta sobre uma estrutura de madeira, mais leve que as alvenarias que compõem as paredes. No nosso entender, traduzimos as decisões construtivas como uma interpretação dos princípios arcaicos, subvertidos às técnicas construtivas correntes da contemporaneidade, *"... manipulando convenções para criar um sentido de familiaridade através da associação."*[40]. O isolamento térmico cobre as superfícies pelo exterior, integrando assim a inércia das alvenarias no domínio da temperatura no interior dos edifícios. Propomos, ainda, que as pedras do terreno cubram essa superfície isolante, agregadas pela argamassa, imitando o gesto primitivo de revestimento[41]. À semelhança das estruturas antigas, do chão se retira a expressão das construções, diluindo os volumes na paisagem *"... sob um solo da mesma cor e textura, transformando-a e humanizando-a."*[42].

A nossa intenção, manifestada no lançamento dos princípios compositivos e construtivos da proposta arquitectónica no terreno dos Coelhos é, em todo o caso, filtrada através da noção de que "... *o fundamento do estético não é a imitação, senão a expressão."*[43].

3.4 *Tempo: sobre o metabolismo orgânico da proposta.*

A projecção e definição das normas compositivas e construtivas, que ambicionam sobretudo informar a expressão da nova construção na propriedade - em concordância com os elementos que marcavam o lugar *a priori* - admite, simultaneamente, um exercício de manipulação desses princípios, no natural confronto com o exercício de implantação. Entendemos assim, que a adaptação formal das estruturas se processa segundo o "*sentido do orgânico*"[44]. Propomos, assim, com-

39 **Pedro Bandeira**, **André Tavares**, *"Só nós e Santa Tecla."*. In *"Só nós e Santa Tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez."*, *op. cit.*, p.8.

40 **Irina Davidovici**, "*Tectonic Presence.*". In *"Sergison Bates: Buildings."*, *op. cit.*, p.12.

41 *"..., o revestimento é mais antigo que a construção."*, **Adolf Loos**, *"El principio del revestimiento."*. Apud., ***Philip Ursprung***, "Caruso St. John.", Barcelona: Polígrafa, 2008, p.96.

42 **Álvaro Siza**, prefácio. In *"Alfredo Durão de Matos Ferreira: Memória."*, *op. cit.*, p.13.

43 **Ignasi de Solá-Morales**, *"De la memoria a la abstracción: la imitación arquitectónica en la tradición beaux arts."*. In *"Inscripciones."*, *op. cit.*, p.36.

44 **Brendan Woods**, *"A sense of the organic."*. In The Architect's Journal, Londres, 1995, p.27-35.



46. Casa privada, Licolnshire, 1993-94.
Caruso St. John

preender a sedimentação tectónica dos edifícios, das relações entre eles, e das relações espaciais que acontecem dentro deles, segundo a ideia de um *todo* formado por *partes*[45]. A compreensão do conjunto só é possível pelo reconhecimento do que o compõe, num sistema em que *"Cada coisa ou elemento tem a sua própria expressão e lugar figurativo …"*[46]. Propomos assim alimentar a intervenção em concordância com a ideia de que *"Na natureza a forma é o resultado da organização de muitas partes distintas no espaço de maneira a que a vida se possa desenrolar, cumprindo todos os seus efeitos tanto em relação à parte isolada como em relação à integração do conjunto; ao passo que nas culturas geométricas, forma é derivada das leis da geometria."*[47].

Este aspecto manifesta-se em várias esferas, e estas em diferentes escalas da intervenção, sucessivamente. Em relação à implantação, o sentido orgânico é manifesto na compreensão de que cada uma das estruturas se ergue submetida a diferentes condicionantes, pressupostas pelos diferentes lugares físicos que as enquadram. Referimo-nos a diferentes condições topográficas, às de arborização, e às variantes da rede de 'dinâmicas' – informadas no levantamento - que integram e interligam as construções no território material da propriedade. Entendemos que estes aspectos se revelam claramente, com o tempo, na forma e na expressão de cada edifício. As diferentes exposições solares, a variação das pedras dispersas pelo chão, que revestem os volumes - umas angulares outra amaciadas pela água -, são alguns dos aspectos que revelam os padrões, próprios a cada edifício construído, impostos pelo tempo e pela natureza, irrepetíveis. Cada estrutura sente a erosão de maneira distinta. A compreensão destes elementos informa as intervenções com *"… a ideia de intempérie …"*[48], como manifesto do sentido orgânico do lugar.

No nosso entender, a compreensão da intervenção no terreno dos Coelhos como um organismo, não se cinge apenas à condição física imposta pela exposição à agressão natural, mas é também coerente com a projecção programática e a sua estratégia de ocupação. Como já afirmámos, o tempo assume um papel preponderante no processo construtivo das estruturas, submetido às vontades dos residentes e participantes, e ao seu investimento. A ideia de que as estruturas, e as suas componentes, têm de ter tanto sentido na sua leitura isolada como na do conjunto, considerando a condição de eterna incompletude da intervenção, é profundamente concordante com a nossa interpretação do sentido orgânico. Essa foi a principal razão que nos levou a definir os diferentes tempos de ocupação dos participantes e a sua consequente segmentação em actividades, possíveis apro-

45 *"… relação da parte para o todo, ou seja, onde o todo não controla a parte."*, **Brendan Woods**, *"A sense of the organic."*. In The Architect's Journal, *op. cit.*, p.27-35.

46 *Ibidem.*

47 **Hugo Häring**, *"Wege Zur Form"*, 1925. *Apud.*, *ibidem.*

48 **Peter Allison**, *"Upper Lawn: The Invisible Restoration. A conversation with Sergison Bates"*. In 2G, nº34, *"Sergison Bates"*, Barcelona: Gustavo Gili, 2005, p.97.



47 . Casa Alves Costa, Caminha, 1964-68.
Álvaro Siza Vieira

priações e, agora na dimensão tectónica da proposta, em recintos. Importamos, enquadrada neste princípio, a ideia de que *"A arquitectura é vista sobre a noção central que encontra nela, sobretudo, uma actividade destinada a assinalar lugares. Lugar é reconhecimento, delimitação, estabelecimento de confins."*[49]. No processo desta noção, as dinâmicas enumeradas no exercício de levantamento assumiram um papel central no *reconhecimento* dos lugares, sendo que a *delimitação* e o *estabelecimento de confins* são alcançados com a nova construção, subvertida aos princípios definidos anteriormente.

Encontramos desta maneira, no processo de adaptação desses três momentos - um de síntese e os outros associados a uma intervenção - a necessidade de adoptar um elemento agregador (a excepção às normas formais[50]): o canto. Estes elementos aparecem como a recalibração e a manipulação da rigidez normativa dos princípios compositivos, análogos, às condicionantes de cada lugar, fruto da exploração do modo *"... como a linguagem formal de um novo edifício pode emergir como um acto de meditação e conciliação entre o local e as formas em torno dele."*[51].

3.5 *Atmosfera: celebração do acto doméstico.*

Naturalmente, o processo complexo de definição formal e de sedimentação tectónica das estruturas propostas - manifesto na aplicação coerente dos princípios enumerados sincronizada com a sua adaptação, submetida ao *'sentido do orgânico'* - contamina, naturalmente, os temas de desenho dos espaços interiores e da sua atmosfera. Em conformidade com esta ideia, propomos uma rede espacial interior que reúna, de maneira transversal, os princípios da *modulação do espaço*, da *relação interior exterior* e que rejeite a noção de espaço circulatório residual. Achamos interessante estabelecer o paralelismo conceptual com as casas do rural antigo, com a sua compartimentação interior que, à semelhança do que pretendemos, se articula desprezando os espaços confinados à circulação, motivada pela incessante procura da economia.

Neste sentido, projectamos uma rede compartimentos - em alguns momentos vinculados a um programa específico[52], enquanto que noutros a apropriação ditará a sua utilização – articulados por uma outra categoria, a do *'espaço híbrido'*. No nosso entender, *"Este compartimento híbrido, segmentável, passível de estares múltiplos conforme as necessidades e os desejos – constitui um admirável e bem sucedido ensaio de manipulação do programa, afirmando a possibilidade de rein-*

49 **Ignasi de Solá-Morales**, *"Anywhere – Lugar: permanencia o producción"*. In *"Los artículos de 'Any'."*, *op. cit.*, p.41.

50 *"Este tipo de abordagem orgânica parece mais realista; um não se conduz apenas segundo um rigoroso fio condutor."*, **Peter Allison**, *"Upper Lawn: The Invisible Restoration. A conversation with Sergison Bates"*. In 2G, nº34, *"Sergison Bates"*, *op. cit.*, p.95.

51 **Stephen Bates**, **Jonathan Sergison**, **Mark Tuff**, *"Urban Housing and Créche, Geneva, Switzerland."*. In *"Sergison Bates: Buildings."*, *op. cit.*, p.89.

52 Por exemplo no desenho dos módulos que conformam os espaços residenciais, que se comprometem com as actividades naturais desse programa – como o espaço de cozinha, sanitário, sala, etc.;





*"Não há corredores vazios, mas sim uma série de espaços dinâmicos e fluidos entrelaçados."**

48. Vil'Alcina, Caminha, 1973.
Sérgio Fernandez

* **Ethel Barona Pohl**, *"Cooperative Housing as a Means More than an End"*. In *"Together! The New Architecture of the collective."*, op. cit., p.347.

venção do espaço e consequente atribuição de novos significados a áreas aparentemente estabilizadas da arquitectura doméstica."[53]. Este tipo espacial incorpora a natureza informal que procuramos tão afincadamente atribuir à nossa intervenção - um aspecto que encontramos profundamente manifestado nos espaços domésticos da tipologia própria às casas de férias.

Deparamo-nos assim, na nossa selecção de referências, com a presença obstinada dessa tipologia arquitectónica. Manifestamos integralmente, no discurso e na sua tradução em desenho, a profunda ambição de narrar uma *"Casa não autoritária, espaço baseado na continuidade e na comunicação, …"* que proponha *"… uma existência desobrigada dos austeros protocolos vigentes até então, sugerindo um quotidiano partilhado que diluiria as convencionais imposições de género."* [54]. Motivados por este enquadramento, empregamos os esforços no desenho coerente dos espaços interiores, na sua globalidade, *"…, dispensando a hierarquia e a pulverização espacial das residências tradicionais, …"* abrindo *"… caminho a uma interpretação da cultura doméstica que, …, as habitações de carácter permanente não autorizavam."*[55]. No nosso entender, o afecto que nutrimos por esta tipologia - cujos casos pontuam sistematicamente o nosso imaginário de referências arquitectónicas - é o resultado de nelas vermos a ressonância da ebulição teórica do raciocínio da dissertação, e das intenções que daí emergiram para o exercício de projecto.

> *"Casa para viver, …, víamos (vivíamos) esta casa como um manifesto face aos conflitos existenciais e ideológicos da época, em que novas práticas familiares procuravam encontrar a sua espacialidade; ela testemunhava que a coabitação doméstica que então idealizávamos tinha um suporte espacial não só possível, como sólido, confortável e belo."*[56]

Recuperamos novamente o *'sentido do orgânico'*, manifesto agora na atmosfera espacial com que ambicionamos informar o projecto dos Coelhos, o projecto de José e de Teresa, e não só. No nosso entender, o projecto deve celebrar a dimensão do mundo doméstico, a sua actuação e a sua evolução. Compreendemos na nossa postura - informada pelo estudo da tipologia de *'Cohousing'* - a importância de centrar a figura do residente como o protagonista da intervenção, independente de nos referirmos aos espaços habitacionais, comuns, partilhados, íntimos, ou aos espaços laborais, de consumo, de reunião. Encontramos o valor das estruturas não na sua expressão estética mas nas relações cultivadas por aqueles que as usam e que aí intervêm. Nesse sentido, o projecto é calibrado, na totalidade, idealizando uma construção em que *"… a sua atmosfera de simplicidade é sedutora, apetecível; um suave hedonismo se desprende dela, apelando ao prazer de*

53 **Maria Manuel Oliveira**, *"Linha de sombra."*. In *"Só nós e Santa Tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez."*, *op. cit.*, p.27.
54 *Idem*, p.31.
55 *Ibidem*.
56 *Idem*, p.32.



49. Casa Dawnridge, Los Angeles, 1949.
Tony Duquette

a habitar."[57]. Empregamos o desejo sincero de criar um espaço onde o homem *"… se sente protegido para poder actuar."*[58]. Essa actuação revela-se num grande espectro de episódios, mas compreendemos a disposição do mobiliário como o mais sincero manifesto da apropriação do espaço construído. Confrontados com esta última noção, achamos a propósito evocar a descrição de Irénée Scalbert da casa projectada por Charles e Ray Eames: *"A casa pode consistir de uma grelha, onde painéis que conformam um padrão tipo Mondrian são inseridos. Ainda assim não se concebe o edifício em termos da sua planta ou do seu alçado… pelo contrário sempre se pensa nos objectos que estão nele: os tapetes, as pinturas, os vasos … Não são só conteúdos: eles participam num campo de elementos que não é dissimulado em escala das dimensões das colunas. É uma maneira muito delicada de produzir um espaço."*[59]. Por outras palavras, a acção humana assume, neste processo, tanta importância na expressão arquitectónica como a construção formal dos espaços e dos edifícios. Entendemos que a atmosfera espacial constitui o *'total'*, orgânico, da completa expressão arquitectónica, onde a intervenção de residentes se revela ser uma das *'partes'* que o compõe. Nesse sentido, estamos determinados em tornar a construção o mais insignificante possível[60]. Importamos a ideia de que *"Nós não devemos expressar a nossa individualidade, mas sim a individualidade das coisas; …"*[61]. Revela-se imperativo *"… fazer coisas que as pessoas tenham prazer em usar."*[62].

57 *Ibidem.*

58 **Catherina Spellman**, **Karl Unglaub**, *"Peter Smithson, conversaciones con estudiantes: un espacio para nuestra generacion"*, *op.cit.*, p.60.

59 **Irénée Scalbert**, *"On the edge of the Ordinary; Two Houses by Caruso & St. John."*. Arquis, *op. cit.*, pp.50-61.

60 *"Eu estava determinado em tornar este edifício o mais insignificante possível."*, **John McKean**, *"Learning from Segal: Walter Segal's work and influence / Von Segal Lermen: Walter Segal Leben, Werk and Wirkeeng"*, *op. cit.*, p.42.

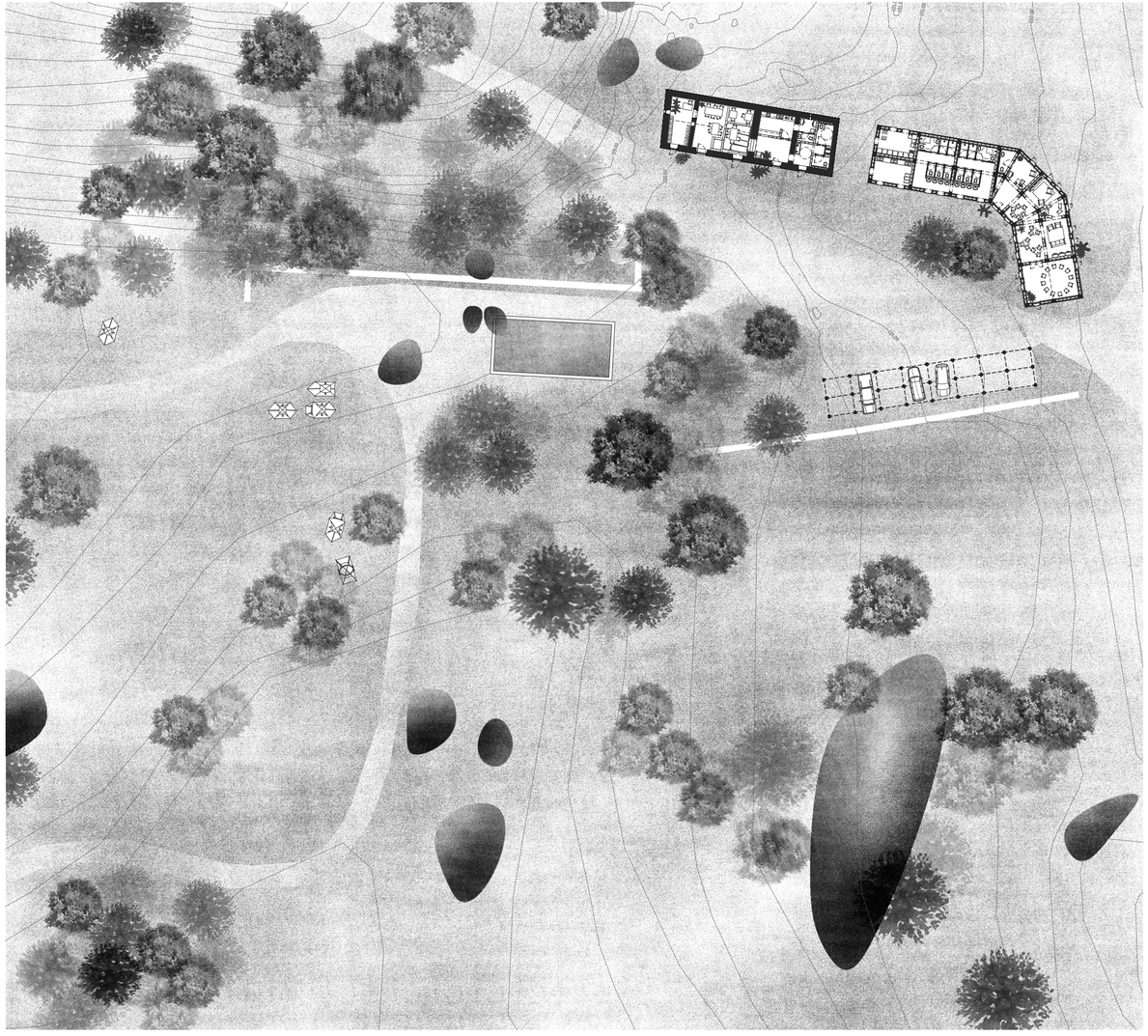
61 *Idem,* p.50.

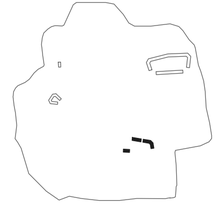
62 *Idem*, p.206.

C elementos do projecto



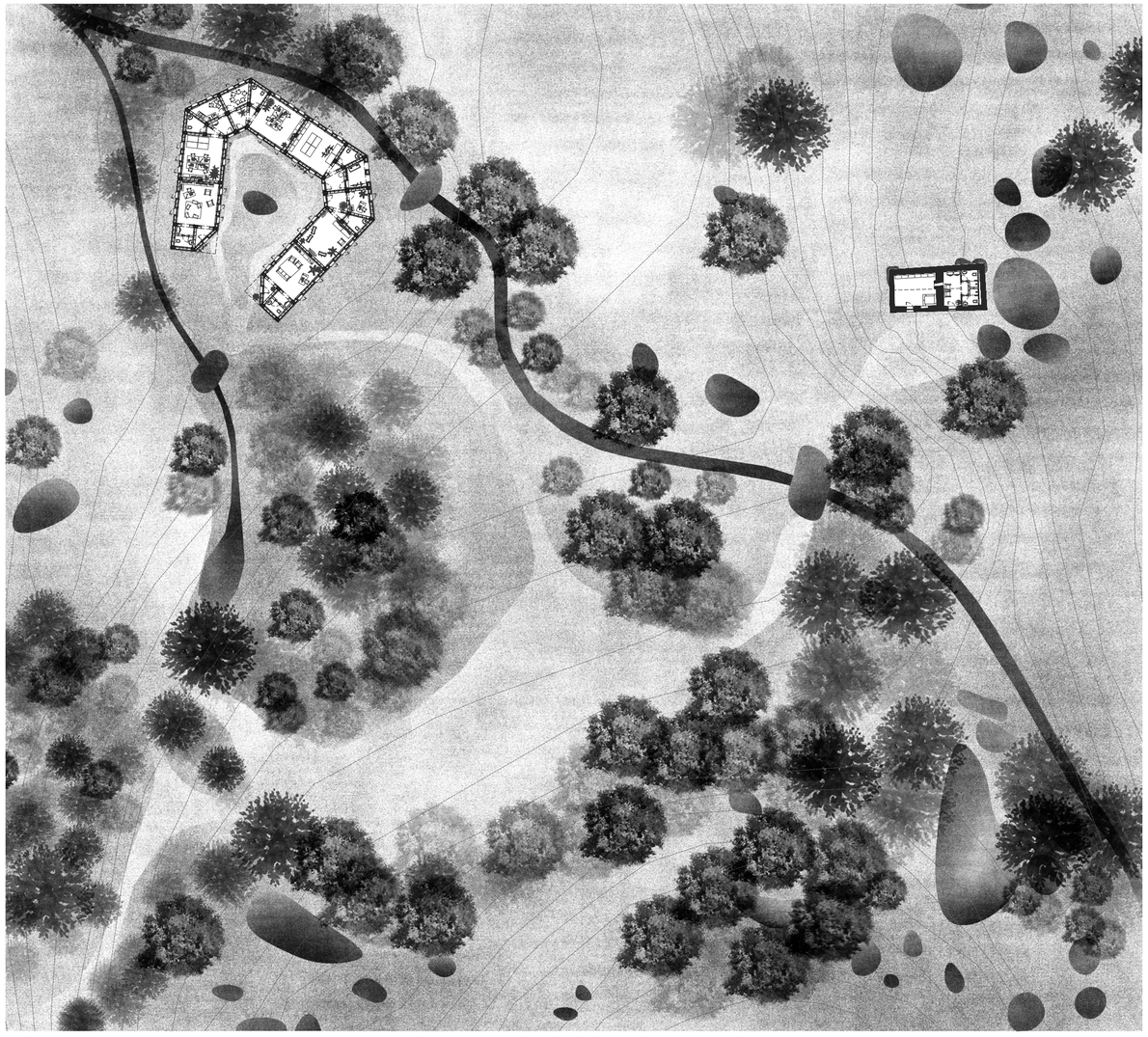
1:3000 | Planta de Implantação

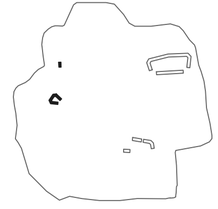






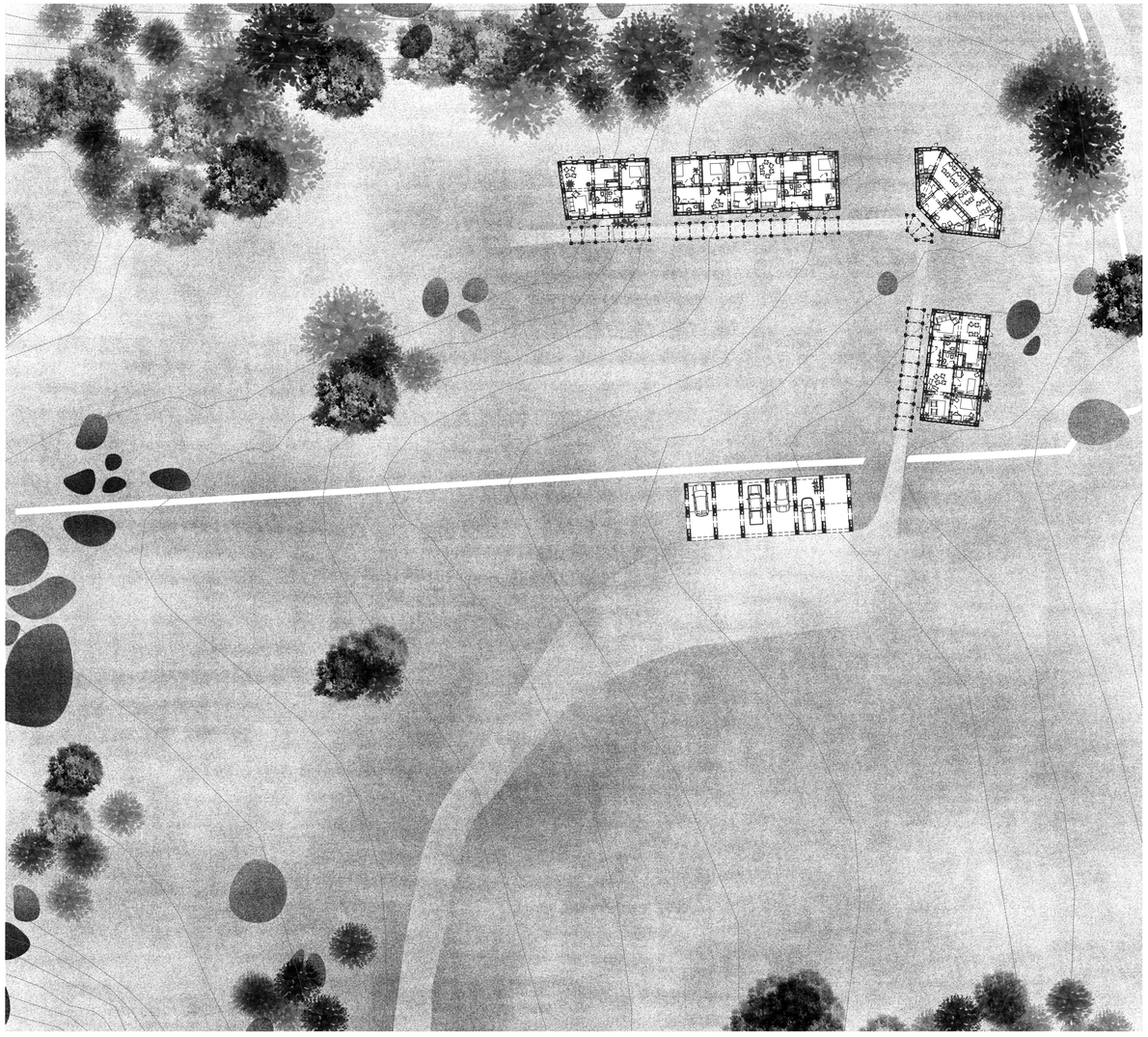
1:500 | Recinto 1 - Estadia Curta (visitantes)

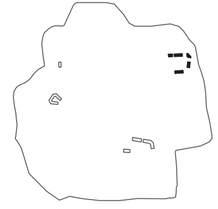






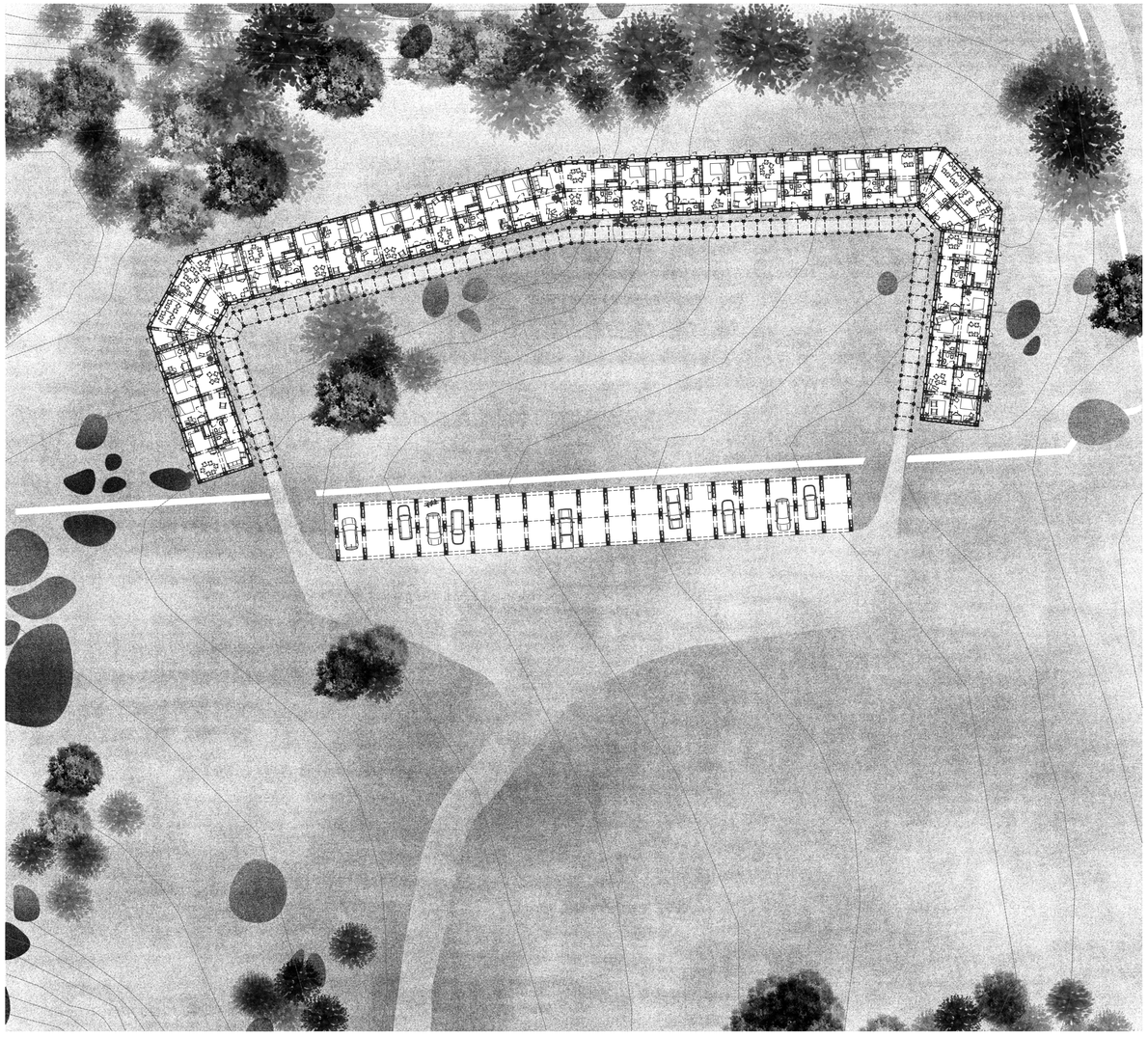
1:500 | Recinto 2 - Estadia Média (agentes laborais)

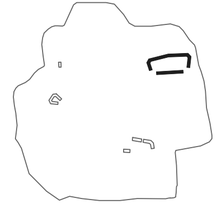






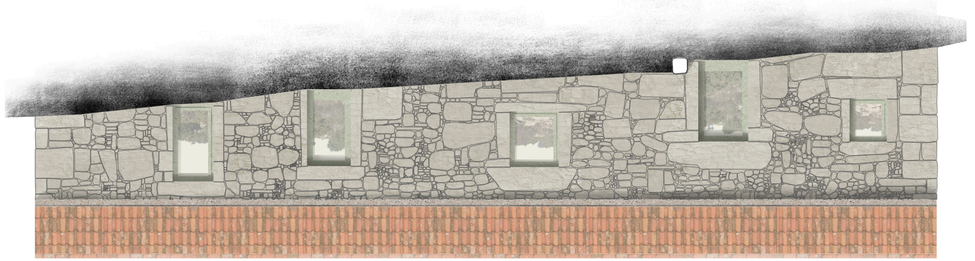
1:500 | Recinto 3- Estadia Longa (residentes) | Ocupação intermédia

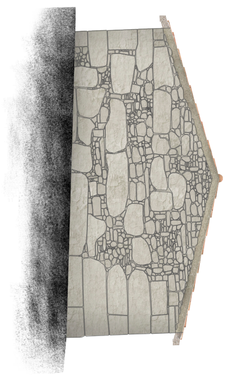


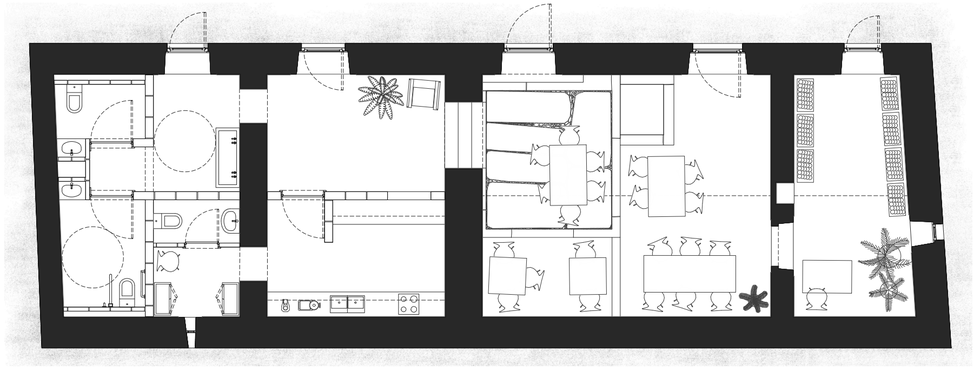


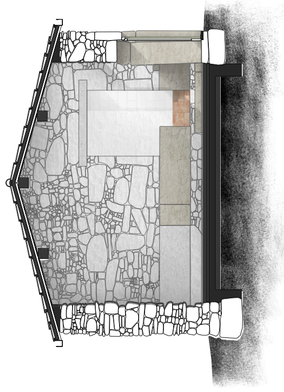


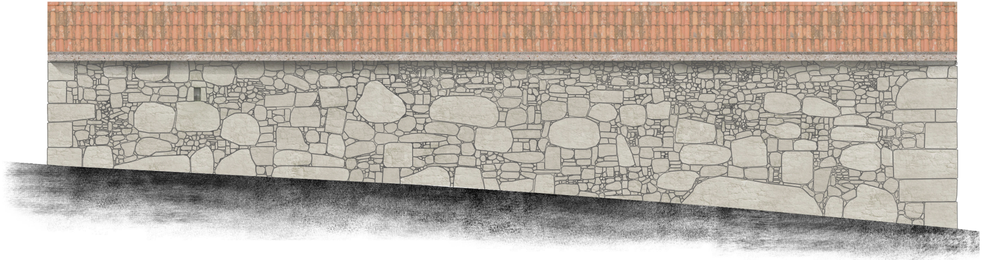
1:500 | Recinto 3- Estadia Longa (residentes) | Ocupação máxima

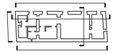


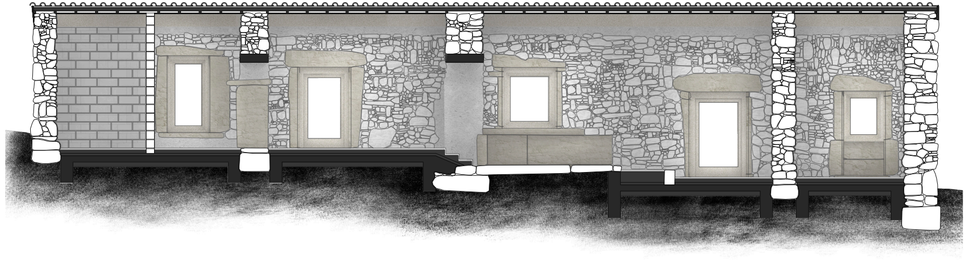


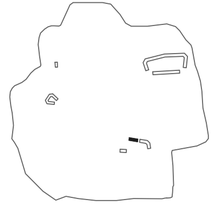






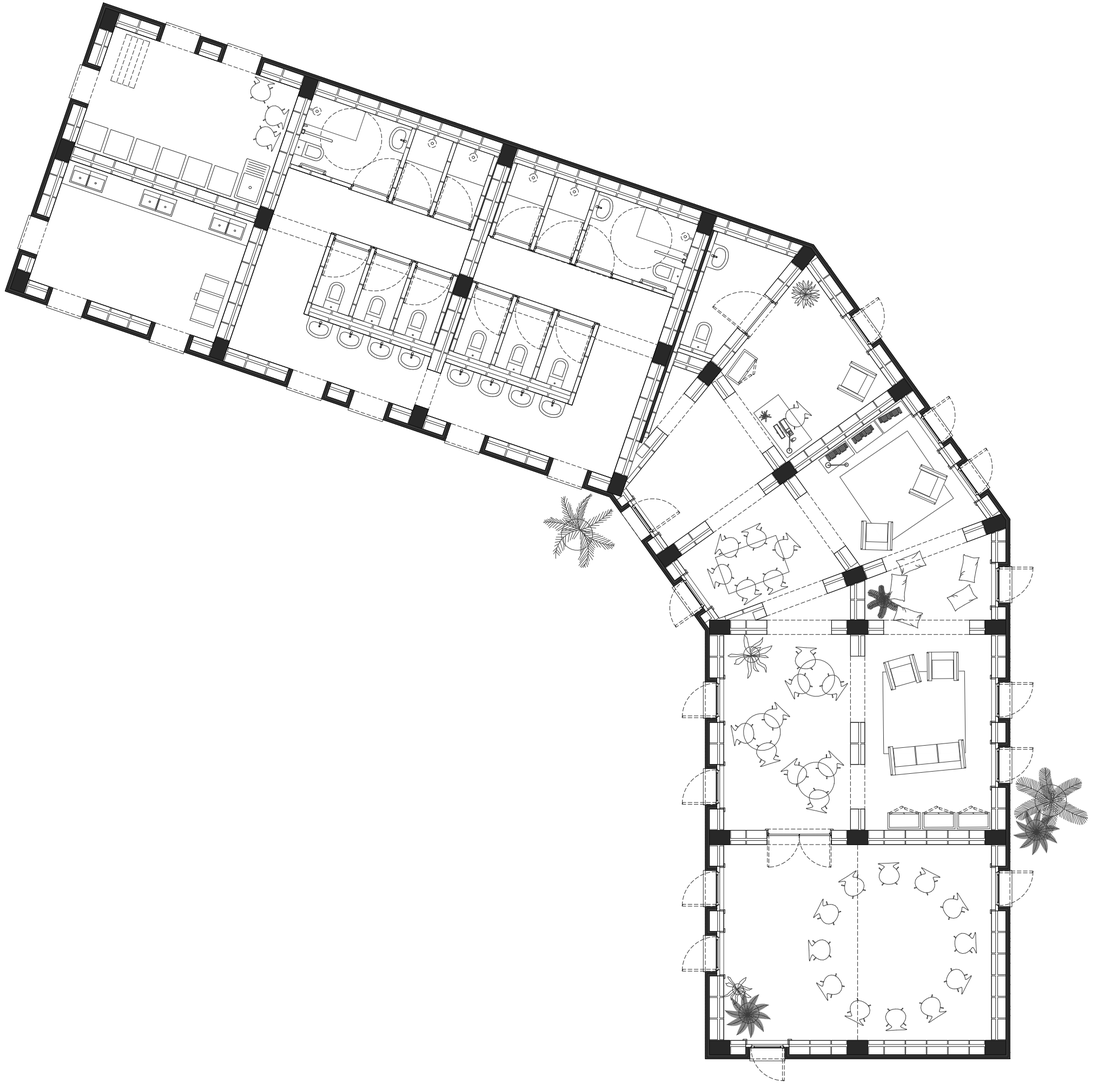


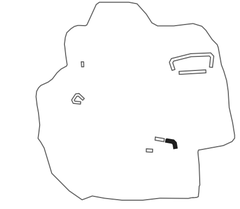






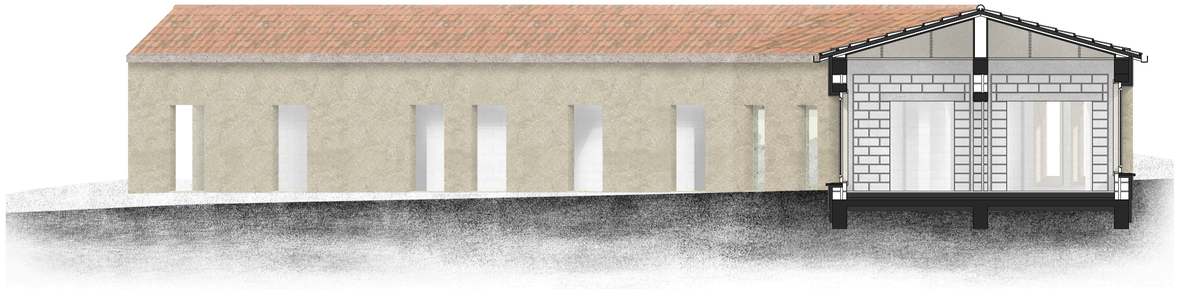
1:500 | Recinto 1 | Ruína Sudeste - locais de consumo

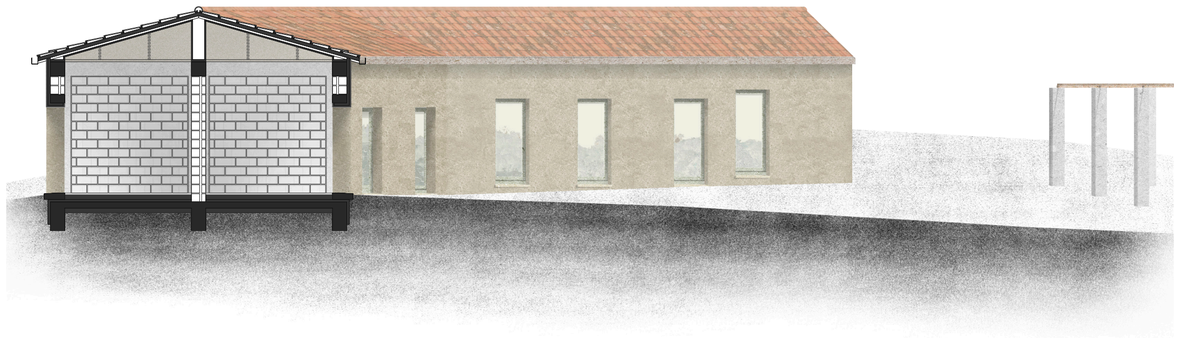


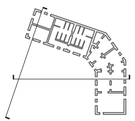


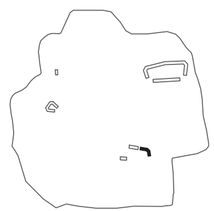
0 1 2 5

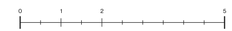
1:100 | Recinto 1 | Balneários e locais recreativos polivalentes
de apoio a visitantes e residentes





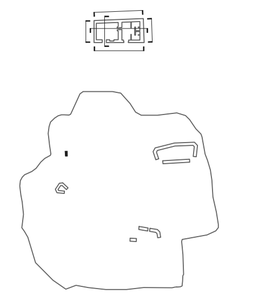




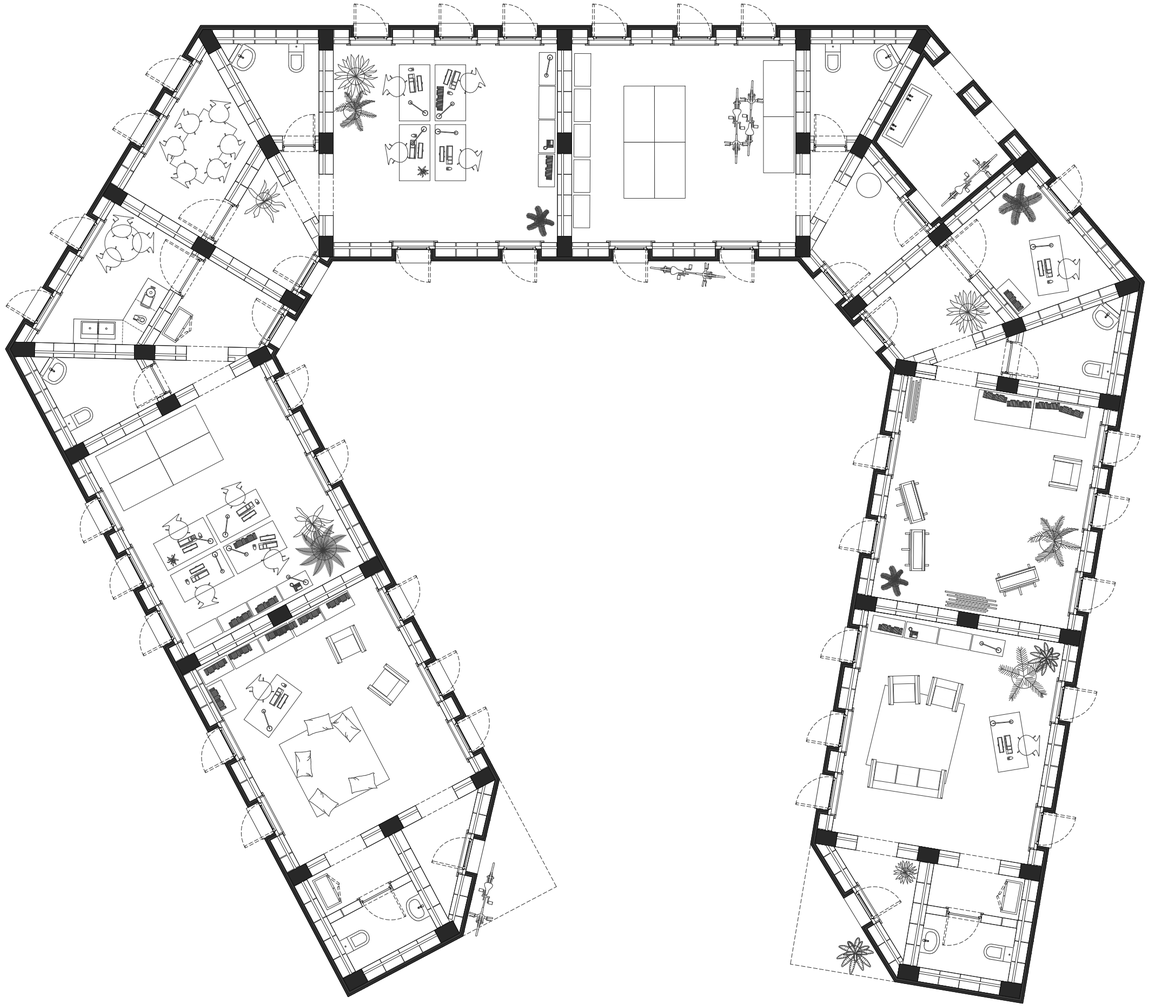


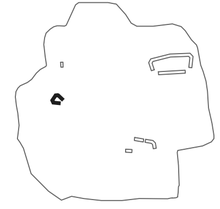
1:100 | Recinto 1 | Balneários e locais recreativos polivalentes de apoio a visitantes e residentes





1:100 | Recinto 2 | Ruína Noroeste - dependências agrícolas

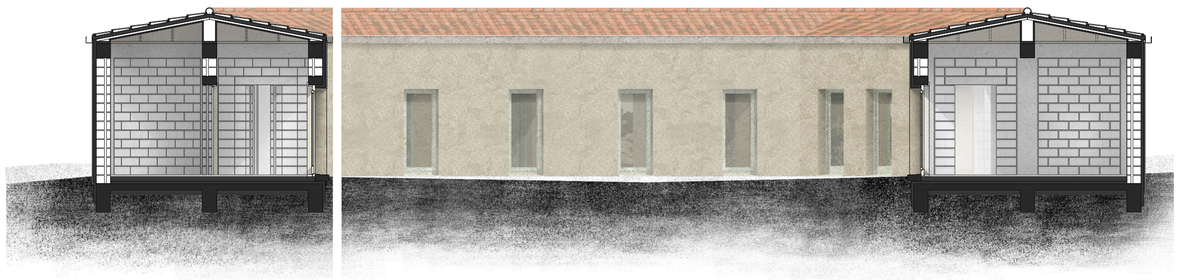


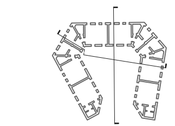


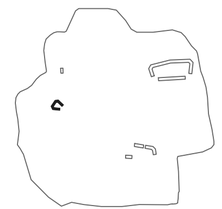


1:100 | Recinto 2 | Oficinas e locais de trabalho



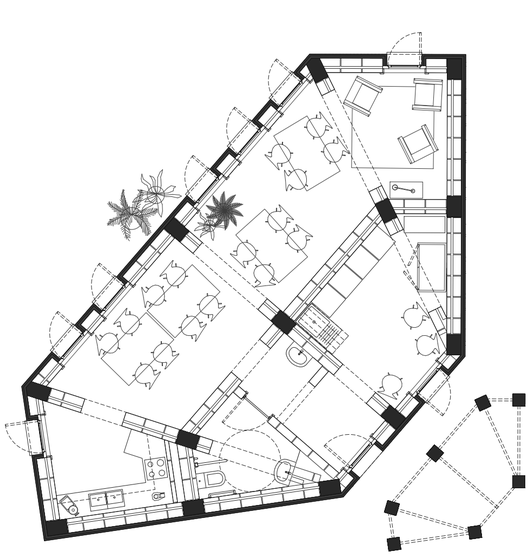


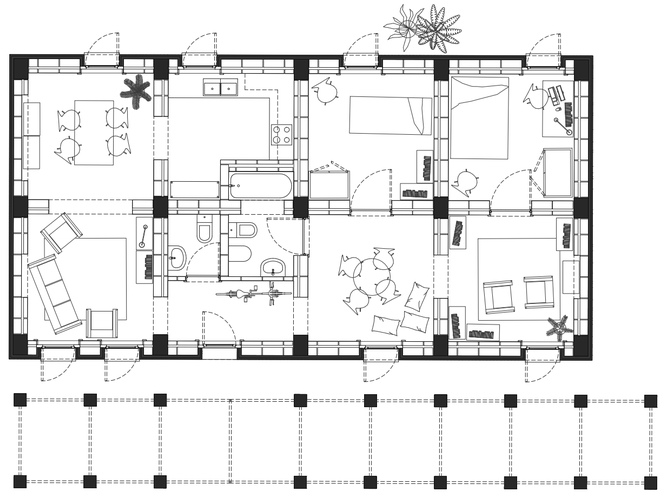


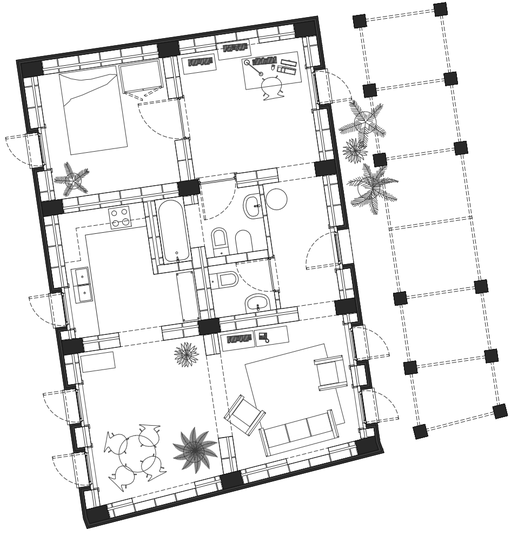


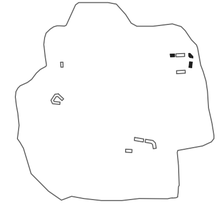


1:100 | Recinto 2 | Oficinas e locais de trabalho



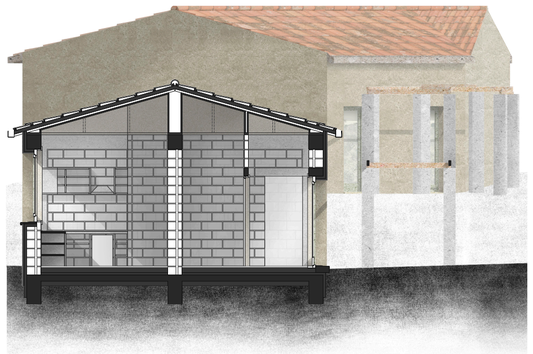


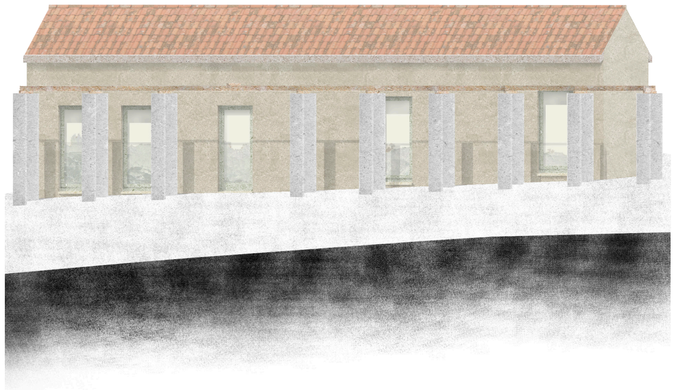


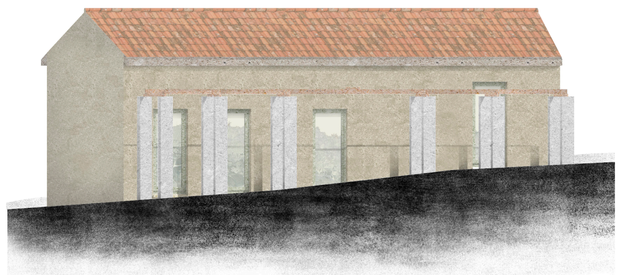


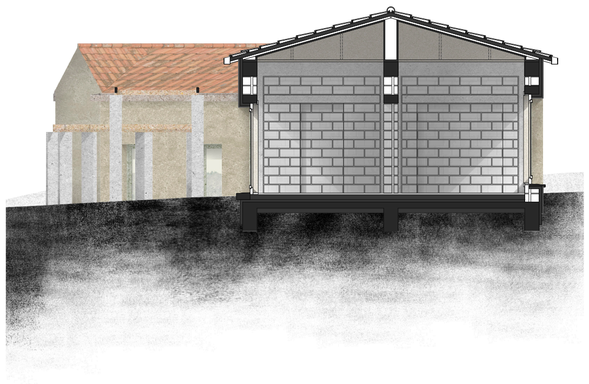


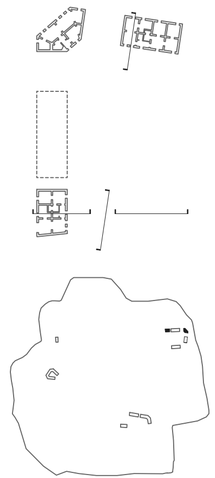
1:100 | Recinto 3 | Residências e equipamentos comuns











1:100 | Recinto 3 | Residências e equipamentos comuns



0 0,5 1 2,5

1:50 | Corte construtivo pela fachada | Estruturas arruinadas



0 0,5 1 2,5

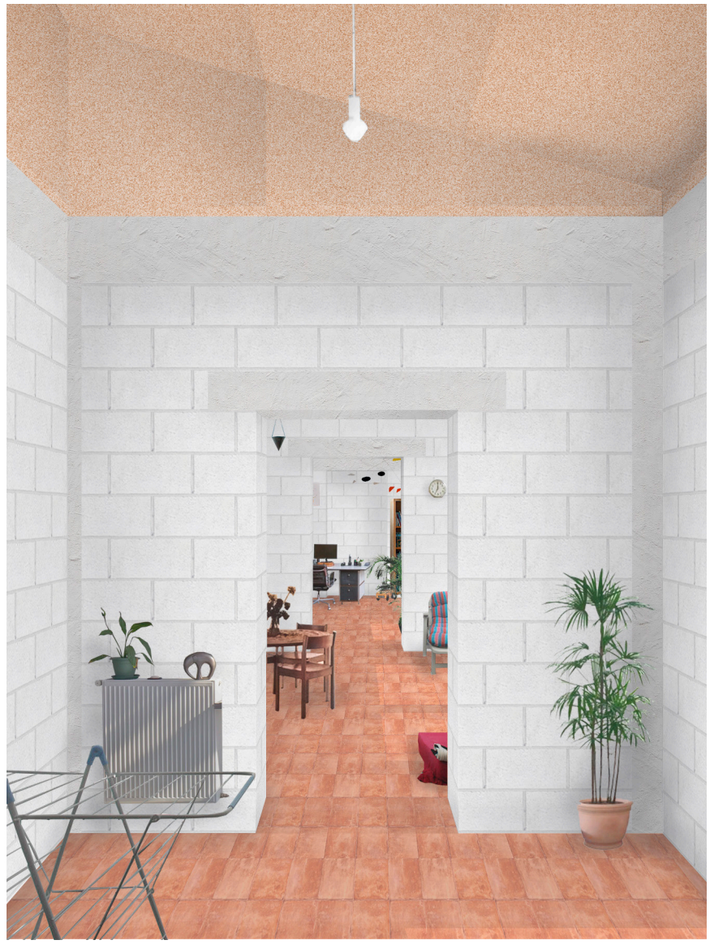
1:50 | Corte construtivo da fachada | Novas estruturas



Recinto 1 | Perspectiva interior nas salas polivalentes de apoio a visitantes e residentes.



Recinto 2 | Perspectiva exterior do recinto de acesso aos espaços de oficinas e locais de trabalho.



Recinto 3 | Perspectiva interior dos espaços híbridos, contíguos aos quartos de dormir.



Recinto 3 | Perspectiva exterior dos espaços contíguos às residências.



50. Tia Lurdes e Tio Ernesto.
José Eduardo Cunha

Face à complexa viagem teórica levada a cabo, referenciando em especial o último capítulo, podemos afirmar que grande parte do exercício se tratou de organizar e categorizar as vontades geradas num imaginário íntimo, referencial, num exercício que procura, acima de tudo, propor uma construção *"… indiferente perante a possibilidade de afirmar alguma representatividade."*[1]. Este aspecto revela-se no processo na sua totalidade, constantemente informando, de maneira transversal, as preocupações que se foram erguendo ao longo do desenho da proposta.

Em relação ao papel do passado na arquitectura, a nossa postura não rejeita a acção mimética, analógica, na sua totalidade. Assumimos que a imitação do léxico arquitectónico do passado deverá ser *"…, completamente abstracta, sentimental e intelectual, não referenciada a formas concretas senão ao espírito que estas expressam."*[2]. Encontramos assim, na sincronização da relação dos elementos arquitectónicos, que dizem respeito à interpretação da expressão sintética, codificada, dos testemunhos do levantamento, com as condicionantes verificáveis, físicas, materiais, do território da propriedade, um profundo vínculo com o lugar concreto onde se projecta a intervenção. Por outras palavras, a intervenção da proposta no terreno dos Coelhos compreende que *"De milhares de lugares diferentes, a produção de lugar continua a ser possível. Não como o desvendar de algo permanentemente existente mas como a produção de um acontecimento. Não se trata de propor uma arquitectura efémera, instantânea, desprezível e passageira. O que se defende nestas linhas é o valor dos lugares produzidos pela coacção de energias actuais, graças a força dos dispositivos projectuais capazes de provocar com a sua presença a extensão das ondulações e da intensidade do choque que a sua presença produz."*[3].

Sumariamente, a nossa postura é a de recusar a proposta de uma realidade contrastante, radical, substituíndo-a por uma intervenção calibrada ao lugar[4]. O entendimento de um imperativo ajuste da intervenção ao lugar, na sua dimensão tectónica, física, é conduzida a partir do que entendemos ser a composição orgânica das coisas. Nesse sentido, vemos a progressiva evolução do termo, introduzido no primeiro momento como referente à expressão física dos edifícios. Eventualmente, compreendemos que uma parte preponderante do que fornece a expressão que tanto idealizamos, fruto da ebulição teórica da dissertação, se manifesta através da acção humana, mais especificamente dos residentes do terreno dos Coelhos. A simultaneidade de discursos; *formal-compositivo* e *ético-político;* é clara, conduzindo-se segundo um raciocínio coerente, literal. Deste aspecto retiramos o compromisso do nosso exercício pela *"Primazia da prática sobre a*

1 **Pedro Bandeira**, **André Tavares**, *"Só nós e Santa Tecla."*. In *"Só nós e Santa Tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez."*, Porto: Dafne, 2008, p.7.

2 **Ignasi de Solá-Morales**, *"De la memoria a la abstracción: la imitación arquitectónica en la tradición beaux arts."*. In *"Inscripciones."*, *op. cit.*, p.37.

3 **Ignasi de Solá-Morales**, *"Anywhere - Lugar: permanencia o producción"*. In *"Los artículos de 'Any'."*, *op. cit.*, p.47.

4 *"Em vez de propor uma realidade alternativa radical, propõe um ajuste ao que temos."*, **Irina Davidovici**, *"Tectonic Presence."*. In *"Sergison Bates: Buildings."*, *op. cit.*, p.9.



51. Cavalos nos Coelhos.
José Eduardo Cunha

teoria ou, o que é o mesmo, prioridade da experiência e da experimentação sobre uma elaboração discursiva …"[5]. Uma noção fundamentada pela proposta arquitectónica, comprometida com *"… a preocupação genuína da maneira em que a arquitectura pode encontrar a sua legitimidade, onde pode ser incluída no campo da experiência."*[6]. A justificação desta obsessão pelo uso é o legado da filosofia do estudo das tipologias de *Cohousing*, aplicada à problemática do território da vila de Almeida, negligenciado, inoperativo, pela extinção da actividade central da sua genética sócio-económica. No final, podemos considerar este último capítulo como a ilustração de todo o exercício da dissertação, o de projectar uma casa para os pais, num terreno profundamente familiar, em crise, segundo uma tipologia reaccionária à situação económica castradora, que asfixia tanto a vila de Almeida coma a população global, no que se compreende ser uma profunda crise existencialista, com graves consequências no território experienciado. Toda esta complexa ebulição temática é processada através do imaginário próprio do duo *aluno* e *orientador*.

A nossa vontade nunca foi outra que não atingir a condição última na proposta, a de não se querer em momento algum assumir uma postura autoritária, uma resposta única a um problema tão complexo como o que enunciamos, mas como um episódio sincero de reflexão, em último caso, sobre a pertinência da prática arquitectónica nas mais variadas dimensões da actividade humana.

Encontramo-nos assim, no final, reféns do princípio de que a "… *'fluidez', 'intensidade', 'multiplicidade', surgem como atributos indispensáveis a uma arquitectura que pretenda ultrapassar obsoletas convenções herdadas, integrar a ambivalência e admitir a metamorfose na recomposição da cultura do habitat.*"[7].

5 **Ignasi de Solá-Morales**, *"John Ruskin: Siete palabras sobre la arquitectura."*. In *"Inscripciones."*, *op. cit.*, p.93.
6 **Irénée Scalbert**, *"On the edge of the Ordinary; Two Houses by Caruso & St. John."*. Arquis, *op. cit.*, pp.50-61.
7 **Maria Manuela Oliveira**, *"Linha de sombra."*. In *"Só nós e Santa Tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez."*, *op. cit.*, p.27.

Resta-me apenas dedicar este trabalho à minha mãe Teresa, e ao meu pai, José. Pela coragem e pela ambição de tornar Almeida um sítio melhor.

Obrigado por tudo.

Referências Bibliográficas

Livros

AMARAL, Francisco Keil do; **LOBO**, José Huertas; **MALATO**, João José; *'Arquitectura Popular em Portugal: Volume II – Zona 3'*; Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 3ª ed., 1998.

ALVES COSTA, Alexandre; [et al.]; *'Só nós e Santa Tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez'*; Porto: Dafne, 2008.

CARUSO, Adam; *'The feeling of things'*; Barcelona: Polígrafa, 2008.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da; *'Da Vila Cercada à Praça de Guerra: formação do espaço urbano em Almeida - séculos XVI-XVII'*; Lisboa: Livros horizonte, 2002.

DOMINGUES, Álvaro; *'A rua da estrada'*; Porto: Dafne, 2009.

DOMINGUES, Álvaro; *'Vida no Campo'*; Porto: Dafne, 2011.

DOMINGUES, Álvaro; *'Volta a Portugal'*; Lisboa: Contraponto, 2018.

DIAS, Manuel Graça; *'Vida Moderna'*; Mirandela: João Azevedo, 1992.

KRIES, Mateo; **MÜLLER**, Mathias; **NIGGLI**, Daniel; **RUBY**, Andreas; **RUBY**, Ilka; [et al.]; *'Together! The New Architecture of the Collective'*; Berlim: Ruby Press, 2017.

MCKEAN, John; *'Learning from Walter Segal: Walter Segal's work and influence / Von Segal Lermen: Walter Segal Leben und Wirkeeng'*; Basileia: Birkhäuser, 1989.

MENDES, Manuel; [et al.]; *'Alfredo Durão de Matos Ferreira: Memória'*; Porto: Fundação Instituto Marques da Silva, 2017.

PORTAS, Nuno; *'A arquitectura para Hoje / Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal'*; Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

RAMALHO, Maria Magalhães; **CARDOSO**, António Homem; *'Aldeias Históricas: Almeida, Belmonte, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da Beira, Monsanto, Piódão, Sortelha, Trancoso'*; Lisboa: Edições Inapa, 2004.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de; *'Inscripciones'*; Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de; *'Los artículos de Any'*; Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2009.

SPELLMAN, Catherine; **UNGLAUB**, Karl; *'Peter Smithson, conversaciones con estudiantes: un espacio para nuestra generación'*, trad. Moisés Puente; Barcelona: Gustavo Gili, 2004.

WIRZ, Heinz; [et al.]; *'Sergison Bates: Buildings'*; Lucerne: Quart Publishers; 2012.

Periódicos

ArqA: Arquitectura e Arte,'Persistências Rurais', nº 101, Lisboa, 2012.

OASE #75*, '25 years of Critical Reflexion on Architecture'*, Roterdão, 2008.

Punkto nº2, 'Destruição', Porto, 2011.

The Architectural Review, *'Housing Reassessed', nº 1204; Londres, Junho 1997.*

The Architectural Review, *'Housing', nº 1233; Londres, Novembro 1999.*

2G, *'Sergison Bates', nº 34; Barcelona: Gustavo Gili, 1997.*

Trabalhos académicos

TORRES-ANTONINI, Maruja; *'Our Common House: using the built environment to develop supportive communities';* dissertação apresentada como requisito parcial de obtenção do título de Doutorado em Filosofia, UF, Florida, 2001 (disponível em http://etd.fcla.edu/UF/UFE0000360/torres_m.PDF; consultado a 24 de Feveiro de 2019).

JARVIS, Helen; *'The social architecture of self-governance in cohousing: issues and implications';* transcrição da conferência inserida no programa *'Le Studium Conference - Self managed Cohousing: born out of need, or new ways of live?'*; Tours, 12 e 13 de Março, 2012 (disponível em https://www.academia.edu; consultado a 8 de Março de 2019).

Documentos

'Diagnóstico social do Concelho de Almeida', desenvolvido pelo Concelho Local de Acção Social, Novembro de 2016; disponibilizado pelo Gabinete do Município a 20 de Novembro de 2018.

Websites

https://carusostjohn.com/text/a-sense-of-the-organic/

https://carusostjohn.com/text/on-the-edge-of-the-ordinary/

https://kaijima.arch.ethz.ch/

https://oma.eu/projects/venice-biennale-2010-cronocaos

https://onoff.cc/

https://revistapunkto.com/

https://spinfarming.com/whatsSpin/

https://tate.org.uk/art/artworks/beuys-7000-oak-trees-ar00745/

Créditos de Imagem

Por ordem de aparecimento na dissertação

[01] Imagem do arquivo pessoal de José Eduardo Cunha.

[02] Imagem do arquivo pessoal de José Eduardo Cunha.

[03] Imagem do arquivo pessoal de José Eduardo Cunha.

[04] Imagem do arquivo pessoal de José Eduardo Cunha.

[05] Frame capturado (0:11) de www.youtube.com/watch?v=FJtVtUCsKhU (7 de Setembro de 2019).

[06] www.monumentos.gov.pt (7 de Setembro de 2019).

[07] Imagem do arquivo pessoal de José Eduardo Cunha.

[08] Imagem do arquivo pessoal de José Eduardo Cunha.

[09] www.interact.com.pt/26/a-mais-excellente-orta/ (7 de Setembro de 2019).

[10] www.publico.pt/2019/03/02/opiniao/ensaio/rural-1863632 (7 de Setembro de 2019).

[11] www.magnumphotos.com (7 de Setembro de 2019).

[12] www.evasoes.pt/ar-livre/uma-nova-forma-de-conhecer-a-maia/ (7 de Setembro de 2019).

[13] www.monumentos.gov.pt (7 de Setembro de 2019).

[14] Imagem do arquivo pessoal de José Eduardo Cunha.

[15] Frame capturado (0:10) de www.arquivos.rtp.pt (8 de Setembro de 2019).

[16] www.gerhard-richter.com (8 de Setembro de 2019).

[17] www.madamasr.com (8 de Setembro de 2019).

[18] www.karltayloreducation.com (9 de Setembro de 2019).

[19] www.archiveofaffinities.tumblr.com (8 de Setembro de 2019).

[20] www.gweniverextondocumentary.wordpress.com (8 de Setembro de 2019).

[21] **KRIES**, Mateo; **MÜLLER**, Mathias; **NIGGLI**, Daniel; **RUBY**, Andreas; **RUBY**, Ilka; [et al.]; *'Together! The New Architecture of the Collective'*; Berlim: Ruby Press, 2017.

[22] www.lempertz.com (8 de Setembro de 2019).

[23] **KRIES**, Mateo; **MÜLLER**, Mathias; **NIGGLI**, Daniel; **RUBY**, Andreas; **RUBY**, Ilka; [et al.]; *'Together! The New Architecture of the Collective'*; Berlim: Ruby Press, 2017.

[24] www.bmiaa.com (8 de Setembro de 2019).

[25] **KRIES**, Mateo; **MÜLLER**, Mathias; **NIGGLI**, Daniel; **RUBY**, Andreas; **RUBY**, Ilka; [et al.]; *'Together! The New Architecture of the Collective'*; Berlim: Ruby Press, 2017.

[26] Frame capturado (2:53) de www.mvd.org (8 de Setembro de 2019).

[27] **TAVARES**, Gonçalo M.; *'Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens'*; Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

[28] **KRIES**, Mateo; **MÜLLER**, Mathias; **NIGGLI**, Daniel; **RUBY**, Andreas; **RUBY**, Ilka; [et al.]; *'Together! The New Architecture of the Collective'*; Berlim: Ruby Press, 2017.

[29] **KRIES**, Mateo; **MÜLLER**, Mathias; **NIGGLI**, Daniel; **RUBY**, Andreas; **RUBY**, Ilka; [et al.]; *'Together! The New Architecture of the Collective'*; Berlim: Ruby Press, 2017.

[30] Desenho do arquivo pessoal.

[31] **KRIES**, Mateo; **MÜLLER**, Mathias; **NIGGLI**, Daniel; **RUBY**, Andreas; **RUBY**, Ilka; [et al.]; *'Together! The New Architecture of the Collective'*; Berlim: Ruby Press, 2017.

[32] www.flickr.com (8 de Setembro de 2019).

[33] www.socks-studio.com (9 de Setembro de 2019).

[34] www.arcspace.com (9 de Setembro de 2019).

[35] www.moma.org (9 de Setembro de 2019).

[36] www.topalovic.arch.ethz.ch (9 de Setembro de 2019).

[37] www.mariariusruiz.tumblr.com (9 de Setembro de 2019).

[38] www.archiveofaffinities.tumblr.com (10 de Setembro de 2019).

[39] www.thisisnthappiness.com (10 de Setembro de 2019).

[40] www.archiveofaffinities.tumblr.com (10 de Setembro de 2019).

[41] www.ofhouses.tumblr.com (9 de Setembro de 2019).

[42] www.docevecesdoce.wordpress.com (10 de Setembro de 2019).

[43] www.ofhouses.tumblr.com (10 de Setembro de 2019).

[44] Desenho do arquivo pessoal.

[45] Frames capturados (0:56, 1:06 e 2:18) em www.assemblestudio.co.uk (10 de Setembro de 2019).

[46] www.architectsjournal.co.uk (10 de Setembro de 2019).

[47] www.pikove.com (10 de Setembro de 2019).

[48] **ALVES COSTA**, Alexandre; [et al.]; *'Só nós e Santa Tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez'*; Porto: Dafne, 2008.

[49] www.ofhouses.tumblr.com (10 de Setembro de 2019).

[50] ----------

[51] Imagem do arquivo pessoal de José Eduardo Cunha.

Nota editorial:

Os elementos gráficos apresentados nos anexos da presente dissertação foram produzidos e/ou registados pelo autor da presente dissertação.